No Castelo da Escócia

2

Romance do espírito
J.W. ROCHESTER

Psicografia de
WERA KRIJANOWSKAIA

LÚMEN EDITORIAL

V. I. Kryjanovskaya

(Rochester)

No Castelo da Escócia

(romance ocultista)

Trilogia — Livro 2

Editora M. Didkovsky — Riga
R. Krepostnaya, 43/45 – Riga — 1929

~~

*Então respondeu Satanás ao Senhor:
Porventura teme Jó a Deus debalde? Acaso
não o cercaste de bens, e a sua casa, e a
tudo quanto tem? A obra de suas mãos
abençoaste e o seu gado está aumentando
na terra. Mas estende a tua mão, e toca-
lhe em tudo quanto tem, e verás se não
blasfema contra ti na tua face!*
Jô, I, 9, 10 e 11.

~~

A SEGUNDA VIAGEM PELA LITERATURA DE ROCHESTER...

A LÚMEN EDITORIAL tem o prazer de passar às suas mãos, leitor amigo, o segundo romance de J.W ROCHESTER, NO CASTELO DA ESCÓCIA, que compõe a sua fantástica trilogia de emoção e suspense. O primeiro romance da série é O TERRÍFICO FANTASMA; o terceiro livro, que finaliza a trilogia, é DO REINO DAS SOMBRAS.

Com psicografia da médium russa WERA KRIJANOWSKAIA, CONDE DE ROCHESTER, espírito, nos conduz, através de sua talentosa imaginação, a um mundo de sentimentos, tensão e ternura, ingredientes indispensáveis ao texto rochesteriano.

Traduzidos por Dimitry Suhogusoff, os romances desta trilogia guardam os mesmos pontos e vírgulas dos originais russos, graças ao meticuloso trabalho de "garimpagem" lingüística efetuada pelo tradutor.

Necessariamente, a LÚMEN EDITORIAL pode não concordar com alguns conceitos e opiniões emitidas pelo autor espiritual. Porém, julga de fundamental importância para o registro da História trazer à luz o texto tal qual foi criado pelo seu autor.

Os editores

~I~

Era véspera do Natal; os sinos do campanário de Duma[1] bateram cinco e meia. O tempo permaneceu úmido e frio no decorrer do dia inteiro e, à noitinha, do mar começou a soprar um vento glacial do norte. Flocos graúdos e úmidos de neve fustigavam os rostos dos transeuntes. Apesar da intempérie, Gostínyi Dvor[2] , àquela hora, estava apinhado de gente: os petersburgueses, ricos e pobres, faziam suas compras de Natal. À luz bruxuleante das lanternas elétricas cobertas por película da neve em queda, entravam e saíam trenós e coches, particulares e contratados. No interior das galerias, porém, a luz era profusa, iluminando as ricas paredes especulares das lojas, percorridas por gente de rosto grave, carregando pacotes. Acomodadas sob as abóbadas, algumas mulheres e crianças vendiam modestos ornamentos para árvores de Natal: serpentinas douradas e prateadas, estrelas de vidro, brinquedos de madeira...

Na esquina da avenida Nevsky e rua Perínnaya, defronte à capela do Salvador e recostada no poste de iluminação, uma jovenzinha parada, pobremente vestida, era foco de atenção de homens passantes. Sua blusa de veludo surrada, fora de moda, delineava-lhe a figura esbelta; do gorro de pele sovado escapavam para a testa e as têmporas as negras madeixas, tirante alcatrão; o rosto acetinado e pálido, azulado do frio, era original e

respirava resolução sombria; nos lábios descorados congelara-se, naquele minuto, uma expressão de sofrimento. Numa das mãos ela segurava uma toalha de mesa em estilo russo, bordada em seda, e panos de prato orlados de renda. A pobre moça aparentemente estava exausta; suas mãos, enrijecidas e azuladas do frio, tremiam. Mais com gestos do que com as palavras, ela oferecia a sua mercadoria, todavia a multidão azafamada passava indiferente ao largo, lançando-lhe olhares de esguelha. Sua ansiedade, pelo visto, deu lugar à apatia e à total indiferença, pois ela estava alheia à presença de um homem parado a alguns passos, que a observava atentamente.

Era um jovem envergando uma rica peliça, cuja palidez cadavérica e olhos afundados apontavam uma saúde debilitada. Ele vagava desanimado em passadas lentas sob a colunada, quando a jovem moça lhe chamou a atenção. Já de primeiro olhar, ele atinou tratar-se não de uma pobre ordinária: alguma circunstância fatídica trouxera ali aquela moça encantadora, provavelmente de origem aristocrática. Ademais, ela não podia ser uma jovem depravada, pelo fato de ali tiritar honestamente, vendendo os remanescentes do fausto extinto ao invés de passear de carruagem, negociando sua beleza estonteante. Após refletir por instantes, o desconhecido aproximou-se dela.

— Está vendendo essas toalhas? — perguntou em voz funda e sonora.

Ela estremeceu e ergueu para ele o olhar súplice e cansado.

— Sim. Compre, por amor a Deus, ao menos um pano e me pague o que puder! Estou realmente exausta — lamuriou-se.

— Espanta-me e causa pena o fato de que a senhora não tenha uma atividade mais lucrativa. A senhora me parece uma pessoa intelectual e, sem dúvida, tem uma formação que poderia lhe propiciar um sustento melhor.

— É verdade. Infelizmente estamos arruinados, mas tive uma boa educação: sei francês, alemão e inglês, e pretendia ga-

nhar o pão de cada dia de modo diferente. Apesar de meus esforços, não consegui arrumar um emprego: tudo está preenchido, não há vagas. Quem é pobre e sem proteção, acaba sempre recusado — concluiu ela, com amargor.

Ao notar que o desconhecido ficou meditativo, ela acresceu suplicante:

— Por favor, compre alguma coisa!

— Claro, eu vou comprar. Vou levar um pano de prato e, além disso, oferecer-lhe um emprego. Não gostaria de trabalhar como minha leitora? Não tenha receios, nem pense nada de mal. Sou um homem doente — sofro do coração — e procuro alguém que leia em línguas estrangeiras; o pagamento é cinqüenta rublos por mês. Pense nisso e, talvez, fechemos o acordo!

Ele pegou a carteira, extraiu um cartão de visita e dinheiro e estendeu-os à vendedora. A um gesto seu, o cocheiro que aguardava aproximou-se e a parelha veloz levou o desconhecido embora.

Atônita, a jovem ficou por algum tempo imóvel, acompanhando com o olhar o coche sumindo; mas uma forte rajada de vento frio fê-la voltar à realidade.

— Ah, tivesse ele me dado ao menos uns três rublos! — pensou arrepiada, começando a embrulhar sua mercadoria. Mas, próxima a uma vitrine, quando examinou o dinheiro recebido, quase não conteve um grito: na mão ela segurava uma nota de cem rublos.

— Não teria ele se enganado? — perguntou-se, assustada. — Acho que não. Ele tirou da carteira o cartão e o dinheiro com muita segurança. Não, não — foi um ato generoso.

Feliz, esquecida do frio e de todos os desgostos do dia difícil, ela entrou numa loja de brinquedos e comprou uma boneca e uma caixa de tintas, trocando a nota de cem rublos; depois fez outras compras: um xale, luvas para frio, uma pequena árvore de Natal, bombons e doces, chá, café e cacau. Aparentemente,

estava acostumada a viver bem, pois fazia as compras com naturalidade. Tendo gasto doze rublos e sem condições de levar mais pacotes por causa do peso, chamou um coche.

O cocheiro parou diante de um prédio de madeira num dos quarteirões do subúrbio da cidade. Junto ao portão, uma menina aparentando doze anos, trajando um vestido surrado xadrez, cheio de buracos, saltitava de uma perna para outra para se aquecer.

— Oh, finalmente você veio! Estávamos preocupados; sua mãe até chorou, achando que algo lhe acontecera. Meu Deus, quantos pacotes! Até uma árvore de Natal! — exclamou a menina, toda radiosa.

— Rápido, Kátia, enquanto eu pago o cocheiro, leve uma parte dos pacotes; também comprei-lhe algo. Vá, já estou indo!

Depois de acertar a conta com o cocheiro e tendo pegado os embrulhos restantes, ela abriu a porta de entrada e dirigiu-se ao primeiro piso. Na escada, topou com um menino de uns treze anos, que se prontificou a carregar as compras.

— Pelo jeito você vendeu tudo e comprou um monte de coisas. Mas como demorou! Você saiu às dez horas.

— Tive uma sorte incrível. Não há luz em casa?

— Não, estamos sem querosene. Estou com fome; não comemos o dia inteiro — queixou-se o menino.

— Eu sei, Pétia, mas agora teremos um belo jantar. Pegue estes cinco rublos e vá buscar querosene, lenha, pão e salsichas.

O menino partiu correndo e a recém-chegada entrou no quarto, onde por ela aguardavam a mãe e a irmã de oito anos.

— Você me deixou preocupada, Mery. Ficou fora o dia inteiro — disse a mãe, uma senhora de meia-idade, beijando a filha. E para que você gastou tanto? — acrescentou, apontando os pacotes dispostos na mesa.

— Não se preocupe com os gastos, mamãe; só comprei o necessário. Depois lhe conto tudo, agora só penso em me aquecer. Vamos tomar um copo do Madeira.

Meia hora depois, com fogo alegre crepitando no fogão e lamparina ardendo sobre a mesa, toda a família, sentada em frente do samovar, comia e servia-se do chá. Refestelada da bebida, Mery mandou o irmão e a menina que trabalhava de empregada comprarem carne e tudo o mais para o almoço do dia seguinte. A pequena Nita quis acompanhá-los também. Assim que as crianças saíram, Mery pôs-se a ajudar a mãe a enfeitar a árvore natalina e lhe relatou a aventura em Gostínyi Dvor.

— Que Deus abençoe aquele bom senhor! A oferta dele seria nossa salvação, se não houver más intenções; receio que algo de sujo aí se espreite — observou Suróvtseva.

— Não creio, mamãe. Ele pareceu-me uma pessoa séria, aliás, muito doente, com olhos afundados e tez muito pálida.

A propósito, estou com seu cartão. Vamos ver o nome dele!

Ela foi buscar a bolsa e de lá tirou o cartão de visita. “Oscar Van der Holm”

— O nome não diz nada; agora, aqui há algo de estranho — observou Suróvtseva, apontando para estrelinhas de cinco pontas na base do cartão e para o endereço: “Ilha das Pedras — casa própria”.

— Deve ser um estouvado qualquer, necessitando de uma leitora e secretária. Mas, sem dúvida, ele tem bom coração. Acho que, no segundo dia do feriado, você deve por carta perguntar quando ele pode recebê-la.

— Sim, mamãe. Seria tolice não aproveitar esta oportunidade.

Animadas com a nova esperança, a mãe e a filha puseram-se a arrumar a casa, que consistia de uma minúscula cozinha escura e dois pequenos cômodos, quase sem mobília. Quando as crianças voltaram com as provisões, o ambiente tinha aspec-

to festivo: as velas da árvore de Natal ardiam alegremente, iluminando os presentes e as guloseimas; havia muito tempo que a pobre família não ia dormir bem alimentada, feliz e cheia de esperanças.

Diremos algumas palavras sobre a onda de infortúnios que assolou a vida da pobre Mery, subtraindo-lhe de vez o homem amado, o patrimônio e a posição social. Logo após a mudança para uma rua erma nos arredores de Vyborg(3), obrigadas a deixarem um prédio luxuoso onde viveram felizes e despreocupados, Anna Petrovna adoeceu gravemente e os parcos recursos que sobraram da ruína foram gastos em médicos e remédios. Sua recuperação foi muito lenta, tendo-se iniciado então uma luta humilhante pela sobrevivência cheia de privações, quando muitas famílias empobrecidas, atiradas fora de seu meio, ficam à deriva por algum tempo e desnecessárias a quem quer que seja, no meio dos vagalhões incertos da vida, até que estes não os engulam.

Para o grande mundo em que viviam, os Suróvtseva, “afundados”, simplesmente deixaram de existir; ao mesmo tempo ficaram patentes, em toda a sua nudez, o egoísmo, a insensibilidade e a torpeza descerimoniosa humana em relação àquela gente que, ao perder sua antiga posição social, resumia-se a um maçante fardo sugerindo receios: “e se acontecer de cuidar deles... e se for preciso ajudá-los?” Ninguém se interessou em como haviam se arrumado os infelizes, desorientados num mudo torpor, vez ou outra atingidos por uma nova desgraça.

Mal Anna Petrovna começou a se levantar da cama, teve de tirar o filho do corpo de cadetes. Orgulhoso, o menino não conseguiu suportar o tratamento de indulgência piedosa de seus colegas; não era fácil aceitar a sua posição de pobre num lugar onde tinha sido conhecido como rico, quando voltava de férias escolares em carruagem própria. Sua manutenção no colégio pago era insustentável devido aos parcos recursos da família.

Cedendo aos clamores do filho, Suróvtseva levou o menino para casa — o que diminuiu os gastos com ele.

Mery sentia-se muito infeliz após a morte de Zatórsky; mas, só depois que ela se viu à míngua numa casa humilde no subúrbio de Vyborg, compreendeu que existiam desgraças piores. Como que tomada por torpor, ela não conseguia sequer chorar e ficava, por vezes, horas a fio sentada junto à janela olhando, com os olhos secos, para o pátio sujo e estreito onde brincavam ruidosamente os filhos do zelador e dos inquilinos, na maioria operários. Mery, todavia, tinha uma natureza altiva e enérgica. Tão logo viu que os poucos objetos remanescentes iam desaparecendo na casa dos penhores, ela dominou-se, sacudiu a apatia e decidiu trabalhar.

Na prática, porém, era diferente. Para trabalhar, precisava-se, é claro, encontrar um emprego — o que é difícil amiúde numa cidade grande, onde a demanda excede a oferta. Não vamos esmiuçar as extenuantes e inúteis peregrinações, recusas rudes ou ofertas indecorosas a que se sujeitou a moça. Resumindo: sua aflição beirava o desespero, quando veio uma ajuda inesperada.

Um acaso fê-la encontrar sua ex-professora de francês. Esta era uma mulher aparentando trinta e cinco anos, feia e doente, que se desdobrava em sustentar a mãe e a irmã inválida. Conhecendo bem o que era passar por necessidades e lutar pela sobrevivência, a ex-professora compadeceu-se da infeliz família. Anna Petrovna Suróvtseva, assim como a filha, sempre fora boa com ela e, nos tempos de bonança, vivia ajudando sua velha mãe e a irmã doente. Ela ficou feliz em reencontrar a ex-aluna e, poucos dias depois, foi visitá-la em casa. Ao saber que Mery procurava por trabalho, prometeu-lhe arrumar traduções, e manteve a palavra. Mery começou a traduzir romances da atualidade e sumários da imprensa estrangeira para uma revista. Enquanto o trabalho sobejava, a remuneração era ridícula; de

qualquer forma era melhor do que nada. Neste ínterim, Anna Petrovna, também com o auxílio de uma alma boa, começou a bordar para uma loja, de modo que a vida melhorou um pouco. O pior de tudo era que, tendo antes uma situação sossegada e acostumadas a não medir gastos, nem a mãe nem a filha conseguiam viver com recursos exíguos. Por vezes, num dia era gasto o dobro do que deveriam, faltando o mínimo necessário para o dia seguinte. Ademais, explorava-se impiedosamente o trabalho das pobres mulheres sem experiência de vida e que não tinham coragem de protestar contra as exigências indignas. Bem ou mal, a relativa prosperidade da família durou pouco mais de um ano, quando então se seguiram novos infortúnios. O primeiro foi a morte de Aksínia, que compartilhava de todas as amarguras dos Suróvtsev; ela teve uma forte gripe, contraiu tifo e, dias depois, morreu no hospital. Neste ínterim, o jornalzinho se fechou e Mery perdeu o cargo; sua boa ex-professora havia viajado com a família ao interior, onde arrumou uma colocação. Para culminar, Anna Petrovna teve conjuntivite e não pôde trabalhar. A penúria, em toda a sua forma repulsiva, instalou-se na casa; na alma enraivecida de Mery já se prenunciava uma tempestade. Durante todo aquele período, ela teve de engolir inúmeros remoques ao reencontrar seus velhos "amigos". Alguns nem se dignavam a cumprimentá-la ao passarem de carruagem, outros, ainda que a reconhecessem, diziam estar "ocupados" ou açodados por compromissos, mas jamais alguém a convidou em casa. O incidente que mais a revoltou foi o que se segue.

Três ou quatro anos antes, uma dama conhecida de sua mãe, ao se ver temporariamente em situação difícil, emprestou de Suróvtseva trezentos rublos, comprometendo-se a devolvê-los em dois meses. O acerto não se sucedeu e Anna Petrovna até se esqueceu da dívida, quando encontrou no meio da papelada a carta da devedora, agradecendo o empréstimo e prometendo saldá-lo o mais rápido possível. Feliz com a expectativa, Anna

Petrovna escreveu para a dama, pedindo-lhe para enviar ao menos a metade da dívida. Mãe e filha contavam com aquele dinheiro para assumir certos dispêndios, no entanto, a carta que dela receberam deixou-as perplexas. Usando expressões vulgares e revoltantes, a dama informava já haver pago a dívida no prazo avençado, dizendo que jamais esperaria uma extorsão desavergonhada após quatro anos, arrependendo-se de não ter pedido a quitação por escrito. Se lhe tivessem solicitado alguma ajuda, ela de bom grado enviaria uma pequena importância; mas, agora, receando cair numa trapaça com "gente descerimoniosa", pedia não ser mais importunada com aquele tipo de mensagens.

Um ódio desabrido instalou-se no coração de Mery e sua antiga fé singela deu lugar a um surdo rancor contra Deus e o destino. Por que o destino a punia? O que ela fizera para merecer tal castigo do Céu? Enquanto suas antigas amigas batiam as asas nos bailes e nas festas, cercadas de luxo e admiradores, ela estava metida num buraco, passando por necessidades e trabalhando feito condenada, com risco de morrer de fome e frio... De sua alma foi-se apoderando o ódio contra a estreita e abjeta sociedade que as riscou de seu convívio, e contra aqueles brilhantes cavalheiros que supostamente a amavam, cujo amor se volatilizara tal como os milhares de rublos de seu dote. Mimalho da fortuna, ela não estava preparada para as vicissitudes da vida: o presente era um inferno, o futuro — um abismo insondável.

Aproximava-se o Natal(4). Porém, a festa da límpida e memorável descida à Terra do Mensageiro Divino de paz e amor, a qual deveria instalar alegria e luz, era para os Suróvtsev uma tortura, cuja única saída era a morte. Todos os recursos de sobrevivência estavam esgotados; deviam dois meses de aluguel, a lenha tinha acabado e avizinhavam-se os festejos natalinos, quando era impossível achar algum trabalho. O senhorio havia

declarado que, se até o dia primeiro de janeiro não lhe fosse pago pelo menos um mês de aluguel, ele os poria na rua. Com olhos úmidos de lágrimas, Mery examinou seus bens despretensiosos: quem sabe se acharia algo para vender ou empenhar? Ela pôs de lado, sem abrir, sua caixa de madeira repleta de lembranças, cartões, bugigangas, ovos de Páscoa, entre outras coisas, quando viu no fundo da cesta, embaixo de pequenos cortes de fazenda, meia dúzia de panos de prato de linho, bordados e orlados de renda. A mãe os bordara para seu enxoval, quando ela tinha dezessete anos; Mery sempre relutara em se desfazer deles, de modo que até se esqueceu de sua existência. Ela decidiu então vendê-los, se lhe dessem um terço do que valiam — dois rublos a unidade; com doze rublos daria para passar as festas. Agora já era tarde, mas no dia seguinte, na véspera do Natal, ela iria a Gostínyi Dvor e ofereceria os panos para alguma loja. Se ali não conseguisse vender, tentaria oferecê-los aos transeuntes, numerosos nessa época do ano. Mal humorada, sentou-se perto da janela e mergulhou em devaneios: seus projetos feriam-lhe o coração orgulhoso e rebelde, fazendo-lhe afluir recordações que lhe causavam dores quase físicas.

Nos tempos idos, o Natal era o dia mais festejado. Ela se via enfeitando a árvore natalina num salão amplo, guarnecido de móveis dourados, estofos de cetim, bordados de flores. Recordava-se também de suas idas de carruagem a Gostínyi Dvor para fazer compras; mas, na época, não tinha problemas e passava indiferente por entre os pobres parados junto à colunada oferecendo aos transeuntes sua humilde "mercadoria". Jamais lhe sobrava dinheiro para comprar algo daqueles desventurados, tiritando de frio, na esperança de ganhar algum níquel para comprar pão. E, se amanhã toda aquela gente esnobe passasse por ela indiferente, sem ao menos dignar um olhar para seus panos bordados? Assaltaria a alguém a idéia de que no porvir tenebroso se espreita a Nêmesis[5], que, talvez, os fizesse passar

pelos mesmos suplícios, embaixo daquelas arcadas? Suspirando pesadamente, Mery enterrou o rosto nas mãos. Durante esses dois últimos anos ela só não pensou em Deus! Nenhum arrebatamento ao Pai Celeste ou aos santos, protetores de todos os sofredores, acalentava seu coração atormentado. Ao contrário, ela censurava o Céu por injustiça e crueldade; ferviam nela ódio, indignação e amargura espantosos. Foi com esse estado de espírito que ela partiu no dia seguinte para Gostínyi Dvor, onde o acaso a fez conhecer Van der Holm.

A resposta à carta de Mery não se fez esperar. Van der Holm informava que a esperava dali a dois dias, das treze às dezesseis horas.

No dia marcado, Mery colocou suas novas luvas e o traje de luto, resgatado da penhora na véspera, e pôs-se a caminho acompanhada pelo irmão, pois não queria ir sozinha. Pétia deveria aguardá-la junto ao portão.

A viagem foi longa e o local era isolado. A casa ficava no fim de uma travessa, em meio a datchas circundadas por jardins e cercas de madeira. Era um prédio alto de alvenaria, cercado por enorme jardim. O cocheiro parou diante de um portão gradeado de bronze, de onde partia uma ampla alameda varrida meticulosamente da neve e coberta de areia, levando ao umbral. Por entre os galhos neviscados, viam-se janelas com estores de seda vermelha abaixados, sendo algumas guarnecidas de grades. Sobre a casa repousava um selo de tristeza angustiante.

— Fantasia estranha desse ricaço: esconder-se nos confins da cidade! — balbuciou Mery, preocupada, esquadrinhando em volta. — Fique andando, Pétia, para não se resfriar; tentarei voltar o mais breve possível.

O portão de entrada estava destrancado. Mery atravessou a alameda e tocou a campainha da porta, acima da qual, numa placa de cobre, via-se escrito: “Oscar Van der Holm, doutor em teosofia”.

Um minuto depois, a porta de madeira maciça foi aberta e o mordomo, de libré escura e elegante, deixou-a entrar no vestíbulo. Era um homem de meia-idade, de rosto magro e malares salientes, barba grisalha, olhos escuros e penetrantes; Mery estremeceu sob o olhar perquiridor. Enquanto o criado lhe tirava o casaco, Mery, angustiada, examinou o ambiente.

O vestíbulo era bastante amplo, com paredes revestidas de papel velho; nas laterais, apoiados nos pedestais, perfilavam-se os bustos brônzeos de sátiros, monstros corcundas e cabeças de animais. O ar recendia cheiro acre e penetrante. No fundo da peça, uma escada com balaústre de bronze trabalhado, coberta de tapete negro, levava ao segundo pavimento; o criado, porém, instruiu a visitante a entrar pela porta lateral do térreo. Após atravessarem um salão e, depois, uma biblioteca abarrotada de livros nas estantes altas e cinzeladas, finalmente ele abriu uma pesada porta de carvalho e suspendeu um reposteiro franjado. Mery parou estupefata. Pareceu-lhe ter-se transportado ao gabinete do doutor Fausto, tal como o representavam nas pinturas. As paredes ali eram revestidas por lambris de madeira, todos os móveis, em estilo gótico; os reposteiros, os estofos e as toalhas de mesa, em pelúcia violeta. Num canto, sobre um pedestal de rocha negra, delineava-se em tamanho natural a estátua de Satanás sentado, de olhar vivo e rosto respirando expressão demoníaca, cruelmente escarnecedora. Através da alta janela gótica com vidros coloridos filtrava-se a luz do sol invernal, reverberando em diversos objetos estranhos que se amontoavam sobre uma mesa grande, diante de uma poltrona onde estava sentado o próprio anfitrião.

Ele se levantou e estendeu a mão para a jovem visitante; Mery arrepiou-se do gélido contato e olhou para ele perscrutadora. Agora, ele lhe parecia mais alto e mais jovem do que quando vestia a peliça. Era um homem com menos de quarenta anos, magro e bem talhado, rosto bonito e regular, cuja palidez

cérea era acentuada pelos cabelos negros; a expressão dos e-normes olhos, afundados entre os cílios densos, era enigmática; não obstante, nos lábios descoloridos rutilava um sorriso amistoso.

— Queira se sentar! — disse ele, apontando uma poltrona para Mery. Quando ela balbuciou algumas palavras de agradecimento por sua generosidade, ele a interrompeu:

— Por favor, não fale mais disso! Se eu pude lhe proporcionar alguma satisfação com essas ninharias, fico infinitamente gratificado. Vamos direto ao assunto — acrescentou ele, afável. — Devo preveni-la que sou um ocultista e leio exclusivamente obras de magia. Interessam-me muitíssimo as ciências ocultas que tratam do mundo do além e das forças desconhecidas da natureza. Tal como Hamlet, eu creio que entre o Céu e a Terra existe muita coisa de que não suspeitam os "cientistas" titulados; entretanto, constranger-me-ia a presença nos meus estudos de uma pessoa manifestamente incrédula, como é a maior parte de nossos jovens modernos; eles teriam escarnecido de mim à surdina e me tomado por desvairado. Confesso até que, por certos motivos, eu procurava justamente uma mulher que trabalhasse de leitora. Como vê a senhora, sou bem franco. Assim, se a minha proposta não a constrange, poderemos ser bons amigos.

— Absolutamente, terei imenso prazer de ler livros de ocultismo, pois sempre me interessei pelo tema. Aliás, devo acrescentar que, há uns dois anos atrás, fui testemunha de fenômenos muito estranhos — impossíveis, eu diria — e até hoje não consegui lhes dar uma explicação. Talvez o senhor, um especialista nessas questões, possa me explicar essas leituras e eu ficaria grata se o senhor, mais tarde, interpretasse aqueles estranhos e terríveis acontecimentos por mim testemunhados.

— Excelente! Tenho a impressão de que foi um bom gênio que a enviou para mim! — exclamou Van der Holm. — Sem dú-

vida, eu lhe explicarei tudo que desejar e estou feliz por ser útil. No que diz respeito aos fenômenos vistos, a senhora poderá descrevê-los depois e nós os analisaremos com cuidado. Confesso que, para os meus estudos, os fatos vividos por testemunhas fidedignas são mais valiosos do que os narrados em livros. Em vista do que eu disse, Maria Mikháilovna, espero que a senhora não se recuse a ser minha secretária. Eu gosto de ditar as conclusões de meus trabalhos; porém, acredite, não quero abusar.

— O senhor pode ficar certo de que farei o possível para deixá-lo contente comigo.

— Então está acertado: a senhora será minha secretária e leitora; uma vez que assume dupla função, é justo que eu lhe pague em dobro. Seu salário será de cem rublos por mês, com direito a folga nos feriados.

Mery se sentia no sétimo céu e agradeceu lacrimosa. Ali mesmo eles combinaram que ela viria trabalhar já na próxima segunda-feira — dali a três dias —, das três horas da tarde às nove da noite. Ao saber onde Mery morava, Van der Holm acrescentou:

— Sua casa fica muito longe e vir a este ermo seria arriscado para uma jovem sozinha, à noite. Façamos o seguinte: o meu coche está quase sempre desocupado, pois saio raramente; eu mandarei o cocheiro buscá-la e levá-la para casa. Assim sua mãe não ficará preocupada.

Ao se despedir e apertar a mão fria de seu novo patrão, um arrepio gélido perpassou seu corpo. "Ele deve estar muito doente; Deus sabe por quanto tempo eu terei esse magnífico salário", pensou, meio aflita.

(1) Parlamento. (N.T.)
(2) Pátio com galerias de lojas. (N.T.)
(3) Cidade russa às margens do golfo da Finlândia. (N.T.)
(4) O Natal dos cristãos ortodoxos é comemorado no dia sete de janeiro. (N.T.)
(5) Deusa grega da vingança e justiça implacável e punitiva, mas consoladora dos humildes e desprezados. (N.T.)

~II~

No dia estabelecido, o coche de Van der Holm estacionou junto à casa de Suróvtseva, e Mery acomodou-se no carro acompanhada por olhares curiosos dos familiares e demais habitantes do prédio. Ela estava feliz e tranqüila, sabendo que a família se encontrava de barriga cheia, o fogão aceso, e que o senhorio não viria insultar sua mãe e ameaçá-la jogar para a rua; ao se ver; entretanto, sozinha com o novo patrão, seu coração ficou opresso. Mas Van der Holm portava-se com tanta discrição e, ao mesmo, era tão amável, que ela se tranqüilizou, pensando apenas em executar bem a sua tarefa.

Após ditar algumas cartas e um opúsculo sobre o sonambulismo e estados de hipnotismo profundo, baseados em diversos registros, Oscar Van der Holm comunicou a Mery a intenção de editar um livro de ciências ocultas e forças invisíveis da natureza.

— Para isso — acresceu ele —, eu quero, primeiramente, selecionar em capítulos o material pronto e distribuído em numerosos apontamentos; subtrairemos também súmulas de diferentes livros, que preciso ler; assim, Maria Mikháilovna, queira me acompanhar à biblioteca.

Para surpresa de Mery, eles se dirigiram não à biblioteca ao lado do gabinete, mas ao quarto contíguo. O dia curto de inver-

no se extinguia e já estava escuro; Van der Holm acendeu luz elétrica. Com curiosidade pusilânime, Mery esquadrinhou o estranho cômodo.

Era uma sala ampla com paredes guarnecidas por prateleiras contendo livros novos e velhos; num dos cantos havia uma pequena fornalha com retortas e cubos, parcialmente encoberta por cortina preta; no centro ficava uma grande mesa redonda, atravancada de revistas e livros. Indubitavelmente, só um neuropata semelhante ao estranho anfitrião da casa poderia sentir-se confortável no meio daqueles terríveis adereços que Mery então viu. Ao lado da porta para o quarto vizinho, havia dois esqueletos, cuja brancura reluzente se destacava no fundo negro dos reposteiros de veludo. Um dos esqueletos segurava uma bandeja com botelha e um copo em cima; o outro — uma luminária. Suas órbitas ocas embutiam lampadinhas elétricas que, em luz purpúrea funesta, iluminavam parte da sala mergulhada em sombras.

O dono da casa parecia alheio ao pânico estampado no rosto pálido da jovem. Ele se acomodou calmamente na poltrona e começou a folhear um livro; Mery não ousou fazer nenhum comentário e também se sentou calada. Ela estava de costas para os esqueletos, quando, subitamente, um arrepio percorreu-lhe a espinha. Por debaixo da mesa esgueirou-se um enorme gato preto que, saltando no braço da poltrona de Van der Holm, pregou em Mery seus olhos verdes fosforescentes.

— Meu Deus, que olhar terrível e cruel tem esse bicho; sua expressão é quase humana! — observou Mery, virando-se involuntariamente para o lado.

O rosto de Oscar franziu com sorriso enigmático. — A senhora acha isso? — disse, afagando o gato.

O bichano pulou sobre o espaldar da poltrona e ali se acomodou; Mery pôs-se a ler o livro a ela estendido. O interesse que lhe excitara a leitura e as explicações de Van der Holm absorve-

ram tanto sua atenção, que ela se esqueceu do medo que lhe sugeria aquele ambiente. Às sete horas, eles passaram ao refeitório e se sentaram à mesa, servida para dois talheres, guarnecida de cristais caros e pratarias. Apesar de excelentemente preparada, Mery quase não tocou na comida. Sem saber os motivos, foi tomada novamente por uma angústia indefinida que lhe tirou o apetite. Após o repasto, a leitura foi retomada, e, às nove horas, o mordomo anunciou que o coche estava servido. Na despedida, Van der Holm estendeu a Mery um envelope.

— Aqui está o seu salário. Eu sempre pago adiantado — observou, gentilmente.

Assim, monotonamente, correram meses e Mery aos poucos se acostumou à estranha atmosfera da casa. Os esqueletos e o gato já não a assustavam; seu interesse por estudos ocultistas cresceu diante do incrível mundo que se lhe descortinava. Encorajada pela boa vontade de Van der Holm, ela fazia freqüentes perguntas sobre assuntos que lhe despertavam interesse. Certa vez, depois do repasto, Van der Holm lhe disse afável:

— Em nosso primeiro encontro, a senhora mencionou ter sido testemunha de estranhos fenômenos ocultos. Não estou com vontade de trabalhar hoje; conte-me o que aconteceu e nós discutiremos o tema.

Ela agradeceu e narrou os acontecimentos em Zeldenburgo: o aparecimento do tigre que, mesmo empalhado, rastejou até ela rugindo e rangendo os dentes; em seguida, descreveu a morte misteriosa de Karl e, finalmente, a assombração do cavaleiro — arauto de maus agouros da família Kosen.

Van der Holm ouviu visivelmente interessado e fez perguntas detalhadas.

— E a senhora diz que o tigre morreu misteriosamente, fulminado com o olhar ou palavra de um iogue?

— Foi o que disse o barão, afirmando também que o animal trazia boa fortuna ao seu dono.

Van der Holm sorriu, mordaz.

— É isso o que acham, mas existem exceções. O tigre de Zeldenburgo provavelmente é algum vampiro da ordem inferior.

E ele contou resumidamente sobre o que sabia dos vampiros, da materialização, etc... Sua exposição sobre o contato dos seres vivos com o mundo invisível, sobre os fenômenos da materialização e mais o que ela havia lido nos livros, ensejaram nela a vontade de pôr em prática um experimento. Apesar das desgraças que se abalaram sobre a família, do trabalho extenuante e constantes preocupações que embotaram o amor por Zatórsky, sua imagem permanecia viva nos recônditos da alma de Mery. Assaltou-a então o desejo de rever o homem outrora tão amado, ouvir-lhe a voz, nem que fosse do túmulo, para certificar-se de não ter sido esquecida, ou, ainda, fazer um contato com o pai, ardentemente amado. Essa estranha vontade manifestava-se tão inteligível em seus olhos expressivos, que Van der Holm disse:

— Seu olhar significativo revela um pedido. Diga, pois, em que posso ajudá-la! Se estiver ao alcance de minhas forças, terei prazer enorme em atender ao seu desejo.

— O senhor adivinhou! — inflamou-se Mery. — Tenho um pedido, mas receio abusar de sua generosidade. O senhor que conhece a magia, diga-me: é possível invocar os mortos e materializá-los, conforme afirmado em seus tratados, que eu passei a limpo?

— Naturalmente. É possível invocá-los.

— Ah! O senhor poderia, por favor, invocar o meu pobre pai e o homem de quem fiquei noiva, morto pelos equívocos cometidos?

— Agora estou fraco — disse Van der Holm, após instantes de reflexão —, mas tentarei atender ao seu desejo amanhã.

— E quem será o médium? O senhor decerto tem alguém.

— Há muitos caminhos que levam a Roma, minha jovem amiga; as invocações por meio de médiuns não são perfeitas, e a elas apelam só os neófitos. Um iniciado, fazendo uso de fórmulas, não precisa recorrer às forças vitais dos seres vivos, incapazes de proporcionar uma materialização perfeita. Avise sua mãe que amanhã a senhora voltará mais tarde para casa.

No dia seguinte, eles trabalharam como de costume. Mery, porém, sentiu todo o tempo o seu corpo pesado e, após o almoço, por duas vezes tonteara-lhe a cabeça.

— Vejo que não está se sentindo bem, Maria Mikháilovna, talvez a expectativa a perturbe. Como quero cumprir a promessa, aconselho-a a descansar um pouco. Vá à saleta ao lado do refeitório e deite-se no sofá; isso acalmará seus nervos. Mais tarde, mandarei chamá-la.

Mery agradeceu e foi ao local indicado. Após ficar deitada por uns dez minutos no sofá macio, adormeceu profundamente, sendo acordada pelo criado. Constrangida, esfregou o rosto com guardanapo embebido em água-de-colônia e seguiu o criado ao laboratório. Van der Holm a aguardava, vergando um traje medieval: calças pretas de seda e camisa de veludo da mesma cor com bordadura de uma estrela e cabeça de Adão; do pescoço pendia um triângulo vermelho.

Quando o criado se retirou, Van der Holm abriu uma porta habilmente disfarçada na parede e introduziu Mery numa pequena sala circular, de cuja lâmpada de teto espargia luz violeta pálida. A saleta estava quase vazia. Havia dois armários de ébano nas laterais; no fundo, alguns degraus davam acesso a um amplo e profundo nicho, encimado por baldaquim, onde também se via uma mesa coberta por toalha branca, sobre a qual Van der Holm depositou os objetos trazidos. Perplexa, Mery notou sobre a mesa um pedaço cru de carne bovina, um pires com líquido escuro e denso e uma massa farinácea, que ela julgou ser um biscoito cru. Diante do nicho estava instalado um altar

coberto por pano vermelho, sobre o qual jazia um livro antigo encadernado em capa de couro surrado, com cantos metálicos, e dois castiças de sete braços: um — com velas vermelhas, outro — com pretas. Ladeavam o altar quatro braseiros de bronze com carvão, sobre os quais Van der Holm despejou ervas secas tiradas das gavetas, regando com um líquido, salpicando de pó branco, acendendo tudo em seguida. Uma coluna de fumaça acre e asfixiante alçou-se agitada.

Van der Holm subiu ao nicho, empurrou uma portinhola e desapareceu dentro da parede. Mery, atônita, viu formar-se atrás do nicho um espaço indefinido e nevoento, iluminado por feixes esverdeados. Van der Holm então retornou, postou-se diante do altar e começou a recitar em voz alta fórmulas cabalísticas, desenhando no ar sinais diversos que se inflamavam por instantes e extinguiam-se com estalido; por fim, ele instou por três vezes: "Mikhail"! "Mikhail"! "Mikhail"!

O espaço umbroso escureceu e como que entrou em ebulição; instantes depois, no fundo verde escuro surgiu uma esfera negra, variegada de ziguezagues vermelhos, e o quarto foi varrido por rajada de vento frio. A esfera começou a girar em seu eixo e, aos poucos, foi-se dilatando, assumindo finalmente um espectro humano, em que Mery reconheceu seu pai. Este curvou-se sobre a mesa e pôs-se a devorar as provisões ali deixadas. Mery ficou paralisada de terror e nojo. O corpo seminu era de um cadáver em decomposição; o rosto enegrecido com os olhos esbugalhados estava deformado como o de alguém morto por enforcamento. A lembrança da morte violenta do pai ainda não se havia apagado da memória de Mery. Porém, a jovem dominou o torpor passageiro.

— Papai, papai! Por que você está assim? Você deve estar sofrendo. Talvez eu possa...

Ela queria completar: "orar por sua alma", mas neste instante uma convulsão constringiu-lhe a garganta, seus lábios

não conseguiam se mover e uma forte dor lancinou-lhe a cabeça.

— Se ele aceitar servir aos senhores do mal, poderá acabar com o sofrimento —, manifestou-se Van der Holm. — Espírito de Mikhail, você quer se libertar de seu corpo putrefato, não ter mais nem fome nem sede e parar de sofrer como os seres terrenos? Sua vida astral, depois do suicídio, é um verdadeiro suplício. A terra e o mundo o olvidaram e o Céu o considera indigno de alçar-se a ele. Somente os senhores do mal poderão aceitá-lo e aliviar-lhe os sofrimentos; mas, para granjear sua proteção, você deverá rejeitar a luz e trabalhar nas trevas.

O espírito se contorcia e gemia surdamente; aparentemente nele se processava uma luta renhida. De súbito, ele se retesou e disse em voz lúgubre:

— Estou cansado de sofrer... Aceito servir às trevas.

Van der Holm tirou debaixo do livro um disco, desenhou nele algo em vermelho, dobrou-o num triângulo e ordenou: — Venha e pise no disco!

O espírito desceu pesadamente.

— Agora, repita comigo! "Juro fidelidade aos sete príncipes do inferno (seguiram-se os nomes). Juro, a partir deste momento, odiar tudo o que antes venerei, e venerar tudo o que antes condenei".

Uma labareda envolveu o espectro que se contorcia e crepitava como se fosse consumido pelo fogo; colunas de fumaça negra e nauseabunda encheram o quarto. Mas, em pouco tempo, tudo se dissipou e volatilizou-se e ali estava um homem, em nada diferente dos seres vivos. Era Suróvtseva, vergando seu habitual traje elegante; apenas seu rosto era mais pálido e nos olhos fulgia uma expressão sombria e perversa.

Ele parou a dois passos da filha, cruzou os braços no peito e deitou-lhe um olhar um tanto estranho.

— Obrigado, Mery, por ter-se lembrado de mim. Mas, por que me chamou através desse poderoso feiticeiro? Bem, o que está feito, está feito; é melhor ser demônio do que sofrer tanto!

Muda de pavor e angustiada, Mery não acreditava no que via: ali estava seu pai em carne e osso. Ela não se atirou, porém, em seus braços como teria feito antes; o pai lhe sugeria um terror insuperável. Mas não havia tempo para refletir, pois Van der Holm gritou imperioso:

— Desapareça e instale-se na cidade satânica. Lá você descansará e encontrará algum trabalho.

Uma nuvem escura envolveu o espectro e, quando a névoa se dispersou, Suróvtseva já tinha sumido de vista. O coração de Mery batia disparado, sua respiração era difícil e ela, cambaleando, recostou-se na parede; Van der Holm havia reiniciado o ritual das invocações e nesse ínterim gritava:

— Vadim!... Vadim!... Vadim!...

Desta vez, todavia, não acontecia nada e o silêncio continuou imperando. Visivelmente surpreso, o invocador retomou o ritual. De súbito, apareceu um ser peludo com cara de macaco, ao qual Van der Holm ordenou que trouxesse o espírito instado. A criatura demoníaca sumiu e o feiticeiro reiniciou o trabalho. Quando já pela nona vez ele berrava em voz sonora o nome de “Vadim”, uma faixa larga de luz azul celeste recortou o ar e, diante de Mery, surgiu uma nuvem fosforescente, em meio da qual se delineou o busto de Zatórsky: ele premia ao peito um crucifixo fulgente e fitava-a com olhar cheio de amor, porém repleto de angústia.

— Mery, Mery, fuja deste lugar fatídico! Você está em poder dos demônios — ouviu-se a voz cara e familiar.

Van der Holm soltou um grito desatinado e a cabeça de Zatórsky desapareceu. Do nicho afluíram multidões de seres esquisitos: metade humanos, metade animais; ouviu-se uma bal-

búrdia desconexa, mas Mery neste ínterim tombava no chão desfalecida.

Como de hábito, ela acordou de manhã em sua própria cama. Sentia-se cansada. Aos poucos, foi-se recordando da noite anterior, mas como viera parar em casa — disso não tinha a menor idéia. Como a mãe não falou nada, Mery informou-se pela empregada da hora de sua chegada; essa, uma moça bonachona e meio estúpida, respondeu de pronto:

— Eram umas onze e meia. A senhora disse estar cansada e foi dormir.

"Que estranho", pensava Mery. "Esqueci completamente como voltei para casa. Lembro vagamente ter presenciado a invocação do papai e Vadim. Lembro também de ter visto a cabeça dele, mas o que ele me disse — não consigo lembrar. Vou ter de perguntar a Oscar."

Por dois dias o coche não foi buscá-la. Ao encontrar novamente Van der Holm, Mery instou-o para contar o que acontecera durante a sessão e, sobretudo, o que lhe havia dito o seu noivo falecido, pois que, infelizmente, ela se lembrava de tudo muito vagamente.

— Minha jovem amiga! — iniciou ele. — A senhora pediu para invocar seu pai e o noivo, mas estava indisposta e foi descansar no sofá, na saleta. Lembra-se? Depois a senhora dormiu e eu, naturalmente, não quis acordá-la. Quando a senhora despertou, já era tarde, e voltou imediatamente para casa. Sua imaginação devia estar muito excitada e a senhora simplesmente sonhou com a invocação e o aparecimento das pessoas que lhe são caras. Assim, por mais que eu queira, não posso explicar-lhe o que viu no sonho. Faremos a invocação outro dia, quando estivermos bem dispostos. Espero que dois dias de descanso a tenham restabelecido.

A resposta deixou Mery constrangida, pois ela se lembrava nitidamente de ter ido à saleta descansar por sentir-se indispos-

ta. Porém, a partir de então, a intenção de tentar invocar os entes queridos despertava-lhe uma aversão incontrolável; ao mesmo tempo, a lembrança do suposto sonho foi-se embaciando e logo apenas ficou uma impressão indefinida de ter visto a cabeça de Zatórsky e ter-lhe ouvido a voz.

Os dias escoavam de modo costumeiro: Mery lia, traduzia ou escrevia, sob ditado de Oscar Van der Holm, a continuação de seu livro. Certa feita, quando ela estava no gabinete procurando um apontamento, seu olhar deteve-se sobre a estátua de Satanás, postada no canto. A incrível vivacidade do semblante do Lúcifer pétreo sempre a intrigou; mas jamais, como naquele minuto, sentiu sobre si os olhos vivos que a fitavam com sorriso perverso. Para retornar à biblioteca, Mery deveria passar pela estátua, e ela se deteve por um minuto para examiná-la. Surpreendida, notou que a estátua não era de mármore, como imaginara, mas de material desconhecido, coberto de lã fina, aveludada e densa; dois olhos verdes coruscantes fitavam-na com expressão lugubremente diabólica. Intrigada, Mery apalpou o pé da estátua e teve a sensação de tocar numa pele macia, sem dúvida de um ser vivo, em cujas veias corria sangue; simultaneamente, picadas abrasantes lancinaram-lhe a mão. Ela soltou um gemido surdo, atirou o corpo bruscamente para trás e teria caído, se um braço forte não a amparasse. Era Van der Holm a fitá-la enigmaticamente.

— Esta estátua é uma espécie de aparelho elétrico e, provavelmente, a senhora levou um choque. Ademais, seus nervos estão à flor da pele nessa atmosfera mística — concluiu, em voz grave.

Mery empertigou-se e enrubesceu.

— Desculpe-me pelo susto idiota! O senhor acredita mesmo o que dizem os livros que estamos estudando? O inferno existe? O senhor já teve alguma prova de sua existência? O senhor viu algo de sobrenatural?

— Sim, o mundo satânico, tal como descrito nos livros, realmente existe, com todas as suas fórmulas estranhas e invocações; toda fórmula não é nada mais que uma campainha elétrica invocando o mundo do além e, quando ela é tocada por uma mão conhecedora, aciona as respectivas forças invisíveis.

Conversando, eles retornaram à biblioteca.

— Maria Mikháilovna! — disse ele inesperadamente, recostando-se à mesa. — A senhora não gostaria de dar um grande passo à frente, aprendendo a governar as forças ocultas? Isto seria interessante, pois colocaria à sua mercê forças terríveis que poderiam lhe trazer a riqueza, o poder, a possibilidade de vingar-se e a força de ordenar, ao invés de ser ordenada. Não gostaria de ser poderosa e livrar-se, para sempre, das privações, tendo à sua disposição os gênios que atenderiam a qualquer ordem sua e que lhe satisfariam qualquer desejo? Ou seja: a senhora gostaria de ingressar naquele estranho e terrível mundo sedutor, protegido pelo dragão guardião?

Mery ouvia, interessada e trêmula.

— Eu gostaria... mas tenho medo — balbuciou, hesitante.

— Oh, o medo pode ser vencido! — sustentou Oscar, com sorriso enigmático.

Ele se aproximou da escrivaninha com as incrustações de madrepérola; tirou da gaveta um estojo de couro vermelho e o abriu. Nele havia um pentagrama esmaltado numa corrente fina de ouro e um anel com ônix, com gravação de um sinal cabalístico.

— O medo é apenas uma sensação tola e estes dois talismãs são eficazes contra a fraqueza dos nervos. Não quer ficar com eles?

— Queria, pois anseio com toda a alma iniciar-me nessa ciência oculta, mas não posso aceitar objetos tão valiosos — murmurou ela, indecisa.

— Não preciso deles, pois já há longo tempo superei o medo — sustentou Van der Holm.

Ele colocou a corrente no pescoço de Mery. Imediatamente, um arrepio gélido percorreu-lhe o corpo; quando então ele lhe pôs o anel no dedo, ela sentiu uma violenta queimadura. Diante de seus pés parecia ter-se aberto um abismo insondável; a cabeça lhe tonteou e ela perdeu a consciência. Ao abrir os olhos, viu-se afundada numa poltrona, enquanto Oscar Van der Holm lhe dava sais para cheirar. Ela se sentia totalmente recuperada e um calor agradável espalhava-se por suas veias. Levantando-se de imediato, ela disse:

— Estou me comportando inadmissivelmente; o senhor não irá querer uma discípula tão fraca — balbuciou, embaraçada.

— Absolutamente. Uma leve fraqueza é natural para alguém de natureza tão impressionável. Se está completamente recuperada agora, é um sinal de que terá forças para mandar no mundo oculto. Quer ver os objetos inanimados se moverem?

— Por favor! Quero ver se perdi o medo.

Van der Holm empunhou o bastão nodoso que carregava no peito, desenhou no ar um sinal, recitou uma fórmula estranha e gritou:

— Ei, esqueleto, venha cumprimentar a senhorita e lhe traga uma ambrósia.

Um minuto depois, ouviu-se o chocalhar de ossos, acompanhado por riso distante; um dos esqueletos dirigiu-se a passos firmes a Mery e curvou-se diante dela. Pondo-se de joelhos, ele destampou uma garrafa de cristal de sua rolha de ouro e verteu no cálice um líquido, denso feito mel, de aroma entorpecente.

Mery assistia a tudo com os olhos arregalados, mas já sem medo — que seria até natural. Ela investigou corajosamente as órbitas do crânio, notando-lhe as lâmpadas elétricas crestando de chamas estranhas. Sob o olhar imperturbável de Van der Holm, Mery pegou maquinalmente o cálice e esvaziou-lhe o con-

teúdo. O gosto do líquido era cáustico e pareceu a Mery que suas veias foram percorridas por uma corrente ígnea. Sua cabeça girou e ela sentiu vagamente Oscar premer os lábios gélidos dele à sua boca ardente; mas essa sensação fora tão fugidia, que ela não conseguiria dizer se ele a beijara realmente. Quando ela ergueu o olhar para o feiticeiro, ele continuava parado no mesmo lugar, pálido e impassível como sempre; apenas em seus olhos escuros havia um fulgor de paixão, misto de crueldade.

~III~

A partir daquele dia, de Mery apossou-se um novo e estranho estado: urna curiosidade febril e vontade insaciável de estudar para penetrar fundo nas esferas arcanas. Van der Holm sugeria-lhe também um sentimento inusitado: ela começou a gostar dele, ainda que seu coração permanecesse frio; só os seus sentidos estavam excitados, associados a pensamentos e desejos. Nesse período ela fez uma estranha descoberta.

Já dissemos que no dia em que Mery examinava a sua velha cesta e encontrou as toalhas que mudaram sua vida, ela havia posto de lado, sem abrir, uma caixa com objetos de lembrança. Deve-se acrescentar que agora, graças ao salário de Mery, seus serviços esporádicos de tradução, redação de correspondências e coisas afins, pelas quais Van der Holm pagava generosamente, a penúria da família cedeu lugar a modesta prosperidade. A mãe e a filha conseguiram alugar um bom apartamento, simples mas confortável; mobiliaram-no e contrataram empregados: uma alemã vinha estudar com Natasha, e um estudante passou a dar aulas a Pétia. A família ganhou vida nova. Mery gostava de decorar seu modesto ninho e, certo dia, após ter comprado uma estante nova, lembrou-se da caixa com as bugigangas. Qual não foi sua surpresa, quando, embaixo dos ovos de Páscoa, porta-retratos e outras miudezas, ela encontrou o colar,

embrulhado em papel de seda, que fora dado pela baronesa Kosen.

Curiosa e irritada, Mery examinou a jóia. Ora, enquanto a família padecia de fome e frio, que subsídio poderia ter proporcionado aquela coisa, se vendida na ocasião!... Após a morte do pai, no auge da desgraça, Mery se esqueceu completamente do presente da mulher odiosa que arruinou sua felicidade; depois, ela achou que o colar tivesse sido arrematado no leilão em pagamento das dívidas, juntamente com outras jóias e prataria. Como aquele colar fora parar na velha caixa com bugigangas? — isso lhe parecia indecifrável.

Com base em certas considerações, ela resolveu mostrar o colar a Van der Holm; ele, um conhecedor de obras de arte, avaliaria a jóia e a instruiria como melhor vendê-la, pois a simples idéia de ficar com uma lembrança da baronesa lhe era repugnante.

Oscar examinou o colar com visível interesse.

— Sabe, Maria Mikháilovna, esta pedra preciosa na verdade é um coração humano, reduzido ao estado de petrificação por um método que eu gostaria de conhecer. Não é menos curioso o fato de que este coração está fixado ao colar — aliás muito antigo. Como esta jóia foi parar na mão da baronesa?

Mery ouvia-o pálida e intrigada.

— Ah! Agora estou me lembrando onde vi o colar antes. Este era um adereço de Káli, e aquela bruxa o surrupiou para dálo de presente. Quem será esse fanático que consagrou seu coração à deusa sanguinária? Vou atirá-lo nas águas do Neva — acrescentou em tom de nojo.

— De forma alguma! Isso seria uma barbárie de sua parte, Maria Mikháilovna. Atirar na água uma jóia tão rara e preciosa? Ela deve ser preservada ao menos para se descobrir a composição química de sua petrificação. E, se a senhora quer vendê-la, eu compro.

Mery concordou e, quando Van der Holm lhe deu mil rublos, sua felicidade não tinha limites. Aconselhando-se com a mãe, decidiu deixar o dinheiro no banco em poupança, uma forma de prevenir-se caso Oscar Van der Holm viesse a morrer e ela não conseguisse arrumar rápido um outro emprego.

Obstinada e devotada, Mery continuou seus estudos sob a orientação de Van der Holm; seu anterior relacionamento discreto e cortês deu lugar a certa intimidade, que não ultrapassava, entretanto, as fronteiras do decoro. Certa vez ao entrar na biblioteca, Mery ficou pasma com o aspecto doentio do mestre. Ele respirava pesadamente e premia, vez ou outra, as mãos contra o peito ou garganta; um sofrimento indescritível transfigurava, em convulsão, seu rosto lívido.

— Talvez o senhor não esteja disposto a trabalhar hoje e precise descansar; eu venho amanhã — propôs Mery.

Ele fez um gesto negativo com a mão e começou o ditado; subitamente, jogou o corpo para trás, contraindo-se em dor. De sua boca soltaram-se estranhos silvos e sons borbulhosos, como que de água se despejando do barril, enquanto ele tentava rasgar o colarinho. De chofre, seu gato deu um bote e cravou as garras no pescoço de Van der Holm. Na luta para se desvencilhar, ele caiu da poltrona e rolou pelo chão.

— Deixe-me, criatura do inferno, sair deste cadáver errante! — urrava Van der Holm, contorcendo-se em dores.

Estupefata, Mery assistia àquele espetáculo terrível, sem saber o que fazer para ajudar o infeliz. Neste instante, à biblioteca irrompeu o mordomo. Com um pano de linho preto em argênteos sinais cabalísticos bordados, ele içou o gato pelo pescoço e o atirou para outra extremidade da sala, onde a criatura nojenta caiu inânime, esticando as patas. Cobrindo Van der Holm com o tecido, o mordomo deu de ombros e disse para Mery:

— Acalme-se, senhorita, o patrão teve uma crise cardíaca; o seu gato adorado sempre o ataca e, depois, fica esticado de medo, fingindo-se de morto. Que animal! Vou mandar atrelar os cavalos; por favor, aguarde na sala. Se amanhã a carruagem não for buscá-la, é porque o patrão ainda está fraco.

Só no quarto dia daquele episódio o cocheiro foi buscá-la; mas os três dias em que ela ficou em casa foram angustiantes para Mery. A imagem de Van der Holm perseguia-a feito pesadelo e, acima de tudo, atormentava-a uma dó inexplicável e a vontade de vê-lo; à noite, ela teve a sensação de que ele a estava chamando. Esta preocupação angustiante era ainda mais o-pressa pelo fato de que tinha de escondê-la dos familiares. Ela jamais falou à mãe estar estudando a magia, com medo de preocupá-la, doente, vítima de tantos infortúnios e privações, que também se refletiram sobre a pequena Natasha, débil e anêmica.

Trêmula de nervosismo, Mery adentrou a casa misteriosa. Van der Holm recebeu-a na biblioteca. Envelhecido e pálido tal qual espectro, ele estava sentado na poltrona, os olhos febrilmente faiscantes, afundados. O gato, como sempre, aninhara-se atrás de suas costas, no espaldar.

— Não existe um meio de aliviar sua terrível doença? — perguntou ela, apertando-lhe a mão úmida e fria.

Um sorriso amargo contorceu os lábios de Oscar Van der Holm.

— O meio existe, porém é doloroso.

— O que é, então?

— A morte. Só ela pode me aliviar dos sofrimentos... se eu pudesse morrer, mas não posso...

— Não pode morrer? Por quê? Como o senhor pode ser privado da última libertação, dadivada a qualquer criatura de Deus?! — redargüiu Mery, olhando com pena para o belo e pálido rosto do interlocutor, contorcido por dores.

— Tss! — fez Oscar, erguendo a mão diáfana, tal qual cera. — Não pronuncie jamais esse nome! A senhora não compreende que estamos aqui nos domínios do inimigo do Céu?

Ele se ergueu da poltrona; um leve rubor cobriu-lhe as faces pálidas.

— Mery, liberte-me! Eu lhe deixo tudo: o meu nome, os bens, os conhecimentos — tudo. A senhora ficará a salvo da pobreza e eu lhe darei os terríveis poderes pela dádiva preciosa de deixar-me morrer, livrar-me deste corpo funesto e dos sofrimentos. Nem sempre fui amaldiçoado: as necessidades e a fome empurraram-me ao inferno.

Nisso, o gato soergueu-se, arqueou o dorso e grunhiu; seus olhos verdes faiscaram de ódio diabólico. Van der Holm não conseguiu esconder a irritação.

— Cale-se, monstro! — berrou ele, erguendo o punho cerrado e fazendo um sinal, que fulgiu fosforescente no ar.

O gato soltou um miado penetrante, eriçou-se todo, tombou de borco no tapete e ficou estendido imóvel.

— Que bicho tenebroso! Parece possuído pelo próprio diabo — observou Mery, estremecendo involuntariamente.

Sem lhe responder, Van der Holm ajoelhou-se diante dela, agarrou suas mãos e atraiu-a si. Seus lábios tremelicavam e os olhos ardiam.

— Apiade-se de mim, Mery! Eu sei que a senhora gosta de mim; então, liberte-me e seja minha herdeira!

Muda, paralisada sob o olhar ígneo e penetrante, pareceu-lhe que a vida lhe escapava do corpo, sendo substituída por uma força estranha que lhe subtraía a vontade e enchia-a de um sentimento inédito de amor e compaixão àquele homem de joelhos. Sob o efeito dessa afeição repentina e inexplicável, ela sussurrou:

— Está bem, eu concordo.

Jubilando de alegria, Van der Holm se levantou e premeu dolorosamente a mão de Mery.

— A senhora não renunciará à palavra dada?

— Não! — assegurou ela, nervosamente.

— Agradeço. Para que não ache que eu quero seduzi-la com falsas promessas de lhe deixar meus bens, vou-lhe mostrar uma parte deles.

Ele aproximou-se de um alto armário cinzelado e apertou uma mola; silenciosamente, o armário girou em gongos invisíveis, abrindo-se para uma porta de carvalho, também com tranca secreta. Oscar abriu-a, acendeu uma vela e, através de uma escada em caracol, eles desceram num estreito corredor abobadado, no fundo do qual se achava uma porta com travas de ferro, decorada no centro com enorme pentagrama em esmalte vermelho e preto, com uma inscrição cabalística embaixo.

No momento em que a porta foi descerrada, acendeu-se uma lâmpada, iluminando um porão não muito espaçoso, repleto de diversos objetos. No fundo, num enorme cofre à prova de fogo jaziam sacos de moedas de ouro de diversos países, muitas pastas guardavam escrituras de casas em capitais européias e cheques de bancos estrangeiros — num montante de dois milhões de rublos, no mínimo —, e outras notas promissórias menores. Ao longo das paredes, enfileiravam-se mesas e baús com estojos e caixas de diversos tamanhos, abrigando, na maior parte, outro tipo de objetos preciosos: jóias de ouro antigas, armas valiosas, tecidos urdidos a prata e ouro, que já não se faziam mais, incrivelmente transparentes; sedas e musselinas — finas feito teia e com bordados raros, como que urdidas por fadas; vestidos de valor inestimável.

Mery ficou zonza. Com as mãos trêmulas e olhar radiante, ela remexia e examinava os diademas, os colares e os pingentes, os rubis, as esmeraldas, os brilhantes, as safiras, as pérolas... Tudo que se lhe espreitava na alma: o orgulho, a ambição, a se-

de por prazeres e até de vingança — tudo lhe afluiu e tomou conta dela. Como num caleidoscópio, sucederam-se em sua mente todas as cenas humilhantes: a bancarrota, o desprezo e a descerimoniosa vulgaridade de seus ex-"amigos"; resumindo — todos os remoques sofridos. De posse daquela fortuna, dos milhares de objetos inestimáveis somados, ainda, ao místico poder oculto e terrível de que ela tinha consciência, Mery saberia se vingar pelo desdém e sorrisos hipócritas. Uma verdadeira torrente de raiva e altivez afluiu-lhe ao coração, excitando sua alma passional e tempestuosa.

Recostado na parede, de braços cruzados, Van der Holm observava o desenredo em seu rosto expressivo, e um sorriso misterioso franzia-lhe os lábios.

Após fechar a última caixa, Mery virou-se para ele. Seus olhos brilhavam; uma firmeza sinistra ouviu-se em sua voz, quando ela lhe estendeu a mão, dizendo:

— É de livre e espontânea vontade que eu aceito o acordo. Faço-me sua herdeira e eu lhe dou a libertação desejada.

— Agradeço. A senhora poderá repetir, ainda hoje, essa promessa diante do dirigente máximo das forças que irá comandar?

— Sim! — pronunciou ela em tom firme.

Já estava escuro quando eles retornaram do porão, pois a inspeção dos tesouros levou muito tempo; eles não iriam almoçar, já que, segundo Oscar, haveriam de jejuar até a hora da invocação, que seria promovida entre onze e meia-noite. De início, Mery assaltou-se por ter de voltar tarde, preocupando a mãe, mas logo decidiu que arrumaria um pretexto.

Quando o relógio bateu onze e meia, Van der Holm tomou Mery pelo braço e a levou à porta, ao lado da qual ficavam os dois esqueletos. Saindo para um corredor debilmente iluminado por luzes púrpuras, eles desceram uma escada e, através de um caminho secreto, deram numa sala circular, também purpurada. Van der Holm acendeu duas tochas e as fixou na parede e,

então, Mery viu que as paredes do subterrâneo estavam revestidas com tecido preto, bordado com sinais cabalísticos e letras; a porta pela qual ela entrara simplesmente desapareceu. Perto de uma das paredes, havia uma espécie de altar coberto com pano negro, no qual jazia um castiçal de sete braços com velas de cera pretas; no meio da sala, dispunham-se braseiros com ervas, formando triângulo. Van der Holm acendeu as velas, apagou as tochas e postou-se com Mery no centro do triângulo formado pelos braseiros.

— Onde estamos e o que o senhor vai fazer? — perguntou Mery, trêmula.

— Fique quieta! Estamos no templo de Satanás. Ponha-se de joelhos e reverencie o senhor do inferno! — disse Oscar, apertando-lhe a mão até doer.

Mery obedeceu submissa. Van der Holm ergueu o bastão e o girou por sobre a cabeça, iniciando um canto cadenciado.

Segundos após, uma chama vermelha e fumacenta fulgiu na ponta do bastão, com o qual ele desenhou um círculo encerrando a ambos; com a mesma chama misteriosa, ele pôs fogo nos braseiros, que se inflamaram em labaredas amarelas, verdes e violetas, espalhando um odor acre e sufocante. Inesperadamente, ele começou a se desfazer de suas roupas, atirando-as fora do círculo e, abismada, Mery viu-se frente ao próprio capeta.

Uma malha pelosa envolvia sua alta e esbelta figura, pequenas asas imbricavam-lhe as costas e, sobre a cabeça, por trás dos cabelos, saltavam-se chifres como que incandescidos. Parecia até mais jovem; seus olhos faiscavam e todo ele fulgia de beleza lúgubre.

— Asrafil! — instou ele por três vezes a plenos pulmões, desenhando no ar sinais flamejantes de invocação.

Um minuto depois, ouviu-se um barulho longínquo e, em seguida, o rolar do trovão; a sala parecia ser palco de uma tem-

pestade. Rajadas de vento glacial turbilhonavam fazendo estremecer as paredes; raios flamejantes recortavam a atmosfera escurecida; sob os braseiros elevou-se uma nuvem escura que começou a se densificar. De súbito um ziguezague aterrou-se ao lado do invocador e uma figura humana assomou-se fora do círculo fosforescente.

O ser, vindo do espaço invisível, era um homem de alto talhe, esbelto, magro e ágil; sua pele era lanosa e o rosto regular era belo, soberbo e sinistro; os grandes olhos, cor de safira, fitaram Mery com olhar abrasador, respirando escárnio e crueldade.

Van der Holm caiu de joelhos.

— Ó, poderoso senhor, eu encontrei quem me substitua; ela irá servir e obedecer-lhe tal como eu. Ela aceitou o meu legado, tomará conta de meus súditos e fornecer-Lhes-á as tarefas.

O visitante misterioso estendeu o braço peludo e Van der Holm, tomando a mão de Mery, uniu os dois, proferindo:

— Jure a lealdade e a obediência a Asrafil — príncipe das legiões do inferno!...

Nisso, a cabeça de Mery tonteou e ela perdeu os sentidos. Ao se recobrar, com cabeça pesada e corpo moído, viu-se na biblioteca. Ela se lembrava nitidamente da cena no subterrâneo, porém não saberia dizer se o príncipe lendário das trevas não lhe aparecera num sonho.

Van der Holm deu-lhe de beber um copo de vinho, que a tranqüilizou e revigorou. Sem perder tempo, ela voltou para casa e, para seu grande espanto, a porta de entrada estava entreaberta; todos os familiares estavam dormindo e ninguém notou sua chegada. Ao acordar bem tarde, nem a mãe, nem a irmã falaram-lhe nada. Ela achou que a força oculta já estava funcionando.

Só um dia depois veio o coche para buscá-la e, quando Mery entrou na biblioteca, Van der Holm recebeu-a dizendo:

— Agora, minha amiga, até a sua iniciação superior e a minha morte, precisamos pôr em ordem os assuntos mundanos. Para que a senhora herde legalmente o meu nome junto com o patrimônio, deve se casar comigo.

Mery enrubesceu.

— Como fazê-lo, se o senhor mesmo diz que não pode pôr pé na igreja?

Um leve sorriso vincou o rosto de Oscar.

— Podemos passar sem essa formalidade. Traga-me sua certidão de nascimento e, em pouco tempo, teremos a de casamento lavrada legalmente. Da mesma forma depois formalizarei o testamento, que consolidará seus direitos a todos os meus bens. Enquanto vou cuidar desses dois assuntos, resolva seus problemas de casa. Durante a iniciação e no período vindouro, nem seus irmãos, nem sua mãe nos podem atrapalhar, já que conforme suas próprias palavras sua mãe é muito religiosa. Acredito que o melhor é instalá-los num lugar seguro e, para que a questão financeira não a constranja, eis quinze mil rublos, para começar.

Ele estendeu-lhe as notas. Mery empalideceu: a idéia de separar-se daqueles que ela amava comprimiu dolorosamente seu coração, mas o seu forte e firme caráter superou esse sentimento. Voltar atrás ela já não podia e devia submeter-se ao que dela era exigido.

— Eu poderei vê-los mais tarde? — perguntou, após refletir por algum tempo.

— Sem dúvida! Não só poderá vê-los, como morar com eles, se quiser.

— Neste caso, uma vez que a minha mãe está doente e Natasha anda anêmica, vou instalá-las provisoriamente no sul do continente e enviarei Pétia para um internato.

— Excelente! Como sua iniciação será no exterior, seus familiares poderão morar na Itália. Discuta esses pormenores com

a família; agora, eu queria que nos conhecêssemos melhor. Descreva-me sua vida até o momento do nosso encontro, depois eu contarei qual foi a conjugação das circunstâncias que me fizeram o que sou.

— Relatarei de bom grado a história sem graça de nossa ruína — disse Mery, e resumidamente, sem omitir nada, narrou sua vida jovem mas cheia de reveses, já conhecida do leitor.

— No dia do nosso encontro, estávamos à beira do colapso total. Eu tinha a intenção, se nenhuma ajuda viesse e não encontrasse saída, de acabar com todos, fechando o escapamento dos gases de nosso fogão. Seria melhor do que morrer de fome. O seu dinheiro trouxe-nos a salvação e, agora, ao libertá-lo, eu apenas retribuo a gratidão. Mas essa gente... esses meus ex-"amigos"! Ó, como eu os odeio! — e ela crispou os punhos. — Que doce será a vingança!... Devo confessar, entretanto, que a necessidade de rejeitar a fé e as orações, que me apoiaram tanto nas provações, ser-me-á dolorosa — e ela suspirou profundo.

Van der Holm acotovelou-se e fitou-a triste; algo parecido com remorso agitou-se em sua alma.

— A desforra pode ser cruel, se assim o desejar, pois todos os artifícios e meios, todo o poder do mal ficará à sua disposição. Apenas, para o seu próprio bem, evite fazer uso de orações, fique longe das igrejas e de tudo que tenha contato com o mundo da luz. Não quero julgar agora quem está certo, quem optou por fadário ditoso: o eleito pelo Céu ou por Ele rejeitado; mas, já que as nossas almas estão condenadas, devemos considerar isso e gozar das benesses terrenas, que propiciam riqueza, satisfação das ambições e ódio. Disso eu sei e a minha opção já foi feita. O Céu não me quis; o inferno, por outro lado, verificou-se mais generoso e eu o servirei para sempre. Já que temos a vida, precisamos vivê-la, ainda que a contragosto!...

Ele soltou uma gargalhada surda, e uma chama lúgubre brilhou em seus olhos escuros.

— Sim, a necessidade é má conselheira; sei disso! — observou Van der Holm, amargurado. — Vou-lhe contar a minha história, muito parecida com sua. Meu pai, um médico, era homem bondoso e íntegro, de boa fé, como a maioria das pessoas que, sendo boas e honestas, não permitem patifarias alheias.

Ele tinha um primo com o qual cresceu e a quem amava como irmão. Esse miserável — um jogador inveterado —, tendo dissipado todo o patrimônio, empreendeu-se em negócios escusos e arriscados. Para a nossa infelicidade, meu pai acabara de receber uma substancial herança, e o seu primo, o patife, convenceu-o a investir muito dinheiro num empreendimento. No fim daquele ano, esse primo desapareceu com todo o capital dos acionistas e o papai ficou na miséria, já que suas poupanças foram todas aplicadas. Ele não suportou o golpe e morreu de apoplexia.

Na época eu cursava uma faculdade, mas não tive como terminar os estudos. Não vou relatar aqui os pormenores de nosso pesadelo, que quase nos levou à morte pela fome; a senhora mesma já passou por isso. Minha mãe ficou à beira da morte e a senhora sabe perfeitamente como é doloroso não ter dinheiro nem para fazer um prato de sopa para a pessoa amada e doente. Penhorei os últimos trastes. Nessa época, conheci um colega de universidade que se apiedou de mim.

— Ouça! — disse-me ele. — Você não quer trabalhar como secretário de uma velha idiota, que ainda acredita em diabo e assombrações? Estou cheio de seus ditados e leituras; além disso, preciso viajar para o interior. Ela paga generosamente e, assim que você se assentar na vida, poderá largá-la, se quiser.

Imagine se não aceitei a proposta! Naquela mesma noite fui à casa daquela velha, que não me inspirou um mínimo de simpatia, porém essa impressão foi apagada com sua incomum generosidade.

Ela inquiriu-me do passado, associou-se em dor aos meus infortúnios, presenteou-me com um terno de seu marido e me deu cinqüenta rublos para o tratamento da minha mãe. Reiterando seu convite para eu ser seu secretário, ela disse que o meu antecessor era meio estúpido e não lhe servia. Não cabendo de felicidade, beijei-lhe as mãos com lágrimas nos olhos. Infeliz, eu não sabia que estava nas garras do diabo! O trabalho não era difícil e, simultaneamente, comecei a estudar a magia — tal como a senhora — entre os ditados e leituras fascinantes. Resumindo: caí numa emboscada — a mesma que tramei para a senhora e pela qual há de me amaldiçoar um dia —, porém, voltar atrás, já era tarde.

Acabei herdando o patrimônio dela, que agora passo à senhora, somado a uma herança ainda mais terrível. Nada disso eu comentei com minha mãe, muito religiosa, que estava à beira da morte. Depois que ela faleceu, atirei-me irrefletidamente em gozos materiais, ansiando pela vingança. Eu era jovem e fogoso. Primeiramente, destruí aquele patife que arruinara a família — o que me proporcionou uma satisfação intensa... Depois, uma vez que os prazeres vão perdendo seus atrativos com o tempo, as alegrias deram lugar aos sofrimentos. Eu não lhe disse ainda, mas a vida dos satanistas é assaz longa. Estou com noventa e cinco anos e já cheguei ao limite, pois o meu corpo não agüenta mais os suplícios. Quero morrer, ainda que saiba que a morte será horrível... O que acontecerá depois? Ficará a minha alma em poder do inferno, mesmo que eu não queira? — essa é uma boa questão!

Nesse instante, um miado foi ouvido e o gato preto saltou sobre o ombro de Van der Holm; seus pêlos estavam eriçados e os olhinhos verdes faiscavam de ódio diabólico. Mery recuou.

— É ele o responsável por sua desgraça! — exclamou ela em voz surda.

O gato soltou um silvo agudo e, de um salto, atirou-se sobre a jovem, cravando as garras em seu peito e quase a derrubando. Van der Holm agarrou rapidamente a criatura nojenta pelo pescoço e a atirou no canto, onde ela se enrijeceu, feito morta.

— Que bicho nojento e estranho! — balbuciou Mery, respirando pesado.

— Oh, a senhora ainda não viu nada, minha amiga! Que dirá do poder terrífico da magia negra superior, comparada com essa feitiçaria grosseira — fração medíocre de uma ciência obscura campesina? A senhora penetrará num mundo bem diferente, povoado de anfíbios — seres de existência dupla que vagueiam entre a vida e a morte. Por acaso sabe que as larvas, as legiões de demônios, os invólucros vivificados e os pensamentos vivos são sombras geradas e materializadas pelo cérebro? No espaço invisível há uma vida real luciférica, mantida pela respiração humana materializada, pelo sangue das carnificinas e homicídios, desgraças e catástrofes; é com essas emanações humanas que o inferno se alimenta. Lá fica o reduto dos demônios e de grandes sacerdotes de Satanás; lá reina a verdadeira vida, consagrada aos malefícios. A senhora penetrará numa atmosfera inacessível ao olho rude de ignaros. A razão humana recusa-se a intuir essa esfera misteriosa, povoada de entes invisíveis governados por leis das quais os eminentes cientistas nem sequer suspeitam. Eles imaginam terem alcançado o mistério da criação; entretanto, passam, cegos, ao largo do mecanismo complexo do mal.

— Sim, eu sei que muitas surpresas me aguardam, mas não vou desistir agora, uma vez que já decidi — objetou Mery. — A propósito, por que a minha iniciação tem que ser feita no exterior, e não aqui?

— Porque a maior concentração de satanistas se encontra lá, onde desde há muito tudo está adaptado para a nossa sociedade. O lugar fica no Tirol, onde os luciferianos centralizaram

suas atividades principalmente na Idade Média. Contarei o resto depois e lhe mostrarei coisas muito interessantes; tudo tem sua hora. Por enquanto, ficaremos uma semana um longe de outro; preciso de tempo para legalizar os documentos e cuidar de outros assuntos. Neste ínterim, a senhora deverá instalar seu irmão e preparar a viagem de sua mãe. Informe-a da forma que lhe aprouver sobre nosso casamento, para deixá-la preparada; daqui a uma semana discutiremos o resto. Mais uma coisa de que quase me esqueço — e ele foi até o armário e o abriu. — Aqui estão três livros: de capa preta, amarela e vermelha. Utilize-os como manuais para os rituais e as fórmulas mágicas. E isto — ele tirou do armário uma garrafa de cristal com rolha esmaltada em forma de pentagrama — é um licor, que a senhora terá de tomar neste cálice — e estendeu-o. É um preparado próprio para revigorá-la e livrá-la do medo — particularmente perigoso para quem mexe com os servidores do inferno; a ameaça maior vem de larvas masculinas, que podem destruí-la. Se a senhora tremer na hora das esconjurações, perderá poder sobre elas.

Após conversar sobre outros assuntos mundanos e abordar algumas questões de ordem ocultista, os dois se despediram como bons amigos e aliados.

No dia seguinte, Mery confiou à mãe a inopinada felicidade: seu benfeitor, sendo acometido de longa enfermidade e sentindo a iminência da morte, sem ter parentes próximos, decidiu transferir para ela, Mery, toda a sua imensa fortuna pelo enlace matrimonial; mas, estando debilitado e sendo misantropo, não queria que a cerimônia fosse pública, e sim realizada em segredo. Ao tomar ciência da enfermidade que acometera a mãe e Natasha, ele, magnanimamente, dera-lhe quinze mil rublos, devendo ela, Mery, sem perda de tempo, levar as duas para o sul. Pétia seria imediatamente matriculado num colégio. Fraca e doente, Suróvtseva não desconfiou de nada; ao contrário, agradeceu a Deus pelo maravilhoso futuro dos filhos.

Graças ao dinheiro, tudo foi rapidamente ajeitado e quando, uma semana depois, Mery cruzava a soleira da casa misteriosa, Pétia já estava no colégio, faltando apenas comprar as passagens para a mãe e a irmã; Van der Holm ficou tão satisfeito que convidou a ambas para o almoço em casa. A aparência do anfitrião não deixou dúvida a Suróvtseva de que ela estava diante de um moribundo. Ele mostrou-se gentil e explicou que, sendo um homem completamente sozinho, sentia-se venturado em deixar o patrimônio à digna e valorosa jovem, merecedora de seu respeito e amor. No fim da visita, ele conquistou definitivamente o coração de Suróvtseva ao presentear Pétia e Natasha com dois títulos no valor de vinte mil rublos cada um.

A partida da família estava marcada para dali a três dias. Mery visitava o noivo diariamente; na véspera da viagem, contudo, ela voltou para casa tarde, visivelmente nervosa. Disse à mãe que, ao se encontrar com Oscar, este estava acometido de forte crise da doença e, temendo o pior, eles acharam conveniente casarem-se antes da partida dela. Assim o fizeram, duas horas mais tarde, numa igreja próxima em presença de duas testemunhas, amigos de Van der Holm e um escrivão, que lavrou o testamento, devendo estar tudo pronto no dia seguinte. Mery já fazia uso da aliança e o seu relato não suscitou qualquer suspeita da mãe. Esta ainda insistiu em adiar a viagem, mas Mery sustentou que o marido lhes pediu para viajarem impreterivelmente no dia marcado, pois queria que elas voltassem o mais rápido possível. No dia seguinte, o trem expresso levava Mery e seus familiares para o sul da França.

~IV~

Após instalar a mãe numa bela vila nos arredores de Cannes, Mery viajou de volta; mas, ao invés de ir a Petersburgo, foi a uma cidade no sul do Tirol, onde se encontraria com Oscar. Este a recebeu na estação ferroviária e eles passaram a noite no melhor hotel da cidade, onde se registraram como "casal Van der Holm".

À noite, ele lhe entregou todos os documentos, incluindo a certidão de casamento e o testamento, que consolidavam a sua posição social e os direitos à herança, assim como uma bela soma de dinheiro, até que ela tomasse posse do patrimônio em definitivo.

No dia seguinte, foram de carro a outra cidade, da qual empreenderam uma excursão às montanhas.

— Dessa viagem, a senhora voltará como viúva — observou melancolicamente Oscar.

Ele parecia muito triste, doentio e nervoso. Uma parte da viagem foi feita de automóvel, depois continuada a pé por uma trilha.

A província de Tirol era salpicada por centenas de ruínas de velhos castelos; em direção a um desses ninhos feudais, grudado a um rochedo pontiagudo e escarpado, dirigiram-se então os viajantes. A senda íngreme, cada vez mais estreita, levou-os ao desfiladeiro selvático e isolado. Van der Holm apontou para o

cume, onde se via uma parte de paredes semidestruídas, a torre redonda e montes de pedras.

— Ali está o objetivo de nossa viagem — disse ele. — Não há como não admirarmos a habilidade dos construtores que conseguiram erguer cidadelas em altitudes tão estonteantes, difíceis de serem escaladas até por cabritos monteses.

— De fato, não dá para entender como eles levaram os materiais para cima. Não se vê uma trilha, o rochedo é nu, não vejo o meio de chegarmos lá. Ademais, a velha torre é capaz de desmoronar sobre nós, do jeito que está mal sustentada — observou Mery.

Van der Holm sorriu.

— Não existe o menor perigo; ela está sólida e agüentará ainda por alguns séculos. De qualquer forma, é lá que fica o local de sua iniciação. Mas esteja tranqüila: há um acesso!

De fato, assim que eles contornaram o rochedo, Mery viu-se diante de uma trilha estreita, com trechos de degraus esculpidos na rocha. Serpenteando, a vereda perigosa levou-os ao cume.

Transpondo montes de blocos rochosos e escombros, os dois finalmente alcançaram a torre que, de perto, parecia bastante sólida para agüentar ainda alguns séculos. As enormes e espessas paredes não apresentavam rachaduras; apenas seus dentilhões haviam ruído parcialmente. No salão redondo, ocupando todo o interior da torre, atravancavam-se os escombros de uma escada que outrora dava acesso aos pavimentos superiores. Através de duas fundas seteiras a fraca luz do dia penetrava no ambiente; no fundo do salão erguia-se enorme lareira, encimada por um brasão danificado pelo tempo. Van der Holm aproximou-se da lareira e apertou um dispositivo secreto, tão habilmente disfarçado, que não se lhe poderia supor a existência. Imediatamente, um imenso bloco pétreo, ao qual a lareira se fixava, girou sobre gonzos invisíveis, escancarando uma a-

bertura estreita atrás da qual se viam degraus de escada esculpidos no paredão.

A abertura se fechou automaticamente tão logo Mery e seu acompanhante entraram. Van der Holm tirou do bolso uma lanterna e, guiados por luz, desceram o longo caminho íngreme. O ar estava pesado. Mery respirou aliviada ao se ver num corredor abobadado, aparentemente sem saída. Entretanto, uma porta secreta dava ao que parecia ser um amplo dormitório, a julgar pelos brocados a drapejarem numa cama em estilo antigo; ali se viam também uma mesa, algumas cadeiras e um baú cinzelado, tudo de uma época anterior ao século XIV.

Os viajantes foram recebidos por uma mulher de talhe miúdo, velha e horrorosa. Sem proferir uma palavra, ela ajudou-os a despirem-se dos trajes de cima e, depois, serviu-lhes um delicioso almoço.

Mery admirou-se da voracidade de Van der Holm, conquanto ela mesma, apesar de ter caminhado tanto, não estivesse com fome e só tomasse um copo de vinho. Retirada a mesa, eles entabularam uma conversa, quando Mery revelou seu espanto pelo fato de que um velho castelo pudesse abrigar tantos cômodos bem conservados.

— Oh, aqui sobejam subterrâneos e caminhos secretos somente acessíveis aos iniciados. É um verdadeiro mundo subterrâneo com seus incríveis segredos. Venha, vou lhe mostrar o local de sua grande iniciação e outros lugares pitorescos.

Van der Holm escancarou uma porta atrás do cortinado; desceram alguns degraus e adentraram um corredor abobadado, iluminado por lâmpada de teto. Ao longo das paredes perfilavam-se, feito soldados, cerca de cinqüenta esqueletos empunhando rochas; no fundo do corredor havia uma segunda porta, toldada por cortina de veludo preto, bordada com sinais cabalísticos. Eles deram numa sala redonda, debilmente iluminada por luz vermelha. Perplexa, Mery estacou e pôs-se a examinar o in-

crível ambiente. As paredes pareciam cobertas por esmalte negro, fosforizando sinais estranhos e inscrições desconhecidas em vermelho sangüíneo. Num nicho, na altura de alguns degraus, erigia-se um trono de basalto preto sob baldaquino; lateralmente, localizavam-se pedestais pétreos negros com sinos metálicos, tingidos em cor negra. Junto a cada pedestal, em assentos de couro, assentavam-se bustos de demônios, que Mery já havia visto no gabinete de Van der Holm em Petersburgo; mais adiante, ao longo das paredes, jaziam altas trípodes com carvões e feixes de ervas secas em cima, e mais dois nichos com esqueletos, que empunhavam harpas negras. Em frente do trono, erigia-se um altar sobre o qual jazia um castiçal de sete braços, com velas pretas, uma taça e um livro de conjurações.

— Aqui é o templo das divindades do inferno, onde amanhã a senhora será iniciada e quando, então, eu lhe passarei os meus poderes — explicou Van der Holm.

Vendo que Mery estremecera involuntariamente, ele acrescentou, querendo dar outro rumo à conversa:

— Venha! Quero lhe mostrar algo muito interessante.

Ele contornou o altar e levantou uma pesada cortina de escamas de aço. Atrás dela havia uma saleta semicircular em cujos fundos erguia-se, em toda sua altura, um incrível quadro em relevo, feito de material estranho; seria de mármore, de cera ou de metal oxidado? — era difícil de se determinar. O quadro representava alguns degraus que levavam aos portões de uma pirâmide, estreitos e altos, metade pintados de preto, metade — de vermelho, com emblemas cabalísticos; no frontispício estava esculpida a imagem de Tifão — divindade terrífica dos egípcios. Na entrada ao nicho, como que montando guarda, postavam-se duas estátuas de basalto: uma, com cabeça de bode e longos chifres curvados; outra, com cabeça de touro, em cujas órbitas brilhava luz vermelha. A primeira tinha nas mãos uma chave vermelha, a outra — uma tocha emborcada. Entre as estátuas

encontrava-se uma serpente gigantesca, apoiada sobre a cauda; suas escamas reverberavam as cores do arco-íris e os olhos esmeraldinos pareciam vivos. Atrás dela, estendia-se um clarão fosforescente e ouvia-se ora um crepitar, ora um chiado, tal qual água despejada num braseiro.

Embaixo dos degraus, como que protegendo a entrada à pirâmide, empinava-se um dragão em patas dianteiras, executado de metal em brasa. À luz desbotada da sala, tudo aquilo assumia um aspecto funesto.

— Qual é o simbolismo desse quadro? — perguntou Mery.

— O dragão — disse Oscar — é o guardião do portão, ou melhor, significa todos os horrores vencidos pela magia negra e seus arcanos. É o primeiro obstáculo que deve ser transposto por um adepto, pois aquele que sente medo não pode cruzar o limiar do mistério. Vejamos as estátuas! O bode é o senhor poderoso; ele está com uma chave e um livro, símbolos do poder sobre as forças do mal. O touro personifica a força e a energia que se adquirem para dominar as falanges satânicas e para sugerir-lhes o temor. Quanto à serpente, esta é a serpente da Vida, rastejando ao Tabernáculo do Bem, para envolvê-lo e fechar o círculo, abocanhando sua própria cauda, asfixiando-o com seu corpo flexível. Mas os arcanjos velam em volta do Tabernáculo e, com as espadas flâmeas, talham o corpo da serpente, que não pára de trabalhar e tenta agarrar sua própria cauda. Devo dizer que os bruxos da ordem superior conseguem penetrar nas moradas do inferno.

Ele foi interrompido por um miado alto. O gato preto petersburguês saltou de um canto escuro, pêlo eriçado e rabo em pé. Curvando o dorso, a criatura nojenta rastejou até a escada, pôs-se em patas traseiras e tocou com as garras o feixe fosforescente atrás da serpente. A porta da pirâmide abriu-se com estrondo, revelando um espaço escuro, lembrando vale nevoento. O gato atirou-se naquele sorvedouro e a porta se fechou.

— Traspassando assim esse umbral, a senhora encontrará prazeres até hoje ignorados. Bem, por hoje basta; voltemos para jantar!

Eles retornaram ao quarto descrito anteriormente e a criada serviu-lhes uma farta refeição. Mery admirou-se novamente do apetite de seu companheiro, que a estimulava dizendo:

— Não faça cerimônia, coma e beba à vontade; depois, vá dormir. Amanhã precisará de muitas forças.

Após conversarem por algum tempo, ele se levantou e estendeu-lhe a mão.

— Adeus, Mery! Somente nos veremos na hora de minha morte. Não me lembre mal!

Uma angústia indescritível comprimiu o coração de Mery. Ela se deitou, mas não conseguiu conciliar o sono. Como se uma montanha lhe pesasse sobre peito, o coração parecia ser dilacerado por garras afiadas e à mente afluíam pensamentos bizarros. Ora ela sentia vontade de dar cabo de sua vida, ora de fugir dali para bem longe; mas, só de pensar em cumprir um desses propósitos, suas forças vitais a abandonavam e ela deixava-se cair nas almofadas exausta e impotente. Finalmente adormeceu, semimorta de cansaço.

Já era tarde quando ela acordou. O pequeno relógio perto da cabeceira da cama mostrava duas horas, supostamente da tarde, pois naquele subterrâneo reinava escuridão eterna. Mery levantou-se, vestiu-se, comeu e tentou ler o livro que encontrou sobre a mesa — mas nada ajudava. As horas escoavam modorrentas em meio a assaltos de angústia indescritível. Lembrou-se então do licor que Van der Holm havia lhe deixado para que se fortalecesse. Após tomar um copo inteiro, finalmente ela se acalmou.

Já eram perto de onze horas quando a porta se abriu de repente e no umbral assomou-se a figura de um homem desconhecido. Era alto, rosto magro e triangular, pequenos olhos ne-

gros e penetrantes; vestia um traje moderno. Ele deitou sobre a jovem um olhar perscrutador e sorriu sarcástico:

— Como está, irmã Ralda — pronunciou, estendendo-lhe a mão. — Estou aqui para ajudá-la durante a iniciação, a fim de que não fique sozinha.

Ao notar a surpresa da jovem, acrescentou:

— A senhora estranhou o nome com que a chamei? Ao entrar na irmandade, todos recebem um novo nome. Chamo-me Uriel; a senhora, a partir de hoje, será chamada de Ralda. Acho-a muito pálida e nervosa para a cerimônia. Seja forte e corajosa, querida irmã; não ceda à fraqueza! Não se pode desistir agora. O essencial é não ter medo. Vou mandar a irmã Flaga vesti-la para a cerimônia. Siga todas as suas instruções; quando estiver pronta, venho buscá-la.

Minutos depois chegou uma mulher e levou Mery ao quarto da toalete com uma banheira de mármore.

— Tome um banho rápido, pois temos pouco tempo — disse Flaga, ajudando Mery a se despir.

Mal se afundara na água, ela soltou um grito de dor e quis sair da banheira: seu corpo parecia queimar num fogo líquido. Mas a irmã segurou-a pelos ombros e a fez mergulhar de cabeça na água. A dor lancinante passou subitamente e Mery, pasma, viu que a água desaparecera. Teria ela se evaporado ou escoado imperceptivelmente? O fato é que a banheira estava vazia e o corpo dela totalmente seco. Flaga ajudou-a a vestir uma malha negra, fina e elástica, que a envolveu feito uma segunda pele; calçou-lhe chinelos dourados com pompons pretos e cingiu seus quadris com várias voltas de faixa de tecido vermelho, bordado a ouro. Depois, a irmã fixou atrás de suas costas pequenas asas de morcego; os braços e o colo desnudados ela adereçou com braceletes e colar; e, finalmente, soltou os densos cabelos de Mery até os joelhos, que a envolveram feito véu sedoso e ondu-

lante. Concluindo a toalete, Flaga pôs na cabeça da jovem uma klafta vermelha com dois chifrinhos negros.

Mery se sentia bem, ainda que assaltada de excitação estranha; cada nervo seu fremia e desejos selvagens, antes ignotos, deixavam-na num frenesi. Ao se mirar no espelho, pareceu-lhe ser uma outra pessoa. Jamais se vira tão bela, ainda que sua beleza respirasse sedução genuinamente diabólica.

Neste instante, Uriel levantou o reposteiro e aproximou-se dela. Ele também ataviara-se adequadamente: uma malha negra delineava seu talhe alto e esbelto, um gorro com chifres cobria-lhe a cabeça e os ombros envergavam uma capa vermelha. Tomando Mery pela mão, levou-a ao templo satânico, onde se perfilavam os esqueletos.

A sala agora estava profusamente iluminada. Nas duas trípodes fumegavam carvões e ervas, recendendo um cheiro acre e asfixiante; no altar ardiam castiçais com velas negras; o livro das conjurações estava aberto e o trono era ocupado pela criatura do inferno, já vista por Mery, de nome Asrafil. No meio da sala encontrava-se agora uma antiga pia de mármore e, ao lado dela, mais uma trípode flamejante. Postado diante da pia, totalmente nu, Van der Holm tinha um aspecto terrivelmente asqueroso; seu rosto estava transfigurado de sofrimentos e o corpo adquirira tonalidade terrosa.

Uriel levou Mery até a pia e colocou-se do lado da trípode; tirou detrás da cintura um longo estilete com sinais cabalísticos na lâmina e, revirando-o nas chamas da trípode, começou a incandescê-lo. Nisso, Asrafil se levantou e pronunciou em voz esganiçada.

— Bifru, eu despojo-o do anel de sangue cristalizado, que agora pertencerá a Ralda.

Van der Holm tirou o anel com brilhante negro e o enfiou no dedo de Mery; uma sensação súbita de queimadura lancinou sua mão.

— Agora — continuou Asrafil —, transfira a Ralda seus poderes junto com as fórmulas arcanas.

Van der Holm pegou as mãos da jovem e, segurando-as sobre a água da pia, pôs-se a recitar fórmulas de esconjuro, acompanhando-as, de tempo em tempo, por canto cadenciado. Subitamente um vento varreu a sala e raios flamejantes riscaram o ar; surgidos do corredor, os esqueletos, chocalhando funestamente os ossos, puseram-se a dançar em torno da pia. Ao mesmo tempo, seres monstruosos — metade humanos, metade animais — apareceram não se sabe de onde e flutuaram acima de Mery e Van der Holm, que parecia ensandecido. Seus olhos estavam injetados de sangue e o corpo suava em bicas. Ele prosseguiu com as esconjurações; sua voz trêmula e penetrante soava mais alto que o barulho dos trovões. Neste instante, os sinos negros começaram a repicar em sons lúgubres e prolongados, misturando-se com bulício desordenado.

Uriel tirou então das chamas o estilete incandescido e o cravou, até o cabo, nas costas de Van der Holm. Este soltou um urro inumano, largou as mãos de Mery e caiu morto. A jovem mal se agüentava nas pernas, apoiada nas bordas da pia, olhos arregalados.

Feito uma matilha de lobos esfaimados, atiraram-se as criaturas asquerosas sobre o cadáver estendido, disputando-o aos urros, gritos e rugidos selvagens. Pedaços de carne ensangüentados voavam pelo ar; Mery, estremecida, cerrou os olhos. Quando olhou de novo, no chão jazia apenas um esqueleto. Uriel pegou os ossos, neles pendurou uma tabuinha com a inscrição em vermelho “Holm” e os levou para o corredor.

Com o olhar demorado e pensativo, Mery viu serem levados os restos daquele que uma hora antes era um ser vivo. Como poderia ele, voluntariamente, ter escolhido aquela morte?...

Suspirando, virou-se e interceptou o olhar da entidade misteriosa sentada no trono; os grandes olhos esverdeados fitavam-

na com expressão enigmática e nos lábios vagava um sorriso zombeteiro e cruel.

Asrafil saltou do trono e tomou a mão da jovem empalidecida.

— Ralda! Agora você é nossa, pois aceitou esse compromisso diante dos espíritos superiores. Você nos deve obediência e deverá aplicar-se nos estudos das forças que os ignorantes titulam como *mal.* Terá também de manter silêncio absoluto dos mistérios que a unem ao nosso mundo, motivo de zombaria dos seres vivos. Eles acham que são tolos e desvairados os que querem conhecer o mistério da nossa existência e acreditam em feitiçaria e nas forças poderosas do mal. Deixe que zombem! Quanto mais o fizerem, mais seguidores e alimento teremos. Agora gostaria de apresentar-lhe seus servos, que lhe jurarão a fidelidade.

Ele desenhou no ar um círculo fosforescente, pronunciando fórmula. Quase instantaneamente no ar despontou uma nuvem que, ao se dissipar, revelou tratar-se de uma legião de seres negros e peludos; uns se pareciam com macacos, outros eram nebulosos, de formas indefinidas, mas todos tinham caras inteligentes e perversas, com grandes olhos vermelhos fosforescentes. O tamanho da maioria não passava o de um pardal. Na liderança daquele bando agitado estavam sete diabinhos, maiores de estatura, de olhos penetrantes e caras zombeteiras.

Asrafil ergueu a mão.

— Servos de Bifru, a partir de agora vocês terão de obedecer a Ralda, sua sucessora! Cumpram zelosamente suas ordens!

Sucedeu-se uma algazarra; por algum tempo a turba umbrosa agitou-se em volta dela e, depois, dissipou-se no ar.

— Estes serão seus servos. Dê-lhes tarefas, se não quiser que eles a atormentem por serem muito ativos. São capazes, se necessário, de mudarem de aspecto, transfigurando-se em corvos, sapos, ratos, aranhas ou morcegos. Utilize-se deles para

praticar qualquer tipo de mal ou para satisfazer sua sede de vingança, mas jamais os use para boas ações, pois essa não é a especialidade deles. Governe-os e eles a protegerão. Cabe a eles afastá-la de igrejas e santuários, onde se venera Aquele.

Eles têm ordem de paralisar sua mão, caso você se atreva a fazer algum sinal anti-satânico; eles lhe tolherão o caminho à luz, mas apontarão o caminho às trevas e a aliviarão. Por isso, tenha cuidado para não servir a dois senhores, caso contrário, você terá um fim terrível. Deixarei aqui Uriel para orientar e aconselhá-la nos primeiros tempos. Só me falta uma coisa a dizer-lhe: você ainda terá de pagar um tributo ao inferno, entregando seu corpo para mim — seu senhor. Amanhã, à meia-noite, eu espero por você.

Ele se despediu com um gesto, virou-se e desapareceu atrás da cortina. As forças de Mery, porém, estavam esgotadas; como que tonteando diante de um abismo tenebroso, perdeu os sentidos.

Ao se recuperar, Mery viu-se deitada na cama. Forcejando as idéias, achou ter tido um pesadelo. Estava quebrada; um peso violento comprimia-lhe o peito e a respiração era difícil. Sua indisposição era tanta, que desistiu de se levantar; algum tempo depois, porém, chegou a criada trazendo uma bandeja com desjejum substancioso.

— Estou tão fraca, irmã Flaga, que não se sei se consigo me levantar. Talvez aquele senhor que eu vi ontem queira falar comigo? Ele ainda está aqui?

— O senhor Uriel está estudando na biblioteca. Ele disse que a senhora deverá comer e dormir. Quando for a hora, eu venho acordá-la.

Flaga deitou a bandeja sobre a cama e deu à jovem um copo de vinho muito aromático.

Mery experimentou um calor agradável percorrer-lhe o corpo e a fraqueza passou; tomou um prato de sopa, comeu um

pedaço de ave e uma porção de bolo; depois adormeceu num sono profundo e restabelecedor.

Despertada por Flaga, sentindo-se forte e calma, Mery acompanhou a criada para o quarto de banho. A água da banheira tinha cor rosada e forte aroma entorpecente. Ao imergir, Mery sentiu estranhas picadas em todo o corpo, acompanhadas de calor intenso, como se fogo se tivesse espalhado em suas veias; a temperatura no quarto passava de quarenta graus. Após o banho, Flaga disse que lhe passaria um ungüento no corpo. Sem fazer objeções, Mery se estendeu no sofá e viveu uma série de incríveis sensações, à medida que a aromática pomada avermelhada era absorvida por sua pele. No início, a substância parecia queimá-la, porém a sensação dolorosa logo deu lugar a um vigor intenso, jamais experimentado; seus músculos pareciam de aço e, ao mesmo tempo, eram tão flexíveis que ela tinha a sensação de poder trepar como gato, saltar como tigre e torcer-se feito serpente, como se não tivesse ossos. Pondo-se de pé, espreguiçou-se e ficou tomada de vontade intensa de se movimentar.

— Agora, preciso vesti-la para o banquete — disse Flaga. Ajoelhando-se, ela colocou em Mery meias negras de seda e sandálias douradas; soltou-lhe as longas tranças pretas e as borrifou com perfume; depois, sobre a sua cabeça depositou uma coroa com gema amarela no centro, que dardejava chamas vermelhas e alaranjadas. Sobre o busto de Mery, pendurou um colar de pérolas e brilhantes, a cintura foi cingida com uma faixa bordada a ouro e salpicada de gemas preciosas, acolchetada com fecho em forma de estrela negra. Após adereçar os pulsos e tornozelos com braceletes, Flaga levou Mery junto ao espelho. Ao se ver nele, Mery não conteve um grito de surpresa. Será que o vidro a refletia certo? Será que esta mulher de corpo branco marmóreo, como que envolta em véu por cabelos ígneos, brilhando fosforescentes, era ela — Mery?...

Sua figura airosa, grandes olhos ardentes e lábios púrpuros respiravam tanta sensualidade, que, de fato, poderia seduzir o próprio demônio...

— Mas eu não posso ir nua assim ao banquete, aparecer deste jeito a homens — exclamou Mery, sobressaltada.

— Seu senhor gosta de corpos desnudados; além do mais, se ficar muito vestida, passará muito calor. Bem, vista esta capa de gaze vermelha!

Mal Mery teve tempo de colocar sobre os ombros a cobertura transparente, bordada a ouro, o reposteiro se levantou e no limiar da porta surgiu Uriel. Seus olhos faiscaram de admiração ao ver Mery — estonteante em seus adereços diabolicamente estranhos; mas ele se dominou de imediato e cumprimentou-a numa reverência.

— Queira me acompanhar, bela noiva do nosso senhor — disse, respeitosamente.

Mery se encerrou na capa de gaze e seguiu-o. Eles cruzaram o corredor, a sala, onde se desenrolara a terrível tragédia da morte de Van der Holm, e detiveram-se junto aos degraus que levavam à entrada da pirâmide.

Uriel ergueu as mãos e proferiu as devidas fórmulas mágicas. Imediatamente o dragão recolheu as asas e recuou, enquanto a serpente se enrodilhou e também se afastou.

Então Uriel tomou a mão de Mery, ajudou-a a subir nos degraus e, pegando um martelo de bronze, bateu-o por três vezes na porta, acompanhando as batidas com canto de uma melodia selvagem. A porta se abriu silenciosamente e Mery teria cruzado o umbral, se não ficasse paralisada com o que viu. Ela achava que ia adentrar algum laboratório; entretanto, diante dela se descortinava um enorme espelho d'água imóvel.

A penumbra violeta e cinzenta que se derramava pela atmosfera a impedia de avistar bem a lonjura; todavia, ainda que vagamente, podia distinguir lúgubres rochedos denteados que

emolduravam as margens do lago misterioso, cuja água azul parecia ser iluminada por baixo. Junto aos degraus, acostava-se um barco tingido de negro e duas tochas, na proa, espargiam chamas vermelhas e fumacentas. Assim que Uriel e Mery embarcaram, o barco partiu célere, sem ser por alguém dirigido pela água adormecida.

O lago parecia imenso e eles passaram por diversas ilhotas nuas e desérticas, nas quais ardiam fogueiras como que em noite de São João, derramando luz sangüínea sobre construções bizarras, de arquitetura inédita.

O barco orientou-se diretamente à margem oposta escarpada e deslizou para uma gruta, que se verificou ser entrada de um canal subterrâneo abobadado. Enormes cavernas abriam-se ora de um, ora de outro lado; os paredões eram escavados por imensas e fundas aberturas, feito precipícios, ou projetados em rochedos bizarros. O quadro lembrava as ilustrações do Inferno de Dante e causava impressão tétrica, acentuada pela luz esverdeada que se espargia sobre o mundo subterrâneo, povoado por criaturas não menos terrificantes. Deitados na terra ou escarafunchando-se por entre os rochedos, viam-se animais selvagens: hienas, panteras — todos com caras humanas; em alguns lugares, por entre as frestas, saíam seres humanos com cabeça de animais, acompanhando o barco com olhos fulgindo de ódio. Encontravam-se também outros seres estranhos, meio humanos, meio animais, que se contorciam como serpentes, trepavam ou pulavam com agilidade acrobática de um rochedo a outro, ou que jaziam sonolentos.

Mas o mais incrível era o silêncio mortal que ali reinava; até o bater das asas dos morcegos, que não paravam de voar, não produzia qualquer barulho.

— Que animais estranhos! — observou Mery.

— São os habitantes das regiões satânicas. A tola humanidade terrestre imagina que o mundo invisível é imaterial e não

atina que os seres inacessíveis à sua visão grosseira possuam um corpo. Há-há~há! Qual seria sua surpresa, tendo alguma mão corajosa descortinado o outro lado do mundo! Felizmente, todos os tratados de magia negra e os livros de conjurações são escritos de forma incompreensível para os ignorantes — zombou Uriel, rindo sonoramente.

O barco neste ínterim saía do canal e navegava por rio largo em direção à escadaria cujos degraus inferiores estavam mergulhados na água. À margem, cresciam árvores de folhagem negra e imóvel e, ao longe, viam-se diversas construções de uma cidade; mas a luz esverdeada e brumosa e a semi-escuridão que a tudo envolvia conferiam àquele estranho quadro uma impressão sinistra.

Ao desembarcarem, Uriel e Mery tomaram uma rua comprida com as construções negras.

Uma numerosa população — homens, mulheres e crianças — parecia vagar sem qualquer objetivo; todos estavam nus e eram macérrimos, os rostos — horríveis e transfigurados de sofrimentos, os olhos — afundados e vagos. Uma fumaça negra, variegada de clarões amarelos, envolvia-os feito auréola, exalando cheiro nauseabundo.

O medo que tomava conta de Mery desapareceu subitamente; ela se sentia corajosa e, sobretudo, sua curiosidade estava muito aguçada.

Neste instante, na lonjura surgiu uma luz vermelha. — O que é aquilo, irmão em Satanás? — perguntou Mery, instruída da maneira como deveria tratar seus novos colegas.

— É o palácio de Asrafil.

— Escute, irmão — tornou Mery após uma breve reflexão —, de que forma nós — pois você não é um espectro, já que não morreu de morte corpórea — podemos rodear por aqui, na esfera da morte?

Um sorriso leve franziu o rosto do capeta.

— É muito simples, irmã: precisamos apenas saber utilizar as leis existentes e ter a chave que abre o mundo invisível. Os espectros não aparecem no mundo dos vivos, do que há inúmeras provas? Por que não pode ser o contrário? Se as esferas infernais não propiciassem tantos prazeres, não haveria tantos interessados em vir para cá. Bem, estamos chegando.

Eles se aproximaram de uma espécie de vala cheia de líquido esverdeado fosforescente; do outro lado, via-se um enorme prédio, como que executado em metal incandescente. Uma larga escada levava ao saguão com colunas; nos fundos, abria-se a visão de uma galeria.

Por todo lugar, multidões estranhas de habitantes do inferno apinhavam-se; aparentemente toda a hierarquia tinha ali seus representantes. Ao lado de seres nojentos com caras animalescas topavam-se criaturas esbeltas e graciosas, cobertas de penugem brilhante e macia; não raro chifres luzidios adereçavam rostos bonitos, ainda que com expressões perversas e lascivas. Havia ali mulheres jovens e belas, expondo descaradamente seus belos corpos desnudados, como também bruxas horrendas, de olhar assustador. No meio dessas multidões pulavam e adejavam bandos de capetas garbosos, porém mal-encarados e carrancudos. Cada qual possuía acima de sua cabeça urna estrela colorida: azul-safira, verde-esmeralda, amarelo-laranja ou vermelho sangüíneo.

Passando através daquele ajuntamento que se ia abrindo diante de Mery e seu acompanhante, os dois cruzaram a galeria e deram num salão amplo com mesa posta. Pelo luxo do serviço, aquele festim diabólico superaria um banquete mundano; uma luz vermelha reverberava sobre as louças valiosíssimas e iluminava feericamente os convidados e Asrafil, ocupando um trono alto de dois lugares junto à mesa.

Com o aparecimento de Mery e Uriel, ouviram-se gritos ensurdecedores:

— Viva Ralda, a noiva prometida — urravam vozes desconexas.

Mery aproximou-se. Asrafil ergueu-se, fê-la sentar-se junto de si e estendeu-lhe sua taça. Foi então que ela viu que a taça estava cheia de sangue e não de vinho, como imaginava; visivelmente enojada, ela afastou a bebida. Asrafil soltou uma gargalhada e forçou-lhe, goela adentro, o líquido denso e viscoso. À cena sucedeu uma explosão de palmas e a orgia continuou, alcançando seu apogeu. Uma música caótica atroou os ares, se é que se pode chamar de música um remoinho de sons misturados com urros da tempestade, gemidos e gritos das vítimas imoladas e rugidos desesperados de animais sacrificados.

De súbito, aconteceu algo totalmente inesperado. A luz vermelha embaçou, como que se apagando, e deu lugar a um lusco-fusco esbranquiçado; simultaneamente, debaixo das abóbadas cintilou um feixe largo prateado. Sobreveio, por segundos, um silêncio mortal, seguido da gritaria dos presentes que saltavam dos lugares e se amontoavam no fundo do salão, rostos assustados e transfigurados de ódio. Asrafil, o primeiro a deixar o trono de um pulo, enrodilhou o seu longo rabo na Cintura de Mery. A mesa do banquete tinha desaparecido como que por encanto.

Numa banda de luz descendente delineou-se uma caravana extraordinária como que vinda das alturas, liderada por um majestoso ancião de roupas alvas e manto salpicado de diamantes; em sua cabeça prateada repousava uma coroa de seis feixes, tão ofuscante, que era difícil fitá-lo. Na mão ele empunhava um crucifixo, irradiando luzes multicores. Ao lado do ancião, descia um jovem alto também de branco. Por baixo de seus cabelos cintilava uma chama dourada e a barba negra emoldurava-lhe a parte inferior do rosto. Numa das mãos ele segurava uma cruz radiosa, na outra — uma espada, cuja lâmina ardia flamejante. Atrás daqueles dois representantes das forças puras superiores,

vinham homens em trajes de cavaleiros e túnicas curtas prateadas, no peitoril das quais havia um cálice bordado, encimado por cruz; todos os cavaleiros estavam armados de crucifixos e espadas. Em volta, agrupavam-se alvas figuras transparentes e, atrás delas, seres vagamente delineados — os espíritos da natureza, subordinados a magos. Um canto harmonioso, suave e potente ao mesmo tempo estremecia as paredes do palácio satânico.

O antro satânico estava irreconhecível. Rolando no chão em convulsões, os servidores do mal vomitavam um líquido esverdeado e gelatinoso. Neste ínterim, porém, Asrafil levantou-se com visível esforço, uivou feito fera e pôs-se a atirar flechas ígneas nos espíritos puros, sendo acompanhado por outros. Ajoelhados, com rostos transfigurados de ódio e fúria, eles imitavam o seu senhor. Logo, uma chuva de projéteis incandescidos sibilou no ar e atingiu os mensageiros da luz; não obstante, estes avançavam apesar dos sofrimentos causados pelas emanações contagiosas do mal. As pessoas tendem a acreditar que o reino das trevas é fácil de ser derrotado por seres límpidos. Não! A luta contra o inferno é dura e renhida para resgatar dos demônios as almas ainda em tempo de se arrependerem.

Lentamente, o exército do bem foi avançando. O canto tornava-se cada vez mais poderoso e, à medida que os feixes de luz clara atingiam os grupos de demônios, entre os satanistas instalava-se pânico. Um grupo de homens e mulheres, nus e repugnantes, separou-se da multidão e, rastejando, tentava chegar até a faixa de luz. Eram os desafortunados, em cujo coração ainda havia resquícios da consciência de sua pobreza espiritual, atraídos pela harmonia do bem. O crucifixo na mão do ancião espargia feixes de faíscas douradas; a sua voz chamava e os encorajava, prometendo auxílio e perdão; ao mesmo tempo, chamas douradas caíam de cima feito flocos de neve e, ao atingirem algum demônio, faziam-no tombar, contorcido em dor[6].

A deserção dos arrependidos motivou, entretanto, uma explosão de fúria por parte dos satanistas. Negros projéteis choveram sobre os infelizes, que se contraíam de espasmos. Alguns sucumbiam, outros prosseguiam obstinados para vencer a distância que os separava do feixe luminoso. Subitamente, o ancião curvou-se e cobriu-os com manta diamantina. Olhos arregalados, Mery assistia a tudo perplexa; de repente ela compreendeu que estava perdida e quis se aproximar da luz para fugir daquele local sinistro. Tentou se livrar do elo diabólico que a atara, mas debalde. Quando viu os guerreiros do bem se alçando e partindo, foi tomada de desespero e começou a se debater e gritar, mas ninguém já lhe dava atenção. Postado a alguns passos, Asrafil parecia desanimado; ao lado dele, Uriel conversava animadamente; muitos dos convivas jaziam inânimes no chão.

Uma meia-luz dourada ainda se espargia pelo ambiente e os flocos alvos a flutuarem no ar apontavam que o antro satânico acabara de ser visitado por forças de luz.

Nisso Mery ouviu Asrafil expedindo alguma ordem a Uriel, pois este saiu do salão, seguido de seus subordinados. Logo depois, ela ouviu gritos e barulho de luta e viu uma mulher gorda e suja, de rosto transfigurado de pavor, sendo arrastada. Uma nuvem de capetas grudou feito sanguessugas no corpo da bruxa, que se debatia desesperada. Rapidamente, a mulher foi derrubada aos pés de Asrafil e este lhe cravou o punhal na garganta. O sangue espargiu em chafariz do ferimento, derretendo-se no ar feito fumaça escura. Asrafil abaixou-se e sorveu-lhe o sangue espumoso, o que parecia tê-lo revigorado; outros rastejaram ao cadáver para também matar a sede.

Mas os esponsais satânicos pelo visto tinham sido adiados, a julgar pelas palavras de Asrafil a Uriel.

— Leve Ralda daqui. Eu a chamarei quando me livrar do contágio da visita...

Uriel curvou-se e levou Mery ao quarto contíguo.

— É melhor a gente se vestir; está frio depois desta aventura. Só então Mery sentiu um frio glacial.

— Pegue isto — disse Uriel, tirando detrás da cintura um saco com duas malhas, de tecido fino, macio e brilhante. Enquanto se vestiam, ele adicionou:

— E não é para odiar esses monstros lá de cima?! Eles não param de nos atormentar e vivem estragando nossos banquetes sob o pretexto de "salvar" algumas almas "arrependidas", como se elas os tivessem invocado. Defendemos os *nossos* por uma questão de princípios, mas isso é idiotice: bastava expulsar daqui esses parvos, inseguros em sua fé satânica.

Já de malha, Mery sentiu o corpo confortável e calada seguiu Uriel ao rio, cheio de barcos a essa hora.

No canal subterrâneo, Mery pôs-se a observar com novo interesse as figuras bizarras e lúgubres dos moradores do inferno. Vez ou outra ela divisava algum demônio pensativo recostado na parede, aureolado por coroa vermelha que lhe delineava a cabeça, com cara sinistra e as asas dentadas.

— Em que eles podem estar pensando? — sussurrou Mery.

— Em malefícios que possam praticar para subir na hierarquia satânica — respondeu Uriel, também sussurrando.

— Mas eles também são um sopro de Deus... Mal pensou em dizer isto, Mery imediatamente soltou um grito de dor. Era como se fosse perpassada por ferro em brasa.

— Com Ele você já não tem mais nada em comum — observou Uriel, sorrindo com escárnio.

Mery abaixou a cabeça sem dizer nada. Neste instante, o barco saiu para o lago.

— Causa-me horror *esse* mundo desconhecido! Diga-me, irmão Uriel: terei de voltar para cá? Não me seduz essa idéia...

— Decerto voltará, irmã Ralda, ao menos para descansar. Vê aquelas ilhas verdejantes de ciprestes e figueiras? São luga-

res de repouso, para onde nos retiramos quando a vida mundana se torna insuportável.

— Posso vir a qualquer hora ou terei de aguardar por um convite?

— Deverá comparecer aos sabbats, participar de caças satânicas, entre outros eventos. Toda vez que se ouvir o tocar dos sinos ou os sons de trombeta, as esposas dos demônios são obrigadas a vir. Mas não se preocupe, logo achará as nossas festas aprazíveis. Você gostará de nossa vida, cheia de agitações cálidas e volúpia demoníaca, com banquetes noturnos nos cemitérios e orgias de larvas e vampiros. Como não gostar de uma vida longa e da juventude eterna, mantida pelos sumos vitais das vítimas?! Quão míseros lhe parecerão, depois disso, os prazeres "mundanos"!

— Irmão Uriel, quem é você, afinal? Ser humano ou demônio?

— Sou tal como você, um anfíbio entre a Terra e o inferno.

— E o que aconteceu a Van der Holm após sua terrível morte?

— Agora ele é um demônio. Se você ainda sente algo por ele, poderá aliviar seu estado; seria até uma forma de reconhecimento. Vou ensiná-la como isso pode ser feito; ele poderá se tornar seu protetor e conselheiro.

— Ah, eu não queria perder contato com ele; justo agora, quando estou sozinha enfrentando tantos mistérios terríveis...

Neste ínterim, o barco acostou e eles adentraram o subterrâneo que levava à pirâmide.

Mery estava completamente exausta e tremia de frio. Flaga preparou-lhe imediatamente um banho de imersão e, depois, vestiu-a. Uriel, sentado à mesa, também de roupa trocada, aguardava-a no refeitório. Avidamente, ambos se refestelaram com o lauto jantar acompanhado de vinhos fortes.

Após o café, Mery perguntou:

— E como será a minha vida agora?

— Poderá levar uma vida social mundana, mas lembre-se de que a sua virgindade pertence ao nosso senhor — Asrafil. Depois, se quiser, poderá se casar. Deve também consagrar uma parte de seu tempo aos estudos dos livros que tem. Se tiver algum plano de vingança, ponha-o em prática; para isso os servos estão sempre à sua disposição...

Um estalo, acompanhado por leve explosão, interrompeu Uriel.

— O que foi isso? — alarmou-se Mery.

Uriel ergueu sorrindo a mão e a alguns passos deles surgiram os súditos dela — que ela já conhecia. O líder dos capetas saudou-a e exigiu que lhes dessem uma tarefa; Mery, acabrunhada, dirigiu-se súplice a Uriel:

— Por favor, ajude-me! Eu ainda não assimilei a minha nova função.

Uriel tirou do bolso um rolo de papel negro, rabiscou com lápis fosforescente algumas palavras e estendeu-o a Mery. "Suicídios, homicídios e infanticídios — três cada um; duas punhaladas numa briga de bêbados; uma catástrofe ferroviária" — leu ela, entregando em seguida o papel ao capeta, que desapareceu com o seu bando.

— O trabalho deixá-los-á ocupado por algum tempo — observou Uriel —, mais tarde, eu lhe ditarei um programa. É preciso distribuir-lhes essas tarefas de modo que haja sempre muitos homicídios e sangue derramado, pois é disso que se alimenta o inferno. Agora, irmã, desejo-lhe uma boa noite. Descanse bem! Que Satanás a guarde! Vá dormir e não se esqueça sobretudo — ele levantou o dedo significativamente — de evitar maus hábitos: ter pensamentos beatos ou fazer sinais anti-satânicos e outras bobagens, que poderão estragar-lhe o sono.

Eles se despediram. Mery, com cabeça pesada e coração o-presso, recolheu-se em seu quarto e logo adormeceu um sono profundo.

(6) O descrito é comprovado nos casos em que os obsediados não conseguem se aproximar de hóstias ou de relíquias sagradas sem gritos lancinantes, uma vez que os espíritos do mal os atravessam com seus fluidos venenosos. (N. do Autor)

~V~

Ela despertou fraca e quebrada, sem forças para se levantar, e depois de um desjejum substancioso tornou a dormir. Sua fraqueza física e espiritual prolongou-se por vários dias; Flaga a acordava de três a quatro vezes por dia para obrigá-la a comer e tomar vinho, após o que ela mergulhava novamente num sono profundo. Finalmente, ao se sentir bastante forte, Mery almoçou bem e levantou-se da cama.

Flaga anunciou-lhe que Uriel queria lhe falar. Mery vestiu-se rapidamente. Logo veio Uriel, saudou-a cordialmente e colocou sobre a mesa uma garrafa de cristal e um pequeno cálice.

— Trouxe-lhe um tonificante, querida irmã. Tome-o três vezes ao dia e logo ficará boa. Vai precisar de forças para sair deste lugar não muito aprazível. Tenho alguns assuntos particulares para cuidar, e você deverá iniciar os estudos da magia superior. A biblioteca que Van der Holm lhe legou contém obras de valor inestimável e nelas você encontrará tudo de que precisa. Vou-lhe indicar as fórmulas e o devido ritual que terá de saber de cor. Você deverá estar bem armada, pois entre os espíritos encontram-se alguns bem recalcitrantes; além disso, precisará comer muita carne e tomar bastante vinho para se fortalecer. Daqui a dois dias partiremos.

— Então voltarei a Petersburgo? Eu queria tanto rever a minha mãe — lamuriou-se Mery.

— Não, cara irmã, você ainda não está suficientemente forte para suportar a atmosfera desfavorável que cerca sua mãe; dizem que ela é muito religiosa. Daqui a alguns meses, poderá até buscá-la; por enquanto, escreva-lhe dizendo que assuntos de herança do marido a impedem de visitá-la. A nossa irmandade cuidará de enviar suas cartas, sem levantar quaisquer suspeitas. Eu vou levá-la à Escócia, precisamente a Komnor Castle — um castelo de um de nossos membros, que gentilmente é cedido a irmãos e irmãs que atravessam períodos difíceis de tentação e estudam campos específicos da ciência. O prédio foi reconstruído ainda no tempo da rainha Elisabeth; está luxuosamente mobiliado e é cercado por parque. Ficará bem instalada e isso não lhe custará nada. Ali encontrará o necessário e terá sua própria criadagem. Os arredores são pitorescos; existem montanhas e penhascos com desfiladeiros interessantíssimos — acrescentou Uriel, sorrindo enigmaticamente.

Graças ao medicamento fornecido, dois dias depois Mery se recuperou tão bem que pôde deixar o castelo. Primeiro eles retornaram à cidadezinha onde antes haviam pernoitado, quando se deu então a inevitável comédia. Mery declarou que seu marido caiu num abismo numa das excursões e, enquanto ela foi buscar socorro, um feliz acaso fê-la encontrar seu velho amigo, que a ajudou muito. De fato, no fundo do desfiladeiro apontado por Uriel foi encontrado o corpo de um homem, em trajes de Van der Holm. Os criados do hotel confirmaram tratar-se do mesmo, ainda que o rosto do morto estivesse irreconhecível por causa da queda; mas, como todos os documentos e objetos pessoais valiosos estavam com ele, não houve dificuldade de se obter o atestado de óbito das autoridades locais.

Após o enterro do suposto marido no cemitério local, Mery e seu acompanhante dirigiram-se a Paris, onde passaram alguns dias, pois Uriel tinha assuntos a resolver.

De lá, eles foram à Inglaterra e, após dois dias de permanência em Londres, partiram para a Escócia. Ao desembarcarem do trem, tomaram um carro que os levou a Komnor Castle. A bem conservada estrada era difícil e íngreme, pois o castelo ficava num vale cercado de rochedos escarpados.

Era uma enorme construção no estilo Stuart, com enorme parque. No caminho, Uriel contou a Mery que o castelo havia pertencido aos duques de Mervin, porém a sua linhagem desapareceu no século XVIII, após o que a propriedade passou para um tronco lateral.

— A família nunca vem para cá, pois dizem que Komnor Castle é mal-assombrado. Felizmente isso não é um empecilho para nós — riu Uriel.

Mery nada respondeu e continuou olhando pensativa o velho castelo assomando-se por trás do parque verdejante.

Aparentemente eles eram esperados, já que na entrada foram acolhidos por um homem vestido de negro, cujo rosto repulsivo causou impressão desagradável sobre Mery.

“Deve ser algum ex-presidiário”, pensou ela, estremecendo em seguida com o comentário jocoso de Uriel:

— Não pense alto, querida irmã! James Kennedy é um servidor fiel da irmandade. Voltando-se para o criado, ele adicionou: — James, lady Van der Holm passará aqui alguns meses; cuide bem dela. Espero que Merjit tenha deixado tudo pronto. Sim? Neste caso leve *milady* aos seus aposentos.

Ao adentrar os seus apartamentos, Mery encontrou uma camareira com o mesmo rosto lúgubre e nojento que o de James. Esta lhe tirou o vestido de viagem, penteou-a e lhe deu um traje de casa, dizendo que viria anunciar quando o almoço estivesse servido.

"Pelo menos deve ser uma camareira experiente", pensou Mery ao ficar sozinha, examinando a mobília.

Na altura de dois degraus havia uma cama larga sob baldaquino — como era moda nos tempos antigos; as colunas eram em marfim ricamente trabalhado, com incrustações em madrepérola; o próprio baldaquino, com cortinas de brocado verde bordadas a ouro, estava engalanado por efígie com a coroa do ducado. Em mesmo estilo eram os maravilhosos móveis, de estofos idênticos, assim como o reposteiro levantado, cobrindo uma entrada à peça contígua, que se verificou não menos opulenta. As paredes eram cobertas por antigos dosséis; a mobília dourada tinha estofos de veludo vermelho e, na grande lareira, encimada por brasão do ducado, o fogo estava aceso, pois, ainda que o tempo estivesse quente, as velhas e grossas paredes eram frescas e úmidas. Ao lado da lareira havia duas poltronas com brasões nos espaldares e almofadas de veludo vermelho com franjas douradas para os pés.

Mery se sentou e, pensativa, pôs-se a examinar o ambiente com olhar entristecido. Nas paredes estavam pendurados alguns retratos em velhas molduras cinzeladas. Seu olhar deteve-se no quadro que representava um senhor de idade mediana, trajando roupa escura, ao lado de uma menina de uns seis a sete anos de rara beleza. Pela moda da época, ela trajava, feito adulta, um longo vestido de veludo negro; por trás do chapeuzinho, também negro, avultavam-se densos cabelos louro-avermelhados, caindo em madeixas encaracoladas até os joelhos. Seu rostinho iluminava-se por um par de grandes olhos escuros, olhando severos, orgulhosos e resolutos; a pequena boca com expressão altiva como que confirmava que a pequenina seria, com o tempo, uma mulher voluptuária e enérgica. Depois de examinar longamente esse retrato, Mery aproximou-se de dois outros. Um representava um menino de treze-catorze anos, incrivelmente bonito, olhos e cabelos negros, mas que não

inspirou simpatia em Mery; o segundo era rapaz louro e sonhador, em trajes de cetim branco com fitas azuis e grande colarinho rendado. Sem nenhuma razão aparente, Mery se sentiu mal; o ar pareceu-lhe pesado. Talvez o quarto devesse ser arejado. Ao notar uma porta que dava para um pequeno terraço, ela abriu-a e, recostando-se no parapeito, pôs-se a examinar a vista do parque em frente.

Começava a escurecer; o ar estava aromático e tépido.

Subitamente, Mery avistou o vulto alto de um homem aproximando-se pela alameda, vindo do fundo do parque. Ao passar perto do terraço, ela observou-lhe o traje de veludo dos tempos de Carlos I, com fitas pretas, gola larga de linho orlada de rendas. A cabeça era encimada por largo chapéu de feltro com pena branca. O desconhecido tirou o chapéu e reverenciou Mery.

Era um homem jovem, alto e bem talhado, muito bonito, de rosto sério, emoldurado por densas madeixas e barba pontiaguda negra. Os olhos bem dilatados sob os densos cílios negros fitaram Mery com olhar túrbido e sinistro, e os lábios púrpuros franziram-se num sorriso cruel de escárnio.

Um frio glacial percorreu o corpo de Mery, enquanto ela acompanhava com o olhar a figura do desconhecido, que sumiu atrás de uma curva da alameda. Ela voltou ao quarto, trancou a porta do terraço e deixou-se cair na poltrona. A visão daquele homem a deixou perturbada. Onde havia visto aquele rosto pálido que, apesar de ser indubitavelmente bonito, sugeria-lhe nojo, quase ódio?

Merjit, que veio anunciar o almoço, interrompeu suas reflexões. À mesa, Mery contou a Uriel sobre o estranho indivíduo, engalanado como que para um baile de máscara.

— Quem é ele? — perguntou ela.

— É o proprietário do Komnor Castle — respondeu Uriel, soltando uma risadinha.

— Como? Você mesmo me disse que eu ficaria sozinha e que o proprietário nunca aparece no castelo, tendo-o cedido à irmandade. Agora, verifica-se que aquele senhor, meio afetado, mora aqui.

— Irmã Ralda, você faz muitas perguntas — admoestou Uriel. — A palavra "por que" tem de ser riscada do nosso vocabulário e você deve simplesmente obedecer as ordens dos mestres. Você já não é mais livre como antes. Está atada com elos terríveis à irmandade satânica, da qual é seu membro. Nunca se esqueça disso! Está aqui para estudar e eu serei seu instrutor nas ciências satânicas enquanto você não se armar o suficiente para se defender dos perigos; até lá, eu a protegerei. Mas previno-a: sou um mestre severo e exigente, por isso trabalhe com dedicação, seja razoável e obediente e nós permaneceremos bons amigos. Agora venha, vou lhe mostrar a biblioteca, onde iremos estudar.

A enorme sala estava totalmente tomada de estantes de carvalho ocupadas por livros. Numa delas, Mery, para sua grande surpresa, encontrou os três livros legados por Van der Holm. Após meia hora de prosa, Uriel anunciou-lhe que os estudos começariam no dia seguinte e que ela então deveria ir dormir, sem se esquecer de fazer as devidas rogações a Satanás.

Com a alma pesada, ela voltou ao dormitório, onde a camareira esperava. Depois de lhe pedir para trazer o penhoar, Mery a dispensou. Estando sem sono, procurou alguma coisa para ler no armário de livros; porém, quando foi girar a chave, reparou na parede uma porta disfarçada. Aproximando-se dela curiosa, lampejou-lhe na mente um pensamento vago de que de outro lado deveria se encontrar um oratório com as imagens do Cristo e da Virgem Santa. Ela empurrou bruscamente a porta, mas, de súbito, sua respiração foi sustada por uma dor aguda que parecia arrancar-lhe a pele. Isso se deu no exato momento em que lhe afluiu à mente a lembrança do Criador e Nossa Senhora.

Como pôde ter-se esquecido de se encontrar fora dos domínios puros e sagrados?

Afastando de si quaisquer pensamentos desta natureza, examinou a pequena peça, iluminada por alta janela gótica. Decerto, ali outrora ficava um oratório; porém, o que era agora a deixou atônita. Do teto pendiam sete lâmpadas vermelhas a derramarem luz sangüínea em um bloco de basalto negro, sobre o qual se erguia a estátua já vista por ela antes, na casa de Van der Holm. O demônio representava-se sentado, com as pernas cruzadas e descansando o queixo sobre a mão; seus olhos esverdeados fitavam Mery com incrível vivacidade e expressão de cruel escárnio. Aos pés da estátua havia uma almofada preta e, sobre a base, fulgia a inscrição: “Reverencie-me de joelhos”.

Ao lado havia um livro encadernado em couro, com cantoneiras de prata. Movida por força incontrolável, Mery se aproximou, abriu o livro e leu: “Breviário”. Apesar do que ela já havia visto, ouvido e experimentado, ter de fazer “orações” a Lúcifer era um sacrilégio inaudito. Estremecida por dentro, virou-se e quis abandonar o local profanado, contudo parou pasma.

Um bando de capetas, já vistos em sua iniciação, tolheu-lhe o caminho e a fez recuar. Atacada por nojentos monstrinhos, ela compreendeu que eles não a deixariam em paz até que não concluísse o ritual satânico.

Abalada e exausta, Mery finalmente voltou ao quarto e logo adormeceu um sono pesado e forte.

As semanas que se seguiram passaram em trabalho árduo e estafante. Mery teve de decorar numerosas fórmulas, na maior parte em língua estranha. Além de sabê-las de cor e salteado, ela deveria escandi-las em diferentes tons; paralelamente, estudou os rituais, os trajes, os aromas, etc... que se usavam nas evocações. Mery era inteligente o bastante para compreender que, estando em poder do inferno, teria de subjugar os espíritos maus que a cercavam para não se tornar uma vítima deles. Ela

trabalhava com afinco, de modo que Uriel estava contente com sua aprendiz. Sem dúvida, ela alcançaria altos postos na hierarquia satânica, se não fosse acometida de acessos de lamúrias, recordações, desânimo e de outras tolices.

— Você está indo bem, irmã Ralda, e acha-se bastante armada para que eu a deixe por algum tempo — disse-lhe ele certo dia. — Montei-lhe um pequeno programa de estudos, pois não haverá necessidade de trabalhar muito durante a minha ausência. Seu organismo passou por fortes abalos e você precisa se poupar. Espero que este lugar lhe seja de agrado.

— O castelo é muito bonito, mas não pude conhecê-lo melhor. Nem tive tempo de ver todo o parque por causa dos estudos.

— Mais alguns conselhos de como se comportar, querida irmã, caso vierem seus servos. Terá de ser gentil com eles, regalá-los com carne crua e outros quitutes, pois eles não só devem obedecê-la, como afeiçoar-se a você. É nesta afeição que está todo o seu poder! A lei de atração, ou de amor — segundo a terminologia usada na sociedade mundana —, funciona mesmo aqui e sua recíproca se aplica a nossos adversários. Aliás, se encontrar o proprietário do castelo, seja boa com ele — ele tem direito.

Depois do almoço Uriel se despediu e viajou, sem dizer quando voltaria, proibindo Mery de abandonar Komnor Castle a qualquer pretexto.

O tempo estava maravilhoso e Mery resolveu dar um passeio no parque, que se estendia até as encostas que cercavam o vale. Caminhou vagarosamente aspirando o ar aromático, quando, numa curva da aléia, viu um homem sentado num banco de pedra, à sombra de densos arbustos. Ao se aproximar dele, o desconhecido levantou-se e foi ao seu encontro, segurando o chapéu na mão. Era aquele indivíduo estranho em trajes do século XVII, que havia avistado antes.

— Por favor, não se incomode. Eu ainda não conheço bem este lugar, caso contrário não teria quebrado a paz de sua solidão — disse ela, respondendo à reverência do desconhecido.

— Oh! Eu conheço bem o castelo e seus arredores e, se *milady* me permitir, poderei servir-lhe de guia — prontificou-se ele em voz sonora, como que vinda de longe.

Mery esquadrinhou-o com olhar curioso. Agora, de perto, ela conseguiu definir o belo rosto, cadavericamente pálido, e os grandes olhos que fulgiam sinistros. Um frio exalava do desconhecido, mas isso não a deixou admirada: por experiência própria ela conhecia que de Uriel, Van der Holm, e de outros luciferianos também bafejava uma espécie de brisa gelada, de modo que concluiu que o desconhecido era membro da irmandade satânica, vivendo no castelo, tal como ela, para estudar as ciências arcanas.

— Obrigada pela gentileza! O senhor também anda fazendo aqui pesquisas pós-iniciáticas? Está há muito tempo em Komnor Castle?

— Oh, há muito tempo! — respondeu ele, displicente.

— Eu apenas há algumas semanas. Infelizmente, ainda que me dedique muito, acho esses estudos complicados. Recebi as primeiras noções de Oscar Van der Holm — um orientador hábil e erudito, com quem estudar era fácil, se bem que tive com ele apenas o abecedário da verdadeira ciência.

— Se eu lhe puder ser útil, *milady,* terei enorme prazer de transmitir-lhe tudo que sei — propôs o desconhecido. Durante a conversação, eles cruzaram o parque e começaram a subir uma trilha, bastante íngreme, que serpenteava e perdia-se de vista nos rochedos.

— Para onde estamos indo, afinal? — inquietou-se Mery.

Eles haviam alcançado uma trilha estreita: de um lado emoldurada por rochedos escarpados, de outro — um fundo vale, salpicado de fendas profundas.

— Queria lhe mostrar as ruínas do velho castelo dos Mervin, abandonado depois que eles se mudaram para Komnor Castle. Porém está ficando escuro e vamos transferir essa excursão para outro dia. Contornemos o rochedo; quero lhe mostrar um lugar lendário que talvez lhe interesse.

Mery seguiu-o pela trilha pétrea que serpenteava por trás do rochedo, ora descendo, ora subindo. Num local formando depressão, os rochedos de um lado pareciam menos altos, cobertos por arbustos; do outro — via-se um despenhadeiro em cujo paredão, para o espanto de Mery, estava gravado um triângulo vermelho.

— O que é aquilo? — perguntou Mery, desviando o olhar para seu acompanhante e imediatamente estremecida por causa da expressão furiosa de seu rosto.

— É o sinal que marca o lugar onde foi perpetuado o crime de que fala a lenda; está vermelho pelo sangue que se derramou por culpa de uma mulher criminosa. De fato, como são bem-aventurados os espíritos pecaminosos que, ao se reencarnarem, esquecem-se de seus atos passados, ainda que Nêmesis faça a justiça, quando eles já se esqueceram de seus delitos. O local, como vê, é próprio para emboscadas. A história é muito antiga e não espanta mais ninguém, só os seus figurantes. Um dos Mervin voltava para casa numa certa noite tempestuosa e, atrás dos arbustos, espreitavam os assassinos, que o apunhalaram no peito, inspirados por uma jovem lindíssima.

Oh, mulheres, mulheres, sereias pérfidas! Como elas sabem conjugar a beleza com a hipocrisia e a luxúria! Choram se seu cachorrinho ou papagaio ficou doente ou fazem um escândalo tremendo, caso um espinho lhe espete o dedinho acetinado. Como são fortes, porém, se precisarem se livrar de marido inconveniente! Dizem que o cadáver foi atirado nesse despenhadeiro e a alma vaga sem encontrar a paz... Entretanto, os assassinos não gozaram por muito tempo dos frutos de seu malefício

e, em parte, a vítima foi justiçada... Bem, vamos voltar; está ficando tarde.

A volta foi em silêncio. Perto da porta do castelo, Mery com uma idéia fixa na cabeça quebrou o silêncio:

— Por acaso o senhor conhecia a vítima?

— Ah, sim. Era um bom sujeito — assegurou o desconhecido.

— Como o senhor está pálido! Não quer entrar? Posso lhe oferecer um refresco ou, talvez, um copo de vinho.

O desconhecido aquiesceu com a cabeça.

— Agradeço. Se me permitir, chamarei por James; ele conhece os meus hábitos — disse o desconhecido e, suspirando, apertou a campainha.

— O senhor vive no castelo? — perguntou Mery.

O estranho nada respondeu, apenas seu rosto adquiriu uma expressão indefinidamente amarga. Neste ínterim, entrou James e interrogou o visitante com o olhar.

— Traga-me uma taça daquela bebida e pão! — ordenou o desconhecido, afundando-se na poltrona e fechando os olhos.

Mery continuou de pé, constrangida e sem saber o que fazer. Após alguns minutos de silêncio opressor, James retornou trazendo uma bandeja com grande taça dourada dentro de vasilha com água quente. Num prato de cristal havia alguns pães enegrecidos. As mãos do criado tremiam visivelmente e o rosto estava lívido, enquanto ele colocava a bandeja diante do desconhecido.

Este se endireitou, pegou a taça e a secou avidamente; depois, com a mesma voracidade, pôs-se a comer os pães, deixando só um pedacinho. Como que por encanto seu rosto se desanuviou; ele se levantou do lugar e pegou o chapéu com pena na aba.

— Tenha boa noite, *milady,* e agradeço-lhe por tudo.

Seu tom de voz e o modo como fez a reverência de despedida não escondiam escárnio. Ele se dirigiu à porta e sumiu, como que derretendo no reposteiro; mas Mery não deu atenção a isso. Seu olhar estava pregado na bandeja de prata; ela queria saber de que o desconhecido se havia servido.

Após hesitar por alguns instantes, aproximou-se da taça, pegou e examinou-a; no fundo ainda restavam algumas gotas sangüíneas e, pelas migalhas do pão que sobrara, ela concluiu que ele estava umedecido de sangue.

Então, seu novo amigo era também um satanista. Ali estavam as evidências: todos os membros da irmandade bebiam sangue e ela teria de fazer o mesmo. Uriel, já por diversas vezes, oferecera-lhe essa bebida no cálice, mas ela sempre declinou, enojada.

Após jantar sozinha, Mery chamou a camareira, despiu-se e deitou, mas demorou para pegar no sono. Estava angustiada e seu peito era como que esmagado por um bloco de pedra. A vida parecia-lhe vazia e desafortunada, e o futuro — sem perspectivas; ao mesmo tempo, não lhe saía da cabeça a cena terrível da morte de Van der Holm, em todos os detalhes. A sensação era que duas forças antagônicas se digladiavam em sua alma, causando-lhe dor em todo corpo. Finalmente, ela se esqueceu num sonho inquieto e estranho.

Via-se no quarto da vila em que morava Suróvtseva. Sua mãe estava ajoelhada e orava diante da imagem da Virgem Santa; mas Mery não conseguia distinguir o ícone, encoberto por uma nuvem negra e densa, diante da qual ela se via dormindo. Feixes de luz resvalavam na película negra e atingiam seu corpo no leito. Subitamente, ela se viu cercada por capetas — seus servidores. O exército do inferno estava em polvorosa: suas caras refletiam fúria e desespero. Toda vez que um feixe de luz atravessava a cortina fumacenta e atingia os minúsculos demônios, eles tombavam de borco, outros acabavam calcinados em

clarões dourados, outros, ainda, espumando um líquido verde, saltavam sobre Mery enfurecidos e a mordiam e beliscavam. Ela se sufocava em meio a dores lancinantes; o corpo parecia um só ferimento. Entretanto, o caos ao redor dela aumentava e os uivados desconexos dos capetas encobriam um súbito canto longínquo e o tilintar dos sinos.

Mery compreendia que alguém rezava por ela, no entanto não podia se mover nem se concentrar num pensamento. Finalmente, perdeu a consciência...

Acordou tarde, sentindo-se tão alquebrada, fraca e apática, que não conseguia se levantar da cama. Sua cabeça estava vazia e até o ato de pensar lhe era doloroso, entretanto, o pesadelo que a atingiu estava vivo na memória.

Merjit, que fora para vestir Mery, deitou-lhe um olhar desconfiado, fê-la tomar um banho de imersão e levou uma taça cheia de sangue quente, que a obrigou a tomar.

De manhã, Mery vasculhou a parte desconhecida do castelo cujos aposentos pareciam inabitáveis, ainda que contivessem objetos interessantes e muitos quadros do punho de grandes mestres. Depois do almoço, passeou no parque, sem encontrar, porém, o desconhecido do dia anterior. No caminho ela topou com alguns padres católicos, mergulhados em seus breviários. Macérrimos e cadavericamente pálidos, eles passaram por ela sem a cumprimentar. A presença deles naquele antro satânico deixou Mery intrigada.

No dia seguinte, ela já se sentia melhor e retornou aos estudos. A ciência negra enchia-a de entusiasmo, pois os poderes de que se armaria seduziam sua alma altiva e ambiciosa. Tendo analisado toda a sua situação, achou por bem não lutar contra o inevitável e subtrair as vantagens que adviriam. Como conseqüência de suas reflexões, Mery decidiu que, assim que lhe permitissem voltar à sociedade, solidificaria a sua posição, tiraria

proveito de sua riqueza e, simultaneamente, vingar-se-ia daqueles que a injuriaram e humilharam na pobreza.

A idéia da desforra foi reforçada pela última carta da mãe, com quem ela se correspondia constantemente.

Suróvtseva julgava que Mery estava em Londres tratando, junto aos bancos, da transferência dos bens herdados do marido para a Rússia. Por diligências de um dos luciferianos, as cartas de Suróvtseva eram entregues em Komnor Castle através de Londres e seguiam de volta por mesmo caminho.

Na última carta, Anna Petrovna contava à filha ter encontrado em Cannes casualmente com Bakhválova — a mulher que se recusara a devolver-lhe os trezentos rublos devidos, acusando-a de chantagem e desonestidade por exigir um pagamento supostamente já feito. Suróvtseva fingiu não ter reconhecido a mulher detestada; esta, porém, teria ficado intrigada pelo fato de encontrar Anna Petrovna no exterior, aparentemente cercada de muito conforto. Com sua descerimônia, peculiar a pessoas mal-educadas, Bakhválova aboletou-se perto de Suróvtseva como se nada houvesse acontecido entre as duas e começou a indagar sobre a mudança ocorrida em sua vida e onde estava Mery, cuja ausência a intrigava. Ao saber que Mery desposara um homem muito rico e que já enviuvara, encontrando-se no momento na Inglaterra para cuidar de assuntos de herança, Bakhválova soltou uma gargalhada de escárnio. Anna Petrovna largou a mulher rindo sozinha, sem se despedir, jurando nunca mais conversar com aquela insolente.

— Espere só, víbora imprestável! Mais dia, menos dia, você pagará caro por essas insolências — Mery ciciou entre os dentes e uma chama maldosa fulgiu em seus olhos negros.

~VI~

Passaram-se três semanas. Mery continuou estudando sozinha; Uriel ainda estava viajando e o misterioso desconhecido também não aparecia.

Certa noite, tendo acabado uma tarefa, Mery estava semi-estendida na poltrona da biblioteca. Na mesa ao lado havia jornais e revistas ilustradas que ela às vezes lia, regularmente entregues a Komnor Castle.

Estava triste. De manhã havia recebido uma carta da mãe, que a deixou com saudade dos familiares. Sentia também uma enorme nostalgia da época de sua antiga vida, quando o pai estava vivo. Tentou afastar os pensamentos recorrentes e concentrar-se no que aprendera durante o dia: os rituais e as fórmulas que serviam de comunicação com o tenebroso e desconhecido reino das trevas, do qual debocha a turba ignara, esquecendo-se, tal qual os arruaceiros brincando com pólvora ou dinamite, de sua força ou perigo. Recordou-se então de uma conversa que tivera com Van der Holm, quando ela fora iniciada no labirinto da ciência negra. Na época, tinha muitas dificuldades em pronunciar palavras incompreensíveis e, meio decepcionada, meio rindo, perguntou-lhe do sentido daquelas esconjurações, aparentemente tolas e estranhas. Van der Holm balançou a cabeça e disse sério:

— Quando vamos ao estrangeiro, temos de conhecer a língua de seus cidadãos. Igualmente as fórmulas mágicas nos servem de língua que é compreendida pelos habitantes do outro mundo.

Mery suspirou pesadamente e cobriu o rosto com as mãos: todos os habitantes do outro mundo que ela conheceu eram servidores terríficos do mal... Oh! Por que isso tinha de acontecer? Por que uma casualidade fatídica e seu ódio a empuxaram para aquele mundo? Não fosse a necessidade de vender as toalhas de mesa, ela não teria conhecido Van der Holm, nem a conjugação sinistra das circunstâncias a teria lançado para aquela vida, que lhe sugeria uma vaga ameaça, desde que ela se conscientizou do perigo e do abismo escuro que se abrira a seus pés.

— Para que se entregar a pensamentos lúgubres, querida aprendiz e herdeira? Lamentar-se sobre o que é irreversível é uma fraqueza imperdoável para uma alma tão enérgica como a sua — ouviu-se uma voz profunda.

Mery estremeceu, retesou-se e soltou um ai de pasmo. Na poltrona ao lado estava sentado Van der Holm, iluminado por fraca auréola púrpura. Seu rosto rejuvenescido tinha praticamente as mesmas feições, ainda que a tez estivesse enegrecida e coberta de pêlo brilhante; seus lábios eram vermelho-sanguíneos; as unhas longas e delgadas pareciam garras encurvadas; por trás dos densos cabelos destacava-se um par de chifres vermelhos fosforizantes; os olhos, outrora negros, tinham adquirido uma tonalidade esmeraldina, verde escura, e neles se percebia um escárnio cruel.

— Não se assuste, querida irmã Ralda! Eu soube de sua vontade de me ver e cá estou.

— Mas que aparência é essa, senhor Van der Holm! Estará transformado em demônio ou, numa linguagem vulgar, agora o senhor é um capeta chifrudo com rabo e cascos?

— Justamente, minha amiga! Aqui, como aí, temos as nossas diferenças. Querendo, eu posso engalanar-me nesses atributos de um capeta ordinário.

Ele se levantou e endireitou o talhe alto, tão flexível que parecia não ter ossos; seus pés adquiriram a forma de cascos e por trás das costas apareceu um rabo peludo. Ao ver o espanto de Mery, ele soltou uma gargalhada selvagem.

— Juro pela barba de bode que a senhora se assustou com seu velho amigo; todavia, devo preveni-la de que em sua posição é perigoso temer-me, o que a fará sucumbir ao meu poder. Porém, não lhe desejo mal algum. Nunca se esqueça de que a senhora é uma mulher real, bela feito um sonho — uma verdadeira personificação da sensualidade. Lembre-se também de que se encontra no meio de feras selvagens e, se a domadora perder seu poder de subjugar, estará perdida. Seu único escudo é o destemor.

Ele aproximou-se de repente e cingiu-a num forte abraço. Mery estremeceu do contato que lhe queimou o corpo; dele jorravam como que correntes de fogo e nos olhos esmeraldinos e maliciosos ardia volúpia; os dentes arreganhados, brilhando entre os lábios púrpuros, eram de fato assustadores. Mas a proximidade do perigo devolveu a Mery o sangue frio e coragem. Empurrando a criatura demoníaca, ela pronunciou esconjurações e fez um sinal que se desenhou no ar num triângulo fosforescente.

— Fora, demônio! Não lhe tenho medo e o proíbo de me tocar — pronunciou imperiosamente e, tirando do peito um pentagrama esmaltado, ergueu-o diante de si.

— Bravo, Ralda! — exclamou Van der Holm, recuando. — A senhora está começando a dominar seu ofício.

Mery soltou uma risadinha sarcástica. Sua serenidade habitual havia retornado e o primeiro susto e temor desapareceram.

— São apenas alguns resquícios da minha antiga fraqueza espiritual que, com o tempo, desaparecerão. Não é fácil de uma hora para outra deixar de ser “simples mortal”, assustando-se com os galanteios de cavalheiros do outro mundo. Quero crer, irmão Bifru, que permaneceremos bons amigos e que o senhor me ajudará a organizar a herança assaz complicada. Está de acordo?

— Será um prazer ajudá-la. Agora que a senhora aprendeu a lição de ser vigilante, quero lhe dar mais um conselho. Está muito desleixada com seus servidores, a quem deveria dar contínuas tarefas; atualmente eu chefio um bando de capetas bem mais desenvolvidos intelectualmente, mas ainda mantenho bons relacionamentos com meus ex-súditos.

Neste instante, Mery viu no espaldar da poltrona, onde estava sentado Van der Holm, um minúsculo demônio. Seu corpinho era negro e coberto de pêlo; atrás do dorso via-se, contorcendo-se graciosamente, um rabo; um par de olhos grandes e redondos iluminava sua carinha esperta. Ele parecia estar desgostoso, olhava embevecido para Van der Holm e lhe sussurrava algo no ouvido; seu ex-senhor afagava-lhe o dorso com ternura paternal. Mery reconheceu nele o pequeno demônio que liderava os espíritos dela.

— Cara irmã, Cocotó está dizendo que seus súditos estão se queixando de estarem ociosos; além disso eles estão com fome.

Ao ver Mery pensativa e até preocupada, ele acrescentou: — É necessário dar trabalho ao seu pequeno exército.

Por acaso a senhora não tem nenhum inimigo no mundo de quem queira se vingar?

O rosto de Mery afogueou-se: ela se lembrou de Bakhválova e de sua indigna carta, que precipitou o seu projeto de ir vender as toalhas, faminta e indigente, naquele dia fatídico em que ela caiu em poder de Van der Holm. Como não lhe ocorrera antes desforrar-se daquela miserável e fazê-la pagar, com lágrimas de

sangue, suas torpezas e sorrisos maliciosos? Van der Holm, que observava Mery e, aparentemente, lia seus pensamentos, fez uma careta.

— Ao que me parece, querida Ralda, a senhora considera um grande infortúnio ter me conhecido. Mas isso tem um lado bom, já que poderá se vingar de seu desafeto. Cocotó está aqui; recite o esconjuro, dê uma ordem e seus súditos farão o resto. Só que antes seria bom acalmá-los um pouco. Olhe como eles estão inquietos!

Atrás de Cocotó surgiram revoadas de seres minúsculos, que Mery já conhecia; eles não eram maiores que camundongos, caras perversas e, aparentemente, só a presença de seu antigo senhor evitava que eles se lançassem sobre Mery.

— Veja: os pobrezinhos estão com fome; é preciso alimentá-los antes de mandar trabalhar!...

— Mas o que poderei lhes dar agora? Onde arrumarei sangue em pó?

— Naquele armário. Uriel não lhe falou disso e a senhora também se descuidou.

Mery abriu rapidamente uma gaveta e de lá tirou uma caixa redonda com pó vermelho púrpuro. Pegando um punhado, ela o atirou para o ar e ele se espalhou em nuvem de poeira. Num instante, as partículas foram consumidas e as caras de seus servos se desanuviaram. Mery postou-se no meio do quarto, ergueu o bastão nodoso pendurado em seu pescoço e pronunciou algumas esconjurações, acompanhadas por sinais cabalísticos. Imediatamente, o corpo de guerreiros perfilou-se em sua volta, liderado por Cocotó e aguardando respeitosamente.

— Cocotó, ordenho-lhe assediar a família dos Bakhválov e torturá-la sem dó nem piedade! Instale-se na casa deles e cause-lhes os piores males: mortes, suicídios, discórdia, animosidade. Que a ruína os ceife como a mim; que eles passem por toda a humilhação pela qual passou a minha família. Vá, haverá

bastante serviço para vocês e não tenham medo de retaliação! Eles são “liberais”, eivados de ideais modernos, e são descrentes, de modo que nenhuma força hostil lhes tolherá o caminho. A cada sucesso alcançado, Cocotó, reporte-se a mim.

Enquanto Mery falava, seu rosto adquiria crueldade impiedosa; seus olhos brilhavam de sede de vingança.

Cocotó se inclinou ante Van der Holm e repetiu o gesto, ainda que com menos reverência, em relação a Mery; pelo visto ele tinha por ela bem menos apreço do que por seu antigo amo, e retirou-se com o bando.

— Está fazendo progressos, irmãzinha, e acho que não decepcionará a nossa irmandade. Cuide agora para afastar definitivamente qualquer lembrança de seus antigos preconceitos. Enquanto estiver vulnerável, a senhora sofrerá com os fluidos maléficos de nossos oponentes, como os de sua mãe, por exemplo; quando estiver bem forte, nada a atingirá e sua couraça interna lhe servirá de proteção, com exceção, é claro, de ataques diretos, muito dolorosos, aliás.

— Obrigada, Bifru, pelos bons conselhos. Compreendo sua equanimidade e tentarei melhorar. A propósito, tenho algumas dúvidas, pois ainda não consegui elucidar-me nos livros da ciência negra. Onde o senhor habita, onde habitam todas essas larvas, os vampiros, os demônios? Uriel já me levou à cidade satânica; aliás, em seu tempo, Swedenborg pesquisou as esferas do mundo do além, mas tudo é tão nebuloso...

— Ah, a senhora gostaria de ver o lugar onde habito? Vou mostrá-lo uma hora, se bem que ali a gente se sinta melhor sem o corpo, mas isso é o de menos. A propósito, a senhora precisa freqüentar algumas de nossas festas. Elas propiciam ao corpo habilidades especiais e uma flexibilidade incrível ao astral.

Não estou bem certo da data, mas logo haverá uma reunião muito interessante. É a chamada caçada satânica. Fique pronta

para participar dela, assim que ouvir o som de corneta. Como vê, temos as nossas diversões e não há o que se espantar disso.

— Eu li sobre uma caçada satânica de um caçador negro na floresta Fonteneblo e outras aventuras do gênero, que assombravam os habitantes das regiões obsediadas... achei que eram lendas.

— Não há fumaça sem fogo, Ralda! — riu Van der Holm.

— Bem, Bifru, obedecerei às ordens superiores. Ficarei aguardando o chamado da corneta.

— Excelente! Agora, o que acha do dono do castelo?

— É bem apessoado e até gentil, se bem que antipático. Estranho: parece-me que já o vi em algum lugar.

— É provável, só que a senhora se esqueceu. Bem, está na hora de ir embora; se precisar falar comigo, bata com o martelo metálico, que se encontra na biblioteca, no círculo na parede. É só bater as letras do meu nome, e eu aparecerei sem assustá-la.

Instantes depois, a figura do espectro esmaeceu e derreteu-se numa fumaça cinza, desaparecendo.

Certa feita, Mery acordou tarde e ouviu uma chuva forte batendo na janela; o tempo estava péssimo e ela se sentia cansada e quebrada. Sem sair da cama, mandou que Merjit lhe trouxesse o café.

— Recomendo não se levantar, *milady.* Lá fora cai chuva com granizo e é melhor descansar bem. Hoje, à meia-noite, está marcada uma caçada e a senhora deve estar pronta, porque o mestre não gosta de esperar. Vou lhe trazer sangue quente e algo mais substancioso.

Um quarto de hora depois a camareira trouxe na bandeja uma xícara de sangue quente e alguns pães embebidos nele. Mery já estava se acostumando com esse tipo de alimentação e secou o sangue e comeu os pães. Em seguida, Merjit pôs num cálice um líquido denso feito mel, que Mery tomou e, instantaneamente, mergulhou num sono profundo.

O contato de algo gelado e úmido em seu rosto fê-la acordar. Diante dela curvava-se Merjit, segurando uma toalha numa das mãos, na outra — um copo.

— Tome logo esta limonada e vamos à toalete, não há tempo a perder.

A bebida aromática, levemente amarga, revigorou-a.

— Agora vou massageá-la com ungüento e passarei um óleo no corpo; não tenha medo.

— Diga-me, Merjit, a senhora já esteve numa dessas festas noturnas? — indagou Mery, enquanto a camareira abria um pote de porcelana com ungüento e destampava o frasco com óleo.

— Sim, *milady,* várias vezes — respondeu a camareira. — Só que não na primeira fileira. A senhora montará um cavalo, e nós, o que tivermos: bodes, carneiros, porcos... — o que der para montar.

Enquanto ela massageava com o ungüento o corpo de Mery, este parecia estar abrasado, sua cabeça girava e ela como que pairava no ar. A sensação dolorosa sumiu ao ser aplicado o óleo; ela somente experimentou algumas leves picadas. Quando se levantou, Mery sentiu-se feito uma pena, o corpo flexível como borracha e o chão parecia fugir-lhe por falta de gravidade. Ao mesmo tempo, um calor agradável espalhava-se por suas veias. Merjit vestiu-a numa malha lanosa, tão fina que lhe envolveu o corpo como que numa segunda pele; sua cabeça ela encimou com um chapeuzinho em forma de morcego com duas lampadinhas verdes no lugar dos olhos fosforescentes; no pescoço, pendurou uma corrente de aço com medalhão em forma de cabeça de gato e olhos de brilhantes. Por fim, Merjit cingiu-a com uma fita prateada, de onde pendia numa corrente uma corneta de caça, e estendeu-lhe uma capa cinza e luvas da mesma cor.

— Que tempo horrível— observou Mery, entreouvindo, estremecida, as rajadas do vento, os estalos das árvores seculares e o rolar dos trovões longínquos.

O granizo fustigava as janelas. Na velha lareira e chaminé uivava o vento como que em voz humana.

— É sempre assim, *milady;* as forças da natureza tempestuam quando o mestre sai para caçar. Mas não tema: nada lhe acontecerá! Vou me vestir rapidamente. Daqui a uns quinze minutos a senhora ouvirá o sinal.

Ao ficar sozinha, Mery aproximou-se da janela, encostou o rosto ao vidro e olhou para fora. A tempestade estava enfurecida, retumbavam os trovões e, de quando em quando, os raios iluminavam tudo com luz funesta e selvagem; no ar turbilhonavam sombras indefinidas, vindo a se reunir junto ao castelo.

“Começou o sabbat”, pensou Mery e estremeceu involuntariamente.

No mesmo instante, ela sentiu penetrarem-lhe no ombro umas garras e do lado de fora do vidro grudou uma cabeça asquerosa — metade humana, metade animal. Subitamente, ouviu-se a voz de Van der Holm gritando:

— Não tenha medo!...

Mery retesou-se e levantou a mão, recitando conjurações. A ela retornou, então, a coragem e o destemor. A cara nojenta sumiu.

Seguiu-se uma algazarra de vozes uivando: “Har! Har!, Sabbat!” Simultaneamente, ouviu-se o som sonoro e prolongado da corneta de caça.

— Rápido, rápido, *milady!* — berrou Merjit, irrompendo no quarto e agarrando Mery pela mão. Correu com ela em direção da grande escada.

O pátio do castelo parecia inundado por clarões de incêndio; embaixo, junto à porta da entrada, um homem segurava pelas rédeas um murzelo que se empinava nas patas traseiras e

de cujas narinas se soltava vapor vermelho. O cavalo era magnífico com sua crina e rabo esvoaçando ao vento e olhos coruscando. Um homem levantou Mery, ajeitou-a no lombo do animal e lhe passou as rédeas; o corcel, ao se sentir livre, desembestou para frente e logo alcançou o líder da cavalgada.

Ali, montando um murzelo parecido, gineteava Asrafil, soprando sem parar sua corneta de caça. Como num sonho, projetaram montados, à frente de Mery, Van der Holm e o dono misterioso do castelo; depois, ela sentiu a terra fugir das patas do animal e iniciou-se uma cavalgada selvagem. Os caçadores satânicos pareciam voar em meio aos sons desconexos do canto e da corneta, alternados por gritos: "Har! Har!, Sabbat!"

Seria difícil a Mery dizer quanto tempo durou a corrida estonteante. Feito nuvens do mal corriam eles por cima dos vales e florestas em direção às montanhas.

Finalmente, Mery viu-se num vale cercado por rochedos escarpados, junto às paredes semidestruídas de um monastério, a julgar pela existência de uma igreja desmoronada com altar destruído. Ao lado estendia-se, ao que tudo indicava, um cemitério monástico, já que ao derredor branquejavam crucifixos, lápides e outros monumentos funerários.

Nisso a tempestade amainou, as nuvens se dispersavam pelo firmamento e um luar pálido iluminava o quadro funesto.

O desconhecido de Komnor Castle aproximou-se de Mery, ajudou-a a apear e levou-a até onde estava Asrafil, postado no meio do cemitério em cima de um alto monumento. Provavelmente ali eram ruínas de uma capela funerária, mas Mery não conseguia definir; ela percebeu somente que o mestre Asrafil tinha por baixo da capa uma malha felpuda, se é que aquilo não era sua própria pele.

Premendo à boca a corneta prateada, ele se pôs a soprar nela e, à medida que os sons desconexos recortavam o ar, de todos os lados começaram a se juntar como que chamas errantes,

pairando sobre ele; os monumentos e as lápides funerárias balouçaram e se envolveram em fumaça escura; depois surgiram figuras estranhas, algumas trajando batinas, outras — vestes de séculos idos. Seus rostos eram pálidos, magros, asquerosos, e como que desfigurados por sofrimento; a cada movimento ouviam-se estalidos de seus ossos.

Estranhamente Mery não sentia nenhum medo e, com interesse vivo, acompanhava o desenrolar dos acontecimentos. Subitamente, o desconhecido do castelo que, pelo visto, julgava-se o cavalheiro de Mery, tomou-a pela mão.

— Não vale a pena ver esses carunchos, eles estarão na festa — resmungou ele com desdém.

Já dentro da antiga igreja, Mery viu homens e mulheres apinhando-se em volta de fogueiras; seus rostos imprimiam-se de paixões lúbricas. Em duas fileiras ao longo das paredes, perfilavam-se diversas mesas baixas, repletas de iguarias e vinhos. Aparentemente, aguardava-se um banquete.

Atônita, Mery viu Asrafil trepando no altar, imediatamente se transformando num enorme e horrendo bode de pés longos. O monstro, meio homem, meio animal, de olhos vermelhos flamejantes, segurava uma tocha e, arreganhando os dentes, observava com escárnio a turba desnudada e uivante iniciando uma dança despudorada. A orgia crescia à proporção que as taças com vinho ou sangue quente foram passando de mão em mão; alguns urravam cantos selvagens, outros se divertiam imolando sapos vivos, corvos e outros animais.

O misterioso desconhecido não arredava o pé de Mery, servindo-lhe diligentemente vinho e sangue.

A orgia alcançou um clímax indescritível. De súbito, o cavalheiro de Mery agarrou a sua mão e levou-a junto ao trono do bode, gritando por cima da algazarra geral:

— Asrafil, príncipe das trevas, possua Ralda, sua bela noiva, e, depois, devolva-a para mim. Você sabe que tenho direitos sobre ela.

Uma angústia mortal comprimiu o coração de Mery...

Apesar do vinho temperado com poções estimulantes, apesar de não conseguir pensar direito e estar sobreexcitada, a idéia de ser possuída por aquele monstro encheu sua alma de nojo e horror... Mas as garras afiadas já rasgavam em pedacinhos suas vestes; mãos estranhas levantaram-na e deitaram-na aos pés do bode. Como se através de uma nuvem ela entrevia o monstro se inclinar sobre ela, os olhos ígneos fitarem-na zombeteiros e a bocarra felpuda franzir-se em careta — o que deveria ser um sorriso. Subitamente sua cabeça tonteou e ela julgou estar caindo dentro de um precipício. Nisso, um repicar trêmulo de sinos fê-la voltar a si.

Os sons foram ganhando força e ouviu-se então um coro longínquo, entoando "Que o Senhor ressuscite!", cada vez mais forte e poderoso. No alto fulgurou uma faixa de luz azul celeste e, no fundo dela, como que uma visão longínqua, abriu-se uma janela e, ali, erguendo nas mãos uma cruz radiosa, viu-se um homem de branco em posição genuflexa. Seu rosto, vivamente iluminado, parecia com o de Zatórsky; ao seu lado, com as mãos estendidas para frente, postou-se um homem alto também de vestes brancas como que pontilhadas por diamantes.

Mery mal teve tempo de deslumbrar a visão. O altar começou a desabar; línguas de fogo lamberam o bode destronado; a multidão nua e asquerosa, embriagada de sangue e lascívia, rolou em convulsões em meio a mesas caídas. Rolares de trovão entremeados de gemidos e pragas encheram o ar. Por fim, a terra tremeu, as paredes estalaram e Mery perdeu os sentidos.

Ao se recobrar, viu-se deitada em seu leito, fraca e alquebrada, ossos moídos; todo o seu corpo doía. Do banquete noturno, lembrava-se vagamente.

Com esforço — uma vez que movimento mínimo lhe causava dor — ela tocou a campainha. Após uma espera demorada, veio finalmente Merjit; um braço seu descansava na tipóia, a cabeça estava atada e um olho — roxo.

Ela chegou acompanhada de um homem corcunda, rosto enegrecido e cruel, de voz fanhosa. Este aconselhou Mery a ficar deitada, pois havia ainda muitas queimaduras em seu corpo. Ele passou um ungüento, trocou os emplastros e a fez tomar um remédio, após o que ela adormeceu imediatamente.

Após algumas horas de sono e sentindo-se melhor, Mery perguntou a Merjit o que havia ocorrido. Suas lembranças eram muito vagas; ela só tinha certeza de ter escapado de um grande perigo.

— Ah, *milady,* a festa que começou tão bem teve um final horrível! — com lágrimas nos olhos confiou a camareira. — Todos os nossos irmãos e irmãs estão feridos; até o nosso mestre foi atingido por um raio.

Lentamente Mery foi-se recuperando. Num esforço da vontade, tentava afastar as lembranças do grandioso repicar dos sinos e do longínquo canto melodioso.

Foi com imensa satisfação que ela recebeu as notícias de como ia sua vingança — o que a reconciliou temporariamente com a vida e dispersou seus pensamentos lúgubres. Ela lia à noite na biblioteca, quando ouviu um leve crepitar e ergueu involuntariamente a cabeça ao se sentir tocada por alguém.

No espaldar da poltrona estava acomodado Cocotó, sorrindo de contentamento; o rabo sacudia-se alegremente e os olhos fitavam-na maliciosos.

— Vim reportar-me pessoalmente do sucesso de nosso trabalho, já que você não me chamou antes.

— Eu estive doente, Cocotó. Obrigada por ter vindo. Bem, conte-me o que vocês fizeram!

— Conforme você mesma disse, ninguém nos atrapalhou por nos instalarmos naquela casa, fácil de se trabalhar. A dona da casa estava viajando; seu filho — um jogador — passou a perder no jogo tão logo começamos a acompanhá-lo por toda parte. Necessitando de dinheiro, ele arrombou a gaveta do pai e, na mesma noite, perdeu todo o dinheiro furtado. Sua mãe, ao retornar da viagem, achou-o morto em casa, pois ele havia se suicidado. Abalada pela dor, ela esqueceu na mesa um porta-jóias cheio de valores, em que nós demos um sumiço. Hi-hi-hi!

Mery afagou seu dorso felpudo.

— Estou satisfeita com vocês. Continuem a trabalhar assim. Vou lhe buscar um regalo.

Ela trouxe-lhe um pão, assado em sangue; o monstrinho devorou-o avidamente e desapareceu.

Van der Holm visitava-a assiduamente e ajudava nos estudos. Quando ela lhe relatou da visita de Cocotó, esse soltou uma gargalhada escarnecedora:

— Compreendo os motivos de seu contentamento, irmã. O poder de nos vingar é um grande privilégio nosso. Senti a mesma satisfação ao desforrar-me do meu primo, o patife que me arruinou; ele pagou seus atos com lágrimas de sangue.

Esse aprazimento maldoso e a vontade incontrolável de aniquilar e humilhar seu desafeto ainda estavam frescos em sua alma, quando Mery recebeu uma carta da mãe, que dizia:

“Todos os dias eu rezo a Deus, minha querida, e peço que Cristo, a Virgem Santa e São Nicolau a abençoem...”

Mal ela percorreu essas linhas, sua cabeça tonteou, a carta incendiou-se nas mãos e ela tombou inânime, como que atingida por raio.

Minutos depois surgiu o espectro de Van der Holm. Aterrorizado, ele notou acima dos joelhos de Mery um crucifixo azul celeste pairando pulverizado, do qual ele não pôde se aproximar

até que uma rajada de vento irrompida no quarto o tivesse dispersado.

Alguns dias depois desse incidente, Mery recebeu a visita do desconhecido misterioso, que há algum tempo não via. Ele estava pálido e parecia mais sombrio do que de costume. Ao cruzar as mãos e recostar-se no espaldar alto da poltrona, permaneceu fitando Mery como se ela lhe despertasse lembranças vagas.

— O senhor parece triste. Mandarei que lhe sirvam algo para revigorá-lo — disse ela, tocando a campainha.

Logo apareceu James com uma taça de sangue e pães, que o desconhecido devorou avidamente. Em seguida, ele se acomodou na poltrona e disse sorrindo:

— Gostaria de conversar com a senhora, *milady.*

Ele já não estava tão pálido e poderia ser tomado por uma pessoa normal.

"O que será que quer esse velho satanista, tão gasto como Van der Holm?", pensou Mery, sentindo um peso no peito. Não obstante, respondeu que teria prazer em conversar.

Dominada por impressão desagradável, não percebeu o sorriso malicioso do visitante lendo-lhe os pensamentos.

— Minha cara *milady,* apesar de a senhora fazer parte da irmandade satânica, tem muito que aprender com as leis do mundo do além. Assim, por exemplo: a senhora tem alguma idéia sobre o poder fatídico das maldições? Uma praga lançada em estado de excitamento ou de raiva violenta é uma irradiação da alma que calcina a aura, tal qual uma lava incandescente, gerando um monstro real fadando homens à vingança. Ele aprisiona-os ao local da condenação, insufla neles um ódio insaciável e os ata a seres detestados, por séculos. No entanto, os homens desconhecem que, ao lançarem uma maldição, tornam-se os próprios algozes que terão de perpetrar a vingança... E, assim, quando chega a hora, as velhas chagas se abrem, reacendem os suplícios espirituais e físicos, o abutre da maldição re-

clama por alimento e o ódio acumulado desaba sobre os culpados...

Ele se calou. Mery estremeceu sob o olhar impiedoso da criatura estranha que parecia odiá-la violentamente. Com cabeça meio tonta, teve a sensação de já ter ouvido aquela voz; mas não podia afirmar se aquilo não passara de um sonho ruim.

— E o senhor lançou tal maldição que não lhe dá mais paz? Contra quem? — balbuciou ela, constrangida.

O desconhecido soltou uma sonora gargalhada.

— Afortunados são os vivos esquecidos do passado e das leis terríveis do inferno que condenaram a vítima dos malefícios ao suplício fatídico, quando o agonizante clama por sorvedouro e não por... — ele interrompeu a fala e um sacrilégio infame soltou-se de sua boca retorcida.

Mery tudo ouvia tremelicando, sem condições de pronunciar uma palavra. O terrível visitante, recuperado de sua ira, continuou:

— Há alguns dias, eu a levei ao local do crime perpetrado séculos atrás. A minha esposa pérfida e seu amante mataram o duque de Mervin, que então ficou ali preso por causa de sua maldição. Tornado guardião e assombração do local, mareado com o selo do passado trevoso, ele habita o castelo e atrai para si todos os protagonistas do malefício, vingando-se deles... Esses — há-há-há —, em suas novas peles, não se dão conta do destino perverso que os atingiu.

Ele deu um passo em direção à Mery, olhando para ela com tanto ódio, que Mery estremeceu e recuou.

— Está me reconhecendo finalmente, *lady* Antônia? Sabe agora quem somos?

— Não... Por que me chama de Antônia? — murmurou ela assustada.

— Sua mente está embotada, querida Antônia. Então, para refrescar sua memória, leia um velho romance outrora desenrolado aqui.

Pegando Mery pela mão, ele a arrastou para junto de um baú cinzelado com incrustações, onde ela guardava diversas miudezas; depois, ele apertou uma mola e este se abriu revelando um compartimento secreto, de onde ele retirou uma caixa e um maço de cartas amareladas, sem tocar em outros objetos. Depositando a caixa e as cartas na mesa, ele disse zombeteiro:

— Leia, mas antes eu me apresento: sou Edmond — duque de Mervin. Até o próximo encontro, Antônia!

Seu espectro parecia esmaecer, ele recuou até a porta e derreteu-se nas pregas do reposteiro.

~VII~

Com coração fremente, Mery deixou-se cair na poltrona e cerrou os olhos, sentindo-se totalmente aniquilada, incapaz de pôr os pensamentos em or-em ordem. Mas aos poucos a fraqueza desapareceu; sua energia conata passara por boa escola que a ensinara a dominar-se. Empertigou-se, passou a mão pela testa, afastando pensamentos tristes.

Ela acreditava que as pessoas não viviam uma única vez na Terra e que havia a transmigração; conseqüentemente, o que leria seria com toda certeza uma página daquele passado encoberto pelo véu do esquecimento de sua nova existência. E que esse passado era criminoso, disso ela não duvidava: o nome de Edmond parecia-lhe incrivelmente familiar. Mas para que pensar em charadas se a chave para o mistério estava em suas mãos?

Aproximou de si a caixa e examinou-a. Era de sândalo, bizarramente cinzelada, pés dourados e cantoneiras; na tampa estava incrustado um brasão salpicado de gemas sob a coroa do ducado. A chave estava na fechadura. O escrínio era revestido internamente por veludo e continha: um caderno em capa de couro dourado, um pergaminho dobrado, alguns objetos de ouro e uma aliança com o nome de Edmond gravado, com data.

Havia também dois medalhões com retratos. Mas Mery quase não lhes deu atenção; sua curiosidade concentrou-se no caderno, que ela abriu. *As* linhas eram redigidas por escrita fina e condensada e representavam uma espécie de diário ou autobiografia. Mery aproximou a lâmpada e começou a ler.

"Nesses dias resolvi descrever para mim mesma a história da minha vida ou, pelo menos, os episódios mais importantes. Tenho pensado muito desde a minha doença. Quero reviver as circunstâncias que me levaram a cometer as faltas, sem dúvida condenadas por minha consciência, ainda que a Igreja me tenha indultado. Ela não erra, embora seus servidores sejam freqüentemente indignos. Por que então a morte me assusta? Sim, tenho um medo terrível daquele mundo ignoto para onde terei de ir jovem, bela e prodigalizada das benesses que dão prazer à vida. Talvez esteja sendo punida... Não, não, o indulto está aqui, nesta caixa onde guardarei o meu caderno, e ele me assegura o perdão do Céu e a paz no paraíso.

"Ninguém, é claro, lerá estas linhas; mas tanto faz. Para começar desde o início, escreverei sobre a minha infância, pois é nela que se espreitam os germes dos acontecimentos subseqüentes.

"Minha mãe faleceu quando eu tinha apenas dois anos e, até os sete, vivi na Irlanda, num velho castelo às margens do mar. Fui educada por velha ama; meus estudos eram dirigidos por papai. Os dois me mimavam muito, pois o papai me adorava e era incapaz de recusar-me algo.

''Assim eu cresci sagaz, corajosa e muito inteligente para a minha idade. Sabia que o papai era muito rico e eu era sua única herdeira — o que me deixava ainda mais prepotente e voluntariosa do que já era por natureza.

"Éramos católicos e meu pai, muito piedoso, incutiu-me desde a tenra idade muito respeito à Igreja e seus servidores. O nosso capelão era um daqueles dignos e bons sacerdotes que

mereciam o amor e veneração de todos, de modo que eu imaginava que todos outros eram como ele.

"Certo dia, recebemos em casa a visita de um sacerdote estrangeiro, velho conhecido do meu pai de Londres e Roma. Era um homem de idade mediana, de rosto gélido, impassível, mas bonito; falava inglês com forte sotaque estrangeiro. Seu nome era Juan Gomes da Silva e, mais tarde, soube que ele era um jesuíta de origem espanhola.

"Naquele dia, como de costume, eu brincava no vão da janela do gabinete do meu pai e ninguém me dava atenção — talvez porque simplesmente se haviam esquecido de mim ou porque me consideravam muito criança para compreender conversa séria; entretanto, eu a ouvia atentamente, sem perder uma palavra. Falavam de um parente nosso na Escócia — duque Robert Mervin, do qual eu já tinha ouvido falar antes. O meu pai exprobava-o severamente, chamando-o de vadio, estróina e desonesto, acusando-o de não devolver os empréstimos contraídos.

— Sim, ele é um homem sem princípios. E como os teria, já que é um herege, não tem fé autêntica, nem possui um guia espiritual que possa mantê-lo no caminho da verdade — observou o sacerdote e depois acrescentou: — Por outro lado, sua esposa, *lady* Arabella, merece todo o nosso respeito: ela é uma cristã genuína, porém sua união com Robert é desafortunada...

— Sinto pena de Arabella; ela ficará na miséria, do jeito que seu marido está dilapidando o patrimônio. Há pouco, ele me propôs que eu desse a mão de Antônia para seu filho Edmond; mas eu lhe agradeci pela distinção de ter que pagar suas enormes dívidas e entregar minha filha única àquele patife do Edmond, que, além de ser herege, é mau caráter — segundo dizem.

"Não lembro o fim da conversa, mas essas palavras gravaram-se profundamente em minha memória.

"Alguns meses depois, meu pai anunciou que um assunto inadiável o chamava para Londres e que ele ficaria fora por uns

três meses, já que iria visitar também suas propriedades na Escócia. Fiquei muito triste com a separação; na época eu nem imaginava que ela seria eterna. O papai prometeu-me muitos presentes, eu me acalmei e fiquei aguardando impaciente o seu retorno.

“No início, suas cartas vinham regularmente, mas depois pararam de chegar quaisquer notícias; simultaneamente, fui atingida por uma grande desgraça: a minha boa ama, a velha Griseldis, ficou doente e faleceu. A perda deixou-me tão passada, que até me esqueci da ausência das notícias do pai, fora de casa por mais de três meses.

"Aos poucos a solidão foi crescendo. Ninguém visitava o castelo e eu, por horas a fio, ficava sentada junto à janela, olhando para a estrada, na esperança de ver meu pai retornando. Até que um dia vi uma carruagem, acompanhada de séqüito numeroso, vir em direção ao castelo. Quando o primeiro carro parou junto ao portão, fiquei pasma de ver dele desembarcando um senhor de rosto seco e desagradável, seguido do padre Silva. A presença do último tranqüilizou-me, pois ele sempre fora bom e carinhoso comigo; o meu pai tinha por ele um alto apreço, considerava-o um homem de inteligência rara e muito amigo, de modo que eu confiava nele tal como num segundo pai.

“Fui ao seu encontro. Atônita, recebi a informação do homem estranho de que meu pai havia falecido e que ele — duque Robert Mervin — fora designado meu tutor por desejo do papai e que, quando eu crescesse, deveria desposar o seu filho Edmond. Ato contínuo, ele acrescentou que viera buscar sua pupila e futura nora para que fosse educada em sua família, sob os auspícios da esposa. Isso me atingiu feito um raio e, no primeiro momento, nem consegui chorar; depois, eu me atirei em direção do padre Silva e, agarrando sua batina, gritei:

— Como morreu meu pai? Diga que é mentira que o duque é meu tutor. O papai disse que ele é mau e que seu filho é um patife; ele só quer ficar livre das dívidas. Eu não vou com ele.

''As lágrimas me sufocavam, porém pude perceber que o rosto asqueroso do duque empalideceu e retorceu-se de ódio. Fiquei assustada. Então o reverendo padre fez um sinal para que o duque nos deixasse a sós. Ele me acomodou em seus joelhos, afagou minhas madeixas e deixou que eu chorasse à vontade. Em seguida, contou que durante a estadia do papai na Escócia, este viajou de uma propriedade a outra com uma pequena guarda e, na floresta, foi surpreendido por um bando de bandidos. Aparentemente ele fora vítima de assalto e foi morto, porque seus dois guarda-costas foram encontrados mutilados e sem roupa no bosque; quanto ao corpo do pai e de seu fiel Rutland — estes não foram achados. Os guardas florestais, usando cães farejadores, fizeram uma busca minuciosa, mas só encontraram a capa do papai com manchas de sangue, uma luva sua e espada quebrada, mas nenhum sinal de bandidos. Como os corpos não foram achados, supôs-se que eles foram atirados no pântano, próximo dali...

"No dia seguinte, quando o primeiro acesso de desespero diminuiu, o reverendo padre conversou comigo e conseguiu me convencer de que eu deveria obedecer à vontade de Deus, como seria esperado de uma cristã. Depois, em expressões adequadas ao meu entendimento, ele me disse que eu não tinha nenhum direito de ofender o meu tutor.

— Mas meu próprio pai disse que ele era desonesto! — Interrompi.

— Às vezes, num momento de irritação as pessoas falam coisas impensadas, e a melhor prova de que ele não falava seriamente é o fato de ter designado o duque como seu tutor.

Eu vi o documento — acrescentou ele. — Você deve obedecer à vontade do morto, que a entrega à proteção de *sir* Robert, desejando assegurar-lhe o futuro no casamento com Edmond.

Tenho certeza de que você será feliz na família do duque, onde crescem ainda dois outros meninos.

“Não era difícil convencer uma criança de sete anos e ele soube, simultaneamente, seduzir-me com a perspectiva de ter dois amiguinhos. Não me opus mais à partida e até concordei em chamar o duque de “tio Robert”. Uma semana depois viajamos.

''A viagem pareceu-me sem fim, mas a chegada a Komnor Castle e o primeiro encontro com os dois meninos que desempenhariam na minha vida um papel fatídico marcou-me tanto, que eu quero contar os detalhes.

“Chegamos na manhã de um lindo dia de agosto e, na primeira impressão, gostei mais do castelo do que do nosso ninho familiar na Irlanda; da tia, *lady* Arabella, não gostei. Era uma mulher alta e magra, de aspecto arrogante e desagradável; recebeu-me gentilmente e até me beijou — o que me deixou enojada. Eu ouvi falar tanto de nosso enorme patrimônio e, por outro lado, escutei tantas conversas dos negócios complicados do tio, que tinha a mim mesma em alta conta e, no fundo da alma, nutria desdém por eles...

“Após a troca de saudações, o reverendo padre perguntou por Edmond.

— Ele está brincando no jardim com Walter. Vamos até lá — disse minha tia.

''Assim, sobreveio a hora de conhecer os meus futuros amigos de infância, mencionados pelo padre Silva. Eu já tinha ouvido o papai falar sobre Walter — um menino órfão, maltratado e odiado em Komnor Castle; mas a razão disso eu não compreendia. *Lady* Arabella quis me levar pela mão, mas eu a arranquei e segurei a mão do reverendo. Descemos ao jardim.

Subitamente ouvi uns gritos; saindo ao relvado, fiquei pasma com a cena que se descortinava.

“Um menino loiro de uns onze anos estava amarrado a uma árvore grossa; um outro, de uns treze anos, batia nele com chicote. Jamais vi algo parecido; em casa nem sequer batíamos em cães de caça, quando esses surrupiavam algo da mesa. Senti uma pena profunda da vítima e corri até eles, gritando:

— Pare com isso imediatamente, seu bandido! Não é à toa que meu pai disse que você não presta.

“O menino com o chicote, que se verificou ser Edmond, olhou para mim atônito e enraivecido; depois de medir-me com hostilidade, disse em tom de desprezo:

— Ah! Então essa “papisa” é minha futura esposa?! Parece uma leoa com seus olhos de coruja e juba ruiva. Não gostei de você; se puser seu nariz onde não é chamada, quebrarei sua cara.

“Fiquei abismada sem saber o que dizer. Até então todos falavam que eu era bonita e meu pai adorava minhas madeixas douradas, e ali me chamaram de feiosa e ainda ameaçaram me bater.

“Meu amor-próprio de herdeira rica foi ferido; aproximei-me rente ao seu peito e desafiei, com raiva:

— Ouse só me tocar! Você se esqueceu de que precisa de mim para pagar as dívidas da casa?

“Aparentemente ele conhecia a situação familiar, pois ficou enrubescido.

— Sua língua viperina também faz parte do dote? Bem, sou muito nobre para bater em damas tão importantes. Seus olhos de coruja não são tão feios quando você está brava. Bem, leoa, por causa de seus belos olhos não vou bater em você. Melhor ainda: devido à sua vulgaridade comigo, quem apanhará é seu protegido.

"E ele desfechou vários golpes em Walter. A tia e o padre assistiam calados ao primeiro encontro dos noivos; mas eu já me recuperara e parti enfurecida sobre Edmond, que não esperava por minha investida. Arranquei-lhe o chicote da mão e, com toda a força, fustiguei-o no rosto.

— Tome, seu imprestável! Experimente se é gostoso quando outros batem!

"Edmond urrou de dor e partiu ensandecido sobre mim. Não sei qual seria o desfecho, se o padre Silva não me tivesse erguido. Impossibilitado de descontar sua raiva em mim, Edmond atirou-se sobre Walter; eu, cingindo com os braços o pescoço do meu salvador, escondi meu rosto em seu ombro. Com os gritos alucinados dos dois meninos brigando, minha cabeça tonteou e eu desfaleci.

''Ao voltar à consciência, vi-me deitada na cama; sobre mim se curvava o rosto bom e simpático de uma mulher desconhecida.

"Era Katty Lester — ama seca de Edmond. Ela me beijava e tentava acalmar-me; mas eu me pus a gritar, repetindo que Walter tinha sido morto. Para convencer-me do contrário, Katty levou-me ao quarto dele; ele agradeceu por eu ter intercedido por ele e me beijou.

— Você vai ver, Walter — disse eu —, quando eu crescer, você será meu marido, e não Edmond, a quem odeio.

"No dia seguinte tive uma conversa longa com o reverendo padre, que insistiu que eu pedisse perdão a Edmond. No início eu recusei peremptoriamente, mas o padre Silva sabia ser convincente. Ele me fez ver o meu pecado ao agredir o futuro marido e afirmou que Deus, sem dúvida, ficaria zangado com meu orgulho e teimosia, se eu não pedisse o perdão. O último argumento abrandou-me e eu concordei.

"Então fui com ele até os aposentos do tio e este me levou ao quarto onde Edmond e Walter brincavam com dois outros meninos.

"Assim que Edmund me viu, chutou o pé de Walter e disse:

— A papisa está vindo para pedir o perdão e eu devo perdoar, porque ela é uma mulher; as mulheres, segundo diz meu pai, normalmente não sabem o que fazem.

— Como vai, leoa? Está mais calminha hoje? Eu a perdôo; vamos ficar de bem, contanto que não me morda.

"Assegurei-lhe com dignidade que não o morderia; trocamos um beijo, depois ele me mostrou seus brinquedos e começamos a palrear.

— Veja só como seu favorito está bem; tal qual um cavalo precisa de feno, ele precisa de surra.

"Censurei Edmond por estar tratando tão mal o órfão.

— Eu o trataria melhor, se ele não fosse medroso – disse Edmond. – Um menino de onze anos não pode viver agarrado às saias de mulheres e chorar à toa toda hora.ele não gosta de brincar de duelo, tem medo de andar a cavalo, esconde-se e chora quando lhe trazem o pônei. Se eu tivesse outro amigo, eu o teria deixado em paz; mas é que quero reeducá-lo. Quando quero envergonhá-lo, eu mando atrelar-lhe um burro, assim são dois burros, mas não adianta... Ele só gosta de brincar de cozinha e confeitar bolos, ou então brincar de jardineiro. Bem que esse idiota poderia me revidar com um soco, eu teria perdoado; com meu primo Charles brigo te machucar, mas nós sempre permanecemos bons amigos. Walter é covarde: se ele bate, é sempre por trás; ademais ele é um delator imprestável. Ontem tivemos visitas: Aldjernon Campbell, nosso vizinho, e John Smith – filho do castelão. Eu marquei um grande duelo com Walter, para demonstrar que sou bom de espada, mas o miserável atirou as espadas no lago. Então eu lhe disse que um fidalgo co-

varde só merece chicotadas; foi aí que você chegou com a minha mãe e o padre — justamente nesse momento trágico.

"Dei razão a Edmond, já que eu era valente por natureza; mas ao ver Walter chorando, senti pena dele e assegurei:

— Espere só! Vou fazer de Walter um homem corajoso e, quando crescer, vou me desposar com ele e não com você.

— Ah é? E ele vai nu para o altar? — objetou Edmond.

— Por que nu? Sou tão rica que posso vesti-lo — o que seria mais agradável do que pagar as dívidas de vocês.

"A altercação teria acabado em briga, se eu não fosse levada para fora do quarto.

"Não falarei aqui dos anos que sobrevieram, pois isso levaria muito tempo, ademais sem muito interesse, ainda que justamente nesse período em mim se enraizaram os sentimentos que, posteriormente, desviaram-me do rumo da verdade. Depois... como posso saber? — talvez essas páginas venham cair casualmente em mãos estranhas, se eu não puder destruir o caderno a tempo, já que a minha morte será repentina devido à minha doença estranha. De qualquer forma, se alguém ler a minha confissão *post-mortem,* que saiba como tudo aconteceu e que não me julgue!

"Já mencionei que eu tinha um caráter altivo, voluntarioso e passional; fora isso, eu era demasiadamente pedante e vingativa. Edmond tinha uma capacidade notória de ferir meu amor-próprio.

"Por exemplo: Katty Lester não raro costumava nos contar, à noite, histórias sobre assombrações; eu ficava com os cabelos em pé; nós três gostávamos de ouvi-la; mas, se na história havia alguma bruxa ou feiticeira velha, Edmond invariavelmente observava:

— Era você, leoa, com tranças ruivas e olhos de coruja, e perto de você voava não um corvo — Katty está equivocada —,

mas corria ao lado um pincher amarelo, amarrado a uma fita azul.

"Essas intromissões me deixavam furiosa. *Lady* Arabella, mulher muito devota, incutia-me respeito à Igreja e seus servidores; um de seus maiores desgostos era estar casada com um homem de fé anglicana. Por outro lado, seu filho odiava sacerdotes e achincalhava-os sempre que podia; não raro ele se dirigia grosseiramente ao guia espiritual da mãe e meu — padre Rose. Em razão disso, eu vivia brigando com Edmond. Em contrapartida, a minha amizade com Walter solidificava-se a cada dia. Ele era católico como eu e um devoto fervoroso e repleto de respeito pelo padre Rose, que lhe dispensava abertamente sua proteção. Não raro, o padre dizia-me, suspirando:

— Oh, que pena que Walter não será o duque de Mervin.

"Devo acrescentar que Walter era parente do duque, sendo um representante da linhagem inferior da família totalmente arruinada; suas chances de tornar-se o duque eram quiméricas por causa de Edmond e seu primo Charles. Em relação a mim, Walter era como uma luva macia; era meu confidente, meu cavaleiro e cuidava tanto de meus interesses, que até não se vexava de escutar, com ouvido colado na porta, o que de mim era escondido.

"Devo aqui mencionar sobre mais uma pessoa, decididamente odiosa, que interpretou um papel fatídico no drama da minha vida. Era um menino chamado de Tomas Stenton, dois anos mais velho que Edmond e tão parecido com este, que era difícil de os distinguir em roupas idênticas. Edmond era incrivelmente parecido com o pai, que, quando jovem, era muito bonito, até que se tornasse obeso em conseqüência de vida devassa. Tomas era um filho espúrio do duque com uma criada, que falecera logo após o parto. A tia, apiedada, deixou a criança morando em casa, se bem que não gostasse dela; o tio e Edmond,

ao contrário, amavam-no, sendo correspondidos com sua lealdade.

"Os meninos passaram alguns anos na escola e retornaram homens feitos; eu tinha completado dezesseis anos... Alguns meses antes faleceu *lady* Arabella e, em Komnor Castle, veio morar uma velha parenta para cuidar da casa.

"Edmond mudou pouco: continuava arrogante como antes, explosivo, valentão e apaixonado por exercícios militares. Walter, ao contrário, durante esses anos de ausência mudou para melhor; ficou mais atraente, aprendeu a montar a cavalo e manejar a espada; eu gostava de seu modo triste e dócil e do olhar pensativo. Além do mais, ele tinha por mim uma adoração sincera, chamava-me de sua protetora e anjo de guarda e nós éramos amigos inseparáveis. Edmond olhava torto para a nossa amizade e se portava como noivo, mas eu já tinha decidido não me casar com ele. Como nós íamos a Londres, Walter aconselhou a dirigir-me diretamente ao rei, para suplicar-lhe interceder contra o matrimônio odioso.

"Nós já havíamos nos explicado e juramos amar um ao outro. Eu estava me preparando para a viagem, quando aconteceu uma desgraça inesperada.

"Meu tio foi ferido gravemente na cabeça. Disseram que ele tropeçou ao descer, à noite, numa escada em caracol da torre de arquivos. A única testemunha era Tom Stenton, que lhe iluminava o caminho com uma lamparina. Ele chamou os criados e estes transportaram o ferido ao seu quarto; mas, dois dias depois, meu tio faleceu sem recuperar a consciência.

"Dois meses depois, viajamos para Londres. Eu pouco via Edmond, sempre atarefado; Walter teria ido em seu lugar para uma propriedade erma. Ele também deveria viajar conosco, mas não compareceu na hora marcada e nós partimos sem ele. Indagado sobre a ausência de Walter, o duque respondeu ironicamente:

— Esse cordeiro pascal deve estar vadiando em algum lugar; mas esteja tranqüila que ele volta.

“O apelido de *cordeiro pascal* ele deu a Walter porque o último gostava de usar roupas de cores suaves, sobretudo as brancas, enfeitadas por fitas azuis ou rosa.

“Em Londres me vi num outro mundo. Depois da vida tranqüila e isolada em Komnor Castle, senti-me deslocada naquela azáfama entre novos conhecidos. Edmond era gentil e atencioso, não tocava sobre o assunto de casamento e eu, em minha ingenuidade, achava que ele desistira de seus planos, tendo em vista algo diferente.

“Certo dia ele me disse que a data de minha apresentação na corte estava marcada e que Suas Majestades queriam me conhecer. Ele me aconselhou a ficar bonita, pois na corte haveria muitas beldades e eu seria julgada por especialistas em beleza feminina. Nesta ocasião ele me presenteou com rendas maravilhosas e colares de pérolas, herdados da mãe. Fui arrebatada por coquetismo e vontade de agradar, dormentes até então, já que Edmond me era indiferente; Walter, por sua vez, gostava de me ver vestida do jeito que fosse. A minha toalete, todavia, absorveu-me tanto que até esqueci de Walter, que ainda não retornara.

“Quando no dia da apresentação me vi ao espelho, fiquei satisfeita. Eu acabara de completar dezessete anos e estava linda. O vestido de cetim branco bordado a prata, gola de renda valiosa e adorno de cabeça feito de pérolas iam maravilhosamente bem à minha tez. Fiquei corada de excitação e parti satisfeita comigo em companhia de Edmond e da velha duquesa, que deveria me apresentar.

“Quando me vi por entre a numerosa e brilhante alta-roda e senti centenas de olhos curiosos em mim pregados, meu coração disparou; eu não conseguia erguer os olhos e atravessei, feito num sonho, o enorme salão. Só quando fui fazer a reverência,

decidi olhar para o casal real. Ambos me pareceram muito simpáticos; a rainha sacudiu aprovadamente a cabeça e o rei olhou-me com sorriso benevolente.

“Qual não foi meu pasmo quando, pelas palavras dirigidas a mim, eu soube que fui apresentada como noiva de Edmond e que o rei e a rainha me dispensariam uma grande honra comparecendo ao meu casamento, que se realizaria dali a um mês na capela do palácio real. Por instantes, pensei que a terra iria abrir-se aos meus pés, mas eu era muito jovem e não tive coragem de gritar: “Isso é uma traição; ele mente!” Nem sei o que balbuciei em resposta, mas provavelmente a minha expressão foi tomada como agradecimento, pois a rainha estendeu-me a mão, que beijei, e cumprimentou-me, assim como o rei; a mesma honra foi dispensada a Edmond, após o que toda a corte nos trouxe os votos de felicidade.

“Compreendi que tudo tinha acabado. A minha alma rebelde e voluntariosa indignava-se da violência sofrida e, ao retornar a casa, fiz uma cena a Edmond, chamando-o de vil traidor. Eu imaginava que ficaria possesso e fiquei pasma, quando ele apenas me riu na cara.

— Querida Antônia, eu odeio essas cenas e palavras inúteis. Um trato familiar importante e bem refletido não pode ser rescindido por caprichos de menina. Por isso a questão está fechada, para evitar altercações que não levam a nada. Agora já não existe mais retorno e você há de se resignar com o infortúnio de me ter por marido, ao invés daquele carneiro pascal. Por mim, estou satisfeito: estou lisonjeado com o que me disseram de sua beleza na corte — concluiu ele com bonomia.

“Eu estava tão indignada que me faltaram as palavras e, então, tranquei-me no quarto, onde chorei amargamente e jurei vingar-me de Edmond e obrigá-lo a pagar pela traição.

“Seguiram-se então tantas festas em nossa homenagem que eu parecia estonteada, sem tempo para pensar.

"Chegou finalmente o dia do casamento. Eu estava triste, sentia-me infeliz e pensei muito em Walter. Estava no meu quarto, quando a camareira anunciou a vinda do reverendo padre Silva, desejando conversar comigo. Não o via desde a partida de Komnor Castle, ainda que me correspondesse com ele, tendo-o por amigo leal e sincero. Ordenei que ele fosse introduzido e corri feliz em sua direção assim que chegou.

O reverendo padre deitou-me um olhar cálido e perscrutador, abençoou-me paternalmente e, sentando-se ao lado, começou a indagar do meu passado. Ele pouco mudara nos últimos tempos. Permanecia magro, tez morena de espanhol com traços corretos, como sempre tranqüilo e impassível, não aparentava mais de quarenta anos.

"Contei-lhe tudo: os meus planos de casar com Walter e o expediente pérfido com que Edmond resolveu a questão a seu favor. O padre Silva deu um sorriso.

— O duque revelou-se mais diplomata do que eu supunha e é bem natural que ele não queira perder a chance deste casamento vantajoso. Sei que você, minha filha, quer ter por marido um homem da mesma fé consagrada, mas essa deve ser a vontade de Deus e nós devemos sujeitar-nos às provações enviadas.

"Falei-lhe de Walter e expus meus temores de que Edmond talvez o estivesse mantendo prisioneiro em algum lugar até o casamento; o padre prometeu esclarecer o seu paradeiro.

"Duas semanas depois do casamento, quando eu me preparava para fazer algumas visitas, inesperadamente veio Walter; estava triste e parecia furioso. Ele contou que ficou num dos castelos de Edmond, proibido de sair. Isso me deixou irada e eu pedi satisfações a Edmond.

"O padre Silva estava passando na época algumas semanas na Inglaterra, visitava-nos assiduamente para conversar Comigo. Certa vez, estávamos sentados junto à lareira:

— Sinto muito, *lady* Antônia, mas vou ter que lhe tirar seu amigo — o padre Rose.

— Por quê? — perguntei amargurada, pois me afeiçoara muito ao meu confessor.

— Para o bem da comunidade, ele foi designado prior num mosteiro em Roma. Mas fique tranqüila, pois eu lhe escolhi como guia espiritual o padre Mendonza, merecedor de nossa confiança. Sua devoção e inteligência sóbria lhe servirão de apoio nos momentos difíceis da vida. Amanhã eu trarei para cá esse digníssimo pastor.

“O padre Mendonza, assim como o venerando Silva, era espanhol de origem; era, porém, um homem discreto e calado, sempre pensativo. Não obstante, Edmond o odiou desde que ele veio morar em casa, chamando-o de cínico, de lobo em pele de cordeiro, dizendo que ele bisbilhotava conversas, andava feito um gato e que sua cara adocicada e olhos estrábicos o deixavam nervoso. Por várias vezes chamei atenção do duque por ele tratar tão grosseiramente o pobre padre Mendonza que, entretanto, não tolerava desobediências.

“Todo sábado eu confessava e o padre me dava bons conselhos. No confessionário, ele era muito severo e impiedoso à menor falta; além disso, incutia-me resignação diante das ofensas que feriam a minha alma orgulhosa. Tornei-me menos raivosa, intolerante e caprichosa com Edmond, depois de suas perorações de humildade, prometendo melhorar.

“Minha vida conjugal era infeliz. Nos recônditos da alma, eu tinha ódio de Edmond e o descontava nele. Eu era uma mulher feita e sabia que ele me amava apaixonadamente, ainda que não quisesse trair esse sentimento. Sabia também que ele tinha ciúmes de mim, sobretudo em relação a Walter e, assim, quando não estava no melhor dos humores, eu o provocava pela intimidade que tinha com meu amigo da infância. Eu brincava com fogo, pois, simultaneamente, excitava em Walter uma paixão es-

condida e obstinada e, em Edmond — um ódio violento, aliás mútuo, como cheguei a descobrir mais tarde.

"No segundo ano de casamento nasceu nosso filho, a quem demos o nome de Karl, em homenagem ao rei, que foi seu padrinho. Edmond ficou exultante em ter um herdeiro; mesmo eu, afeiçoei-me muito à criança, bela feito querubim.

"Neste ínterim, a Londres viera o padre Silva. Ele me cumprimentou pelo feliz acontecimento, mas lamentou-se que meu filho seria educado em heresia protestante.

"Meu Charly contava com sete meses, quando um primo do meu marido foi morto num duelo. Edmond herdou dele duas propriedades no norte da Inglaterra e deveria viajar para lá a fim de legalizar a herança. Logo depois de sua partida, adoeci gravemente. Deus sabe lá o que eu tinha, pois a princípio o mal não passava de uma gripe. Enquanto fiquei acamada inconsciente, uma nova desgraça terrível sobreveio: a ama do meu filho pegou varíola, contagiou a criança e os dois morreram em poucos dias. Quando voltei à consciência, meu querubim já estava enterrado. Quase morri de desespero. Edmond, avisado por mensageiro, retornou apressadamente para casa e enlouqueceu de dor; ele queria abrir o caixão, mas foi convencido de não fazê-lo devido ao risco de contágio; além disso, disseram-lhe que a moléstia horrenda desfigurara completamente a criança, tornando-a irreconhecível.

~VIII~

A morte de meu filho mudou a minha vida. Quando me recuperei, percebi uma mudança radical no comportamento e humor de Edmond.

Ele tornou-se sombrio, desconfiado e irritadiço; não mais disfarçava seu ódio a Walter, que, sendo seu amigo de infância, continuava morando no palácio, ocupando no andar térreo seus aposentos particulares. A partir de então, o duque começou a buscar pretextos para discutir com ele e tentar expulsá-lo da casa. Certa vez., ao encontrar-nos os dois conversando, Edmond provocou uma briga; ambos desembainharam as espadas e teriam se matado se eu não me interpusesse entre eles. A minha interferência evitou o duelo, mas não uma altercação violenta. Edmond acabou expulsando Walter, exigindo que este partisse do palácio no mesmo dia e proibiu-o de pôr os pés na casa. Walter não disse nada em resposta, mediu o duque com olhar enigmático, cujo significado só vim a descobrir mais tarde.

“Eu fiquei possessa. A grosseria do duque para com um parente próximo — talvez seu herdeiro, mas de condição paupérrima — deixou-me tão indignada que Edmond, positivamente, tornou-se-me odioso e decidi ajudar Walter. Eu tinha acabado de ganhar uma importância substanciosa e escrevi para ele uma carta.

“Na mesma noite, Walter abandonou a casa, mas nós começamos uma correspondência secreta com a ajuda de minha camareira Betty Pamley, considerada de confiança e recomendada pelo padre Mendonza como moça íntegra. Seguiu-se depois uma discussão violenta com Edmond, após a qual passamos a nos encontrar apenas em eventos oficiais. Ele levava uma vida dissipada, arrumou uma amante e começou a jogar — o que nunca fizera antes. Manifestei ao duque abertamente meu desprezo por ele e comecei a me encontrar em segredo com Walter, que me confessou seu amor e disse que não podia viver sem mim. Nos nossos encontros ele revelava paixão tão ardente, que acabei me entregando a ele. Por algum tempo senti-me muito feliz. Mas a felicidade foi anuviada pelo padre Mendonza, ao qual confessei toda a verdade. Ele ficou chocado, censurou-me severamente pelo adultério e aplicou-me uma duríssima expiação. Resolvi romper com Walter, porém, tão logo toquei no assunto, ficou possesso e ameaçou-me com escândalo. Sentia-me infeliz, sem saber o que fazer; continuei tratando o duque em tom de desafio e aos seus olhares sombrios e desconfiados respondia com indiferença fria e esnobe.

“Certa manhã, Edmond anunciou-me sua decisão de voltarmos a Komnor Castle, devendo eu estar pronta para a viagem em uma semana. Não pude me opor abertamente e o meu ódio contra o duque aumentou ainda mais. A temporada das festas estava em seu clímax, entretanto eu deveria enclausurar-me num velho ninho de coruja, sem poder encontrar a pessoa amada.

“Eu desconfiava estar sendo vigiada; apesar disso, com a ajuda de Betty, consegui marcar um encontro de despedida com Walter. Hoje tenho certeza: se aquele encontro não fosse realizado, eu não seria tão infeliz!

“Encontrei Walter estranhamente excitado. Censurou-me por eu ter anuído em partir e, depois, disse-me em tom áspero:

— Não posso mais levar esta vida. Temos que acabar com isso, eliminando o patife que se interpõe no caminho de nossa felicidade e na minha situação de independência financeira. Por que me olha assim admirada? O que nós somos? Você é uma esposa criminosa e eu — um indigente, enquanto *sir* Edmond — um Júpiter tonante, que pode nos desonrar e aniquilar, quando quiser. Se ele morrer, serei o duque de Mervin e você, casando-se comigo, será uma duquesa.

"É verdade — concordei —, mas Edmond é jovem, goza de perfeita saúde e não pensa morrer, a não ser que você queira se tornar um assassino para alcançar esses objetivos.

"Ele soltou uma gargalhada e quase me quebrou a mão, de tanto apertá-la.

— Assassino? Não! Não um assassino, mas um juiz equânime! Esse homem tem-me torturado desde criança. Além de lágrimas e humilhações, não tive nada desde aquela hora maldita em que fui levado a Komnor Castle para servir de palhaço, de brinquedo do perverso e selvagem patife, com quem o destino foi mais prodigioso. Eu era órfão; era medroso e tímido, porque não recebi nenhum apoio e ninguém me protegia daquele miserável Tom Stenton, que teve a sina de nascer um duque.

"Ele crispou os punhos e eu até estremeci ao ver em seu olhar tanto ódio fulgindo.

— A felicidade só me sorriu quando você me entregou seu coração; mas esta foi arrancada por Edmond — continuou Walter, em voz trêmula. — Covardemente, ele me enviou a Kelton Holm, aprisionando-me até se casar com você.

— Foi desleal da parte dele, mas o trato familiar entre o meu pai e o tio Robert foi tão vantajoso, que ele, é claro, não iria perder essa oportunidade — observei, tentando acalmá-lo, pois por nada nesse mundo desejava um desfecho sanguinário entre ambos.

"Walter deu uma risada maldosa e, pondo-se diante de mim, disse em tom mordaz:

— Está na hora de você saber de toda a verdade. Por amá-la e para não constranger-lhe a paz, eu nada disse sobre um terrível crime; mas, agora, não ficarei calado. Saiba, pois, que nunca houve algum acordo entre seu pai e Robert Mervin. O corpo de seu pai não foi achado, porque ele estava vivo, aprisionado em Komnor Castle, onde foi morto um pouco antes de seu casamento.

"Soltei um grito e agarrei a cabeça com as mãos. Não lembro quanto tempo fiquei aturdida, sem nada enxergar ou ouvir. Voltei a mim quando senti o contato de uma toalha molhada com que Walter me esfregava o rosto.

— Mas isso é impossível! Como você não me disse nada, sabendo dessa patifaria — gritei, possessa.

— Já lhe expliquei a razão disso. Aliás, só conheço uma parte dos fatos.

— Quero saber de tudo que é de seu conhecimento. Já que começou, não há motivos para esconder o resto. Fale tudo!

— Está bem! Aconteceu assim. Eu ocupava um quarto na torre setentrional, que dá para o pátio interno. Certa noite não conseguia conciliar o sono; Edmond e Tom Stenton me obrigaram a brincar de batalha e me bateram tanto, que meu corpo doía todo. Depois de chorar muito, eu me levantei da cama e abri a janela, querendo me refrescar. Subitamente ouvi um barulho no pátio, normalmente vazio àquela hora. Olhando pela janela, vi o portão que dava para o parque sendo aberto e em seguida percebi dois homens carregando uma maca, e o tio Robert saindo da sombra. Da maca, tiraram um homem amarrado, tentando se livrar das cordas. Ele foi imediatamente levado à torre — você bem sabe que ali existe uma escada que leva ao subterrâneo. Assim, eu soube que ao castelo haviam trazido um prisioneiro. Não ousei dizer a ninguém sobre minha descoberta,

mas tentei descobrir o mistério. Como eu não oferecia nenhum perigo e me consideravam um idiota, consegui ouvir muitas coisas. Assim, certa vez o tio disse, não sei para quem: 'Finalmente, depois de muito trabalho, consegui a assinatura. Incrível: esse cão de Aldjernon é tão teimoso!' Eu tinha medo de ser descoberto e não fiquei para ouvir o resto.

— Aldjernon era o nome do meu pai. O que lhe fizeram? De ira e comoção, lágrimas me escorreram.

— Contar os detalhes seria demasiadamente longo — continuou Walter. — De qualquer modo, descobri que o velho Joffrei, leal ao tio de corpo e alma, levava comida ao prisioneiro, de cuja existência ninguém mais sabia. Logo imaginei que se tratava de seu pai, pois ouvi de você mesma o nome. Depois, com a morte de Joffrei, seu carcereiro passou a ser Tom Stenton. Agora, o último ato do drama. Lembra-se de que a morte do tio se deveu, supostamente, à sua queda da escada na torre, onde se guardam os arquivos? Há-há-há! Naquela torre existe um acesso aos calabouços subterrâneos, de onde, justamente, o digníssimo Stenton carregou o tio — deve imaginar com quanto esforço! Apesar de todos os cuidados tomados por parte de Edmond, eu vi o tio no leito de morte e ouvi o que ele disse em delírio. Interceptei também a conversa de Edmond com Tom e, desses fragmentos, tirei a seguinte conclusão: o seu pai tinha na Holanda diversos bens, herdados da mãe — uma holandesa, como você sabe. O tio não conseguia arrancar de seu pai — um homem muito corajoso, aliás — a assinatura que lhe passaria todos esses bens. Suponho que talvez devido a um longo confinamento e suplícios *sir* Aldjernon ficou doente e seus algozes resolveram fazer uma última tentativa. Não sei como realmente aconteceu, mas o prisioneiro conseguiu desferir um violento soco com as algemas na cabeça do duque, afundando-lhe o crânio. Tom Stenton então cravejou as costas de seu pai com um punhal e carregou o tio para fora. Foi aí que soltaram aquela conversa; de-

pois da morte do tio, vocês viajaram a Londres. Diga-me então: serei um assassino ou juiz, se acabo com Edmond — meu algoz e co-autor do crime hediondo?

— Não! — respondi. — Mate-o. Será feita justiça. Não tivesse morrido o tio Robert, eu mesma teria lhe enfiado uma faca. Quero que Stenton morra com o duque.

— Não serei eu a ter pena dele — respondeu Walter, beijando-me.

“Em seguida, discutimos com incrível frieza os detalhes do intento e a forma de nos correspondermos por intermédio de Betty.

“Voltei para casa como que ardendo de febre. Vivi tanto tempo a alguns passos do pobre papai e o coração não me disse que ele estava vivo, sofrendo enormes suplícios. No dia seguinte viajamos. Tive bastante presença de espírito para não revelar ao meu marido nada além da indiferença que ele me sugeria. Mas o ódio que me fervia na alma não arrefecia e eu ansiava a morte de Edmond, julgando que seu fim seria sacrifício expiatório da memória do papai.

"Assim passou mais de um mês após a nossa vinda ao castelo. Já era metade do outono e o tempo naquele país montanhoso era chuvoso e frio.

“Edmond tentou inutilmente fazer as pazes comigo e, para contrariar-me, vivia fora de casa, voltando tarde da noite; não levava com ele ninguém, além de Stenton. Devo dizer que Stenton, ainda desde Londres, mantinha o mesmo corte de cabelo e barba de meu marido; assim, somente pela roupa podia-se distinguir quem era um e quem era outro. Isso me deixava irritada. Observei o fato a Edmond, dizendo que, se Tom vestisse seus trajes, seria tomado por ele; mas, provavelmente ele precisava de um sósia para esconder suas traquinagens. O duque apenas deu um sorriso irônico em resposta.

"Certa noite, estando Edmond fora de casa como de costume e eu preparando-me para deitar, Betty entregou-me uma carta, sem nome do remetente; eu sabia, porém, que era de Walter. Ele dizia que tinha vindo tratar de negócios de meu conhecimento, e pedia que eu o encontrasse sozinha, entre meia-noite e uma hora, numa senda que levava ao parque. Não fiquei muito satisfeita com o local do encontro, pois o duque normalmente voltava por aquele caminho, que era um atalho para casa. Se ele me encontrasse ali com Walter, sem dúvida haveria um escândalo, cujo desfecho seria imprevisível. Decidi ir o mais rápido possível para levar o incauto amante, mais tarde, a um lugar mais seguro. Todos estavam dormindo no castelo. Dispensei Betty, envolvi-me numa capa escura e saí de casa por um caminho secreto.

"O tempo estava horrível: soprava vento glacial e uma chuva fina fustigava-me o rosto. Pus o capuz, ergui as abas da saia de veludo e caminhei tão rápido quanto me permitia o vento. Walter não me instruiu exatamente onde me aguardaria e eu, impacientemente, corri pela trilha ladeada de rochedos, quando ouvi um grito. Ainda que a tempestade tivesse abafado o som, julguei ser a voz do duque.

"Meu coração palpitava celeremente e parei por um minuto indecisa. Se Edmond tivesse visto e reconhecido Walter, eu teria de voltar depressa para casa. Mas a curiosidade foi maior.

"Esgueirando-me por entre os rochedos, cheguei perto da curva da trilha, tentando ver o que havia acontecido. Uma lamparina, na mão de um homem de máscara, iluminava um corpo jazendo na terra e, junto dele, de joelhos, avultava-se a figura de outro homem. Ao longe, ouvia-se o tropel de cavalo fugindo. Neste instante, ouvi:

— Ele deve estar morto.

"Cheguei mais perto e vi que Walter também estava de máscara. Ele apontou para o homem estendido e disse a meia voz.

— Com toda certeza.

“Lembrando aquele minuto, fico espantada com o meu sangue frio. Nem remorsos nem compaixão agitaram-se em minha alma; ao contrário, ela se encheu de satisfação. Subitamente, uma dúvida me assaltou.

— É ele mesmo? Não será Stenton; você não se enganou? — perguntei.

O homem mascarado estendeu-me a lamparina; Walter tirou a capa que toldava o rosto do cadáver, eu me agachei e o iluminei. Era Edmond. Seu rosto azulado estava retorcido de sofrimento e o sangue jorrava do ferimento no peito.

— Agora que você está convencida, vamos atirar o ilustre duque no precipício. Seu cavalo fugiu — o que será interpretado ter sido ele vítima de um acidente ou de bandidos... Tanto faz! Que o procurem! A chuva apagará os sinais de sangue.

“Walter arrancou a capa do duque, o chapéu e uma luva; depois tirou sua carteira e algo mais, de que não me lembro. Ajudado pelo desconhecido, ele ergueu o cadáver e o atirou na fenda rochosa. Conversamos um pouco. Ele contou em poucas palavras que, para evitar suspeitas, algum tempo depois de nossa partida de Londres, ele também deixou a capital com um amigo seu e eles atravessaram o canal. Ao desembarcarem no território francês, eles se separaram e Walter disse ao companheiro que ia entrar no exército, na Holanda. Num lugar combinado, ele esperou a vinda de uma pessoa de confiança, que agora o estava ajudando, e ambos viajaram para a Escócia.

“Como o objetivo fora alcançado, eles viajariam de volta para um porto escocês próximo e, de lá, Walter escreveria para Londres, retornando à capital assim que lhe comunicassem terse tornado o duque de Mervin. Nisso nós nos separamos.

“Qual não foi meu espanto quando, de manhã, fui acordada pela criadagem perplexa, comunicando-me que na trilha fora encontrado o corpo do duque, provavelmente vítima de latrocí-

nio. Não sabia o que pensar. Alarmada, eu me vesti e fui até o local do crime, ao qual acorreram todos os empregados do castelo.

“No caminho, a uns cem passos de onde Edmond tinha sido supostamente morto, jazia um corpo, toldado de capa. O rosto estava desfigurado por enorme ferimento; não obstante, nele se reconhecia o duque e em seu dedo fulgia o anel de rubi do qual não se separava. Depois foram achados o chapéu, a luva e a carteira vazia. O cadáver foi carregado para o castelo; todos estavam convictos de que aquele corpo era do amo assassinado. Só mais tarde eu soube o que aconteceu realmente.

“Por alguma razão desconhecida, Tom Stenton ficou para trás; Walter e seu cúmplice, findo o ato ignóbil, abandonavam o local do crime, quando ouviram o trotar de cavalo e logo viram seu cavaleiro. Era Tom que, ao que parecia, tentava alcançar o duque. Os cúmplices agiram imediatamente: enquanto um agarrava o cavalo pelos arreios, outro cravou um punhal nas costas de Tom, derrubando-o à terra. Então veio-lhes a idéia de fazer pensar que aquele corpo era do duque, uma vez que seu amigo não seria tão judiciosamente procurado. Com esse objetivo, eles desfiguraram o rosto de Tom e despiram-no para que a roupa não o traísse, puseram em seu dedo o anel de Edmond, que Walter descobriu em poder de seu cúmplice e obrigou que este o devolvesse.

“Como já disse, disso eu soube só mais tarde. O plano não poderia ter dado mais certo. Ninguém duvidou da morte de Edmond e, uma vez que Tom desaparecera sem deixar pistas, alguns criados que o odiavam e invejavam logo suspeitaram de que ele havia assassinado e assaltado o duque, na ocasião com muito dinheiro, ganho no baralho — não encontrado com a vítima. Quanto a mim, todas aquelas incertezas deixaram-me, a propósito, com ar de viúva desconsolada. Que coisa estranha! —

eu não senti na época nenhum remorso, que hoje me dilacera, bafejando o terror da morte.

"Após o enterro fausto de Tom Stenton no jazigo dos Mervin, retornei a Londres. Algumas semanas depois veio Walter, sendo introduzido na sociedade como novo duque. Estávamos ambos felizes e decidimos nos casar findo um ano. Por causa do luto, eu saía pouco, entregue aos sonhos cor-de-rosa do meu futuro.

"A notícia de que o padre Silva estaria em Londres deixou-me, não sei por que razão, deprimida.

"Certa noite ele veio me visitar. Recebi-o com a costumeira alegria; a nossa conversa era meio murcha e eu me sentia estranhamente constrangida sob o seu olhar severo e perscrutador.

— Há tempo que não nos vemos, minha filha. A senhora enviuvou e mudou muito. Até hoje conversamos como duas pessoas mundanas, mas gostaria de lhe falar como sacerdote. Por ter sido amigo de seu falecido pai e o ser da senhora, acredito ter esse direito.

"Eu fiquei vermelha e uma angústia indefinida tomou conta de meu ser. Respondi então que sempre estava disposta a abrir-lhe o coração, e nós fomos até o oratório. Ali, ele me disse, fitando-me os olhos:

— A senhora não quer me confessar o que lhe oprime tanto a alma? Terá sido sempre sincera com seu guia de consciência, o padre Mendonza, como manda o dever?

"Fiquei embaraçada, pois eu nada havia dito ao padre Mendonza sobre a minha co-participação na morte de Edmond. Como o reverendo chegou a saber disso?... Fui tomada de terror supersticioso e desabei em pranto; depois, confessei-lhe tudo. Ele ouviu calado e balançou a cabeça.

— Estou profundamente amargurado, minha filha, ao ver em que sorvedouro desceu sua alma. Eu já sabia de tudo isso, pois eu os ando vigiando, mas queria ouvir a confissão do delito

de sua própria boca. Um ato ignóbil puxa outro. Primeiro o a-dultério, depois o assassinato. Sabe que seus pecados são passíveis de maldição?...

Ao me ver assaltada de terror insano, ele acrescentou:

— A nossa mãe comum e sagrada é a Igreja, piedosa com pecadores arrependidos. Como, minha filha, a senhora pode provar seu arrependimento sincero?

“Minha cabeça girava e eu balbuciei que pretendia fazer grandes doações à Igreja e, depois, casando-me com Walter, tentaria me reparar, tornando-me uma esposa exemplar. Um sorriso de escárnio franziu o rosto do venerado padre.

— Tenho a impressão, minha filha, de que o mal que se a-poderou de sua alma também embotou-lhe a razão. Para remir o delito de que foi mentora, a senhora não consegue inventar nada melhor do que casar com o amante, ratificando o crime? Pois saiba que, se espera receber o perdão da Igreja e salvar sua alma do inferno, deverá desistir para sempre dessa intenção duplamente criminosa, que a Igreja jamais abençoará.

“Eu fiquei passada; todos os meus projetos iam ruindo e, entre o pranto, comecei a suplicar-lhe a obter a autorização do Santo Padre para essa união, mas o padre Silva continuou irredutível. Achei que ficaria louca: para evitar a execração da Igreja, eu seria condenada à viuvez pelo resto da vida — e eu só tinha vinte anos. Tivesse pelo menos um filho; não, eu não tinha ninguém...

“Ao saber da minha conversa com padre Silva, Walter pôsse a injuriar e amaldiçoar o clero. Amedrontada, tentei acalmálo, ainda que debalde. Torturava-me também uma dúvida insolúvel: de que modo Silva conseguira saber da verdade sobre a morte de Edmond? Quando abordei este assunto com Walter, ele, irritado, deixou escapar algumas palavras que germinaram em mim a suspeita de que ele tinha se aberto no confessionário com o seu guia espiritual, o qual, por sua vez, transmitiu tudo

ao reverendo Silva. Mas seria possível o padre Mendonza ter quebrado o segredo da confissão?

“O padre Silva visitava-me diariamente, tentando consolar-me e dissuadir-me. Certa vez, ao comentar com ele que Walter estava francamente contrariado com o clero e pretendia apelar ao Santo Padre, ameaçando também fazer um escândalo por causa de certos fatos a mim desconhecidos, o padre Silva observou severamente:

— Ele que se atreva! Aconselhe àquele criminoso ficar quieto e agradecer a Deus de não o entregarmos à justiça dos homens. Ou ele acha que, ao se tornar duque de Mervin, nem terra nem os céus têm poder sobre ele?

“Logo depois dessa conversa, a minha fiel camareira Betty Farnley adoeceu. Dispensei-lhe todos os meus cuidados e não medi recursos para seu tratamento, mas sua enfermidade ia-se agravando. Certa noite, fui acordada por uma criada que me anunciou que Betty suplicava que eu fosse ter com ela para revelar-me algo muito importante... Vesti o roupão e fui a seu quarto. Quando ficamos a sós, ela disse chorando que um grave crime lhe pesava na consciência e rogou que eu a perdoasse e não a amaldiçoasse por isso. Dei-lhe minha palavra e, então, ela me revelou que meu filho não estava morto, mas fora raptado quando fiquei doente, sendo substituído por uma outra criança que contraiu a varíola da ama previamente contagiada, vindo os dois a falecerem.

“Fiquei tomada de ira e desespero; quis saber do paradeiro da criança, mas Betty nada pôde dizer a respeito, a não ser que ela o havia levado à casa de uma mulher chamada Flora Vebster, que lhe entregou em troca uma criança moribunda. Quem era o mentor daquele crime, ela não sabia. Flora, uma jovem bonita, seduzira-a com cem moedas de ouro; Betty aceitou, pensando em abrir uma banca de miudezas e casar-se. Deus, entretanto, puniu-a e seu noivo morreu numa briga; os remorsos

não lhe davam a paz e ela não queria levar o segredo do crime para o túmulo. Desde a época da entrega da criança, ela nunca mais viu Flora. Eu exigi que Betty escrevesse a confissão e a assinasse — o que ela fez.

"Na mesma noite ela faleceu. Eu não tinha como duvidar da veracidade do relato de Betty e, ao mesmo tempo, não conseguia atinar quem pudesse urdir essa trama. Subitamente uma terrível suspeita brotou em minha alma. A única pessoa no mundo para quem interessaria a morte do pai e do filho era Walter; justamente os dois seriam um obstáculo entre ele e a coroa de ducado de Mervin... Se era Walter, teria ele matado Charly como o fez com Edmond, ou simplesmente o tirou do caminho? Neste caso, o que havia acontecido à criança? Eu me perdia em conjecturas e suspeitas e, por vezes, temia por minha sanidade mental. Por fim, não agüentando mais, contei tudo ao padre Silva, vindo para se despedir de mim. Ele pareceu ter ficado perplexo. Após refletir, aconselhou-me a não revelar minhas suspeitas e esperar, até que ele mesmo tomasse medidas enérgicas para elucidar o mistério.

— Sabe, minha filha, os olhos da Igreja enxergam melhor que os de mortais comuns, e seus servidores conseguem penetrar onde nenhum policial o consegue. Esteja certa, *lady* Antônia, tudo será feito para que seu filho seja encontrado, se estiver vivo. Se Deus devolvê-lo, será uma prova de Seu perdão e misericórdia para com a pecadora arrependida.

"Muito tempo se passou numa incerteza angustiante. Não havia notícias do venerando Silva e eu vivia num total isolamento. Passei a evitar Walter, amor que se foi extinguindo. Com sentimento misto de terror e raiva eu tentava ler em seu rosto se ele era culpado ou inocente. Finalmente veio uma carta do venerando; ele comunicava que após longas e, inicialmente, infrutíferas buscas, conseguiu encontrar os rastros e, mais tarde, a própria criança, que estava com músicos andarilhos. Desco-

briu-se que Flora, já falecida, tinha sido amante de Walter. Ela ficou com a criança morando numa cidade italiana e, mais tarde, por alguma razão desconhecida, deu-a aos músicos. Um feliz acaso levou-os a Roma, onde a criança foi reconhecida pela extraordinária semelhança com Edmond. O menino estava em lugar seguro e, assim que os documentos ficassem prontos, seus direitos seriam restituídos e ele seria trazido por uma pessoa de confiança. Até lá eu deveria ficar calada. Desde o recebimento daquela carta eu não me cabia de ansiedade.

"Algum tempo depois, Walter disse-me que planejava viajar a Roma para falar com o Santo Padre; o Papa, ouvindo-lhe a confissão, não recusaria em dar sua anuência para o nosso casamento. Caso contrário, ele rejeitaria a fé católica. Eu não disse nada, apenas olhei para ele com desconfiança e desdém. Já não pensava em desposá-lo e, se ele ainda se tornasse um apóstata, significaria que era capaz de qualquer infâmia. Oh, como ele seria punido, se eu conseguisse restituir a Charly seus direitos! Walter perderia tudo que adquirira perfidamente e eu seria vingada por ter sido atraída para participar de um crime pelo qual pagava tão caro.

"Finalmente chegou um sacerdote em companhia de uma velha e um menino de três anos. Um olhar bastou para eu ficar convencida de que ali estava meu filho. A prova vinha estampada em seu rosto — cópia reduzida de Edmond. Jamais vi uma semelhança tão fiel: os olhos, as madeixas escuras, a expressão e até as maneiras — tudo era do pai. O pequerrucho palreava em italiano e anunciou que era chamado de Tônio; em seguida, começou a brincar no quarto.

"O velho padre entregou-me alguns papéis, entre os quais os depoimentos oficiais de dois vizinhos da falecida Vebster e um depoimento de dois acrobatas volantes: Charlotta e Gaetano Malvolio, que certificavam ter recebido o pequeno Tônio de Flora Vebster.

"Walter encontrava-se neste ínterim na Escócia, preparando-se para ir a Roma, e eu aproveitei sua ausência para marcar uma audiência com o rei. Expus-lhe todo o assunto e apresentei o meu filho. O rei, que conhecia Edmond desde a infância, ficou perplexo com a semelhança da criança com o pai morto, e mandou que se fizessem investigações. Devo acrescentar que Edmond havia mandado gravar no ombro do menino a efígie familiar com uma tinta azul indelével; era justamente para encontrar essa marca que, na época, ele pretendia exumar o corpo. A efígie foi encontrada no ombro do menino e o médico da corte atestou que a gravação era antiga, feita, supostamente, logo após o nascimento da criança.

"Nesse meio tempo Walter retornou, sem saber dos acontecimentos. Ao entrar no meu quarto, viu o pequerrucho brincando no tapete. Empalidecido cadavericamente, ele inquiriu rispidamente quem era aquela criança e o que ela fazia lá. Respondi-lhe que era Charly — duque de Mervin, seqüestrado por uma tal de Flora Vebster por instrução de um malfeitor ignóbil. Pela providência divina, porém, ele foi achado e uma investigação rigorosa, ordenada pelo rei, revelaria logo o culpado, restituindo ao menino seus direitos legais. Walter ouvia tudo, mudo e perplexo. Se eu ainda tivesse dúvidas, aquele minuto convenceu-me do contrário: mais do que quaisquer palavras, lia-se a culpa em seu rosto. Sem dizer nada, deu as costas e saiu.

"No dia seguinte, entregaram-me uma longa carta sua. Ela está comigo agora e eu a releio amiúde. Hoje acredito que ela é sincera e contém toda a verdade. Walter reconhecia a culpa, mas jurava que tanto para cometer o primeiro como o segundo crime foi compelido por padre Mendonza, que odiava Edmond. O padre exprobrava a possibilidade de que tanto os meus bens como os do duque viessem a cair nas mãos do "herege". Se a criança fosse seqüestrada, poder-se-ia salvar-lhe a alma, consagrando-a a serviço de Deus. Ao mesmo tempo, Walter era sedu-

zido com a idéia de se tornar o duque de Mervin, desforrando-se das ofensas e maus-tratos a que fora submetido. A paixão por mim fez o resto. Auxiliado pela amante, Flora Vebster, ele roubou a criança, mas a grande importância em dinheiro paga a Betty e Flora foi arrumada pelo padre Mendonza. O assassinato de Edmond foi uma conseqüência do primeiro delito, movido por paixão a mim. De qualquer forma, o cúmplice que o ajudou a matar o duque foi, por instrução de Mendonza, trazido da Itália. Esse comparsa conhecido por Gaston de Tremon, estando embriagado, afirmou que era fiel ao padre Silva de corpo e alma e que fora enviado por ele à Escócia; além disso, o reverendo padre estava envolvido com o seqüestro da criança.

"Estou acabado e, além do mais, perdi a mulher adorada — escrevia Walter. — Não suportarei o que me aguarda; a possibilidade de perder o que eu obtive pagando caro e ficar na miséria, ter minha cabeça à mercê do carrasco, ser odiado e desprezado por você, Antônia — tudo isso está além de minhas forças. Se eu ao menos pudesse desmascarar os infames padres que me destruíram! Mas quem me acreditaria... um criminoso? Sei que não posso fazer nada. Eles têm o poder nas mãos, conquanto sua hipocrisia erudita os salvaguarde da justiça humana. Que eles sejam amaldiçoados!

"No dia seguinte, recebi a notícia de que Walter foi encontrado morto: ele havia se suicidado com punhal. A carta abalou-me profundamente; não sabia o que pensar e não me atrevia a confiar a ninguém as minhas dúvidas. Minha razão, entretanto, recusava-se a acreditar na delinqüência de dois homens sérios e honrados por quem nutria grande respeito e confiança, sobretudo por padre Silva, que parecia permanecer alheio aos assuntos mundanos.

"Não vou descrever aqui sobre o processo que restabeleceu os direitos de meu Charly; disso se falou muito na corte e na cidade. A demanda estava por terminar, quando veio o padre Sil-

va. Ele estava incrivelmente meigo e bondoso comigo e com a criança; achou que mudei muito e emagreci. Para animar-me, entregou-me o indulto do Santo Padre, onde se perdoava a minha participação na morte de Edmond; deu-me ele também duas hóstias, consagradas pelo Papa, com uma das quais o reverendo padre me comungou pessoalmente.

"Feliz e tranqüilizada, eu agradeci. Quando nós comentamos algo sobre Walter, eu lhe mostrei sua carta *ante-mortem.* Percebi como as mãos e os lábios do padre tremiam ao lê-la. Depois, ele persignou-se e disse:

— Esse infeliz, sem dúvida, estava possuído por demônio, já que foi capaz, antes de morrer, de inventar tantas histórias injuriosas. Espero, minha filha, que nem eu, nem o respeitável padre Mendonza tenhamos que nos justificar de tais acusações absurdas.

"Eu afirmei que, se por um instante nelas acreditasse, não lhe teria mostrado a carta.

"Logo depois desse encontro, manifestaram-se os primeiros sinais de minha enfermidade misteriosa, que me foi debilitando e que não cedia a nenhum tratamento. No início, eu era tomada por fraqueza repentina, seguida de ânsia de vômito e dor de cabeça; depois, era acometida de taquicardia e dores agudas nos membros. O médico aventou a possibilidade de que as violentas perturbações que se sucederam em conseqüência da morte de meu marido, o rapto de meu filho e o suicídio do amigo da infância, abalaram o meu organismo, e prescreveu-me repouso absoluto, preferencialmente longe do lugar que me fazia lembrar dos tristes acontecimentos. Ele aconselhou-me a passar o inverno na Florença, achando que o maravilhoso clima da Toscana faria bem a mim e à criança.

"Assim, eu viajei e me instalei na Florença. Mas... não houve qualquer melhora na saúde. O reverendo Silva visitou-nos por uns dias; ele parecia muito amargurado, nervoso com algo e

fitava-me tão estranhamente, que me deixava constrangida. Em minha alma havia também uma revolução em curso. O perdão do céu como que despertou os meus remorsos, e a lembrança da morte de Edmond me atormentava. Em sonhos, a mim assomava-se o rosto pálido do duque, transfigurado por agonia, e eu tornava a assistir ao seu corpo sendo jogado no precipício, de onde se ouviam seus gritos e apelos de ajuda; eu acordava toda trêmula, suando em bicas. Às vezes, com nitidez dilacerante, eu me lembrava dos bons momentos de nossa vida conjugal: as menores atenções, as carícias ou as preocupações de Edmond comigo antes do nascimento do nosso filho, assim como da paciência com que ele suportava os meus caprichos. Em tais momentos, os remorsos me atormentavam e eu sentia uma vontade irresistível de rever Komnor Castle, como se uma força incontrolável me atraísse àquele local fatídico.

"Meu estado doentio foi-se agravando ao lado da nostalgia pelo castelo e decidi partir; mas, um pouco antes de minha viagem, aconteceu um fato muito curioso e inesperado.

"Depois que Charly foi localizado, tentei por várias vezes indagar sobre sua vida anterior; mas, na época, ele era muito pequeno para ter consciência das condições de sua existência e do ambiente em volta. Na maioria das vezes, em seu palrear, ele comentava o nome de Charlotte, de quem não gostava, chamando-a de *cattiva* (perversa) e de uma tal de Marietta, que, ao contrário, era por ele adorada e pela qual chorava, queixando-se de que ela não estava com ele. Três ou quatro dias antes da partida de Florença, fui passear com Charly. De repente, numa das esquinas, a nossa carruagem ficou presa por uma multidão de pessoas. Olhei pela janela e vi no meio do povo dois músicos: um jovem tocando bandolim e uma mulher que cantava e tocava uma harpa velha. Ao terminar a canção, ela passou um prato de madeira por entre os presentes; mas, ao ver a carruagem parada, aproximou-se da portinhola e, hesitante, estendeu o pra-

to; eu já abria a carteira, quando Charly exclamou de repente: — Marietta! Marietta! e estendeu-lhe as mãozinhas. Seu movimento foi tão brusco, que ele teria caído para fora da carruagem, se eu não o tivesse agarrado.

A mulher também ficou pasma e exclamou: — Tônio! é você?

“Ao notar os olhares da multidão pregados curiosos sobre nós, apressei a lhe enfiar na mão uma moeda de ouro e, ao me nomear, disse-lhe para passar em casa, junto com seu companheiro. Ao retornarmos para casa, mal tive tempo de conseguir acalmar Charly, que chorava, tremia e chamava por sua Marietta, quando os dois italianos chegaram. Mais tarde soube que o homem era chamado de Lasari e era marido de Marietta que, de fato, cuidou de meu filho, servindo na casa onde ele vivia.

“Ao ver a felicidade de meu filho, propus a Marietta trabalhar de babá de Charly, enquanto ofereci a Lasari o lugar de criado. O salário contratado deixou-os satisfeitos e eles aceitaram acompanhar-me na viagem.

“Fiquei convencida de que Marietta adorava meu filho; quanto ao passado, ela era muito discreta e evitava falar dele, como que por medo. Decidi que com tempo eu a faria revelar-me fatos misteriosos do rapto.

“Já faz três semanas que estamos em Komnor Castle e eu me sinto cada vez pior. Não sinto dores, devo dizer, mas a vida está me esvaindo, de modo que até escrever é difícil…

~IX~

Oh, meu Deus, quantas desilusões desde que parei de escrever da última vez! Que terrível foco de luz iluminou os inúmeros mistérios do passado.

Hoje eu sei que fui envenenada e... ainda por quem! Minha razão recusa-se a entender isso... Desde ontem, estou como num pesadelo; no entanto preciso de repouso, pois devo pôr em ordem muitas coisas e não sei quanto tempo me sobra de vida. Tentarei, todavia, transmitir em detalhes o estranho relato de Marietta e, talvez, isso me acalme e me distraia do pensamento fixo da morte. Eu jamais suspeitei da existência daquele mundo que descobri pelo relato de Marietta.

"Ontem à noite eu estava arrumando a caixa com minhas jóias, enquanto Charly brincava com Marietta junto à janela; porém a curiosa italiana aproximou-se da mesa onde eu deixei os objetos espalhados, entre os quais havia um medalhão com a miniatura de retrato do padre Silva. Ele me havia presenteado com ela alguns anos antes. De súbito, Marietta agachou-se e agarrou o medalhão, exclamando surpresa:

— Deus misericordioso! O senhor Giovanni é um padre?!...

"Estremeci. O que poderia significar? Como poderia aquela mulher conhecer o reverendo e, ainda, sob o nome de senhor Giovanni? Ordenei que ela contasse tudo sobre aquele senhor

Giovanni. No início ela se opôs, alegando que não podia falar nada de desrespeitoso sobre um representante do clero, mas, como o segredo a oprimia e não se fazendo mais de rogada, contou-me toda sua vida. Tentarei transmitir o relato dela com máxima precisão, reproduzindo as palavras de Marietta, de tão bizarras e incomuns pelos detalhes e protagonistas.

"A origem de Marietta é obscura. Quando ela contava com apenas alguns meses de vida, um homem de máscara levou-a a uma pobre mulher nos arredores de Roma, dando-lhe tanto dinheiro, que essa pensou que a criança pertencesse a alguma dama nobre. Entretanto, ninguém exigiu a criança de volta e, quinze anos depois da morte da mãe adotiva, ela foi pega por vizinhos por ser boa trabalhadora. Uns dois anos depois, certa manhã, apareceu um senhor, vestindo trajes ricos mas gastos, e anunciou que fora enviado pela pessoa que tinha entregue a criança a mando da mãe. O homem ordenou que ela se preparasse para ir embora com ele. A desconhecida genitora sempre fora seu ídolo, com quem sonhava reencontrar-se e, apesar de o estranho não lhe inspirar muita confiança, Marietta acompanhou-o sem hesitar. Ele a levou para outra extremidade de Roma, um lugar ainda mais ermo, pobre e sujo do que o que ela morava. Ali, atrás de miseráveis casinholas, erguia-se um prédio em ruínas.

"A carroça em que eles chegaram foi estacionada no pátio, de onde havia entrada para a casa. Através de uma porta, precariamente sustentada por uma dobradiça, e um corredor enegrecido feito chaminé de lareira, eles adentraram um pequeno quarto quase vazio e, depois, entraram numa sala espaçosa de teto baixo, apinhada de móveis e objetos.

"Ao lado do fogão aceso, numa alta poltrona com espaldar engalanado por brasão, estava sentada uma mulher de idade indefinida. O rosto carnudo com faces macilentas era feio, os olhos, penetrantes e severos, e os cabelos — despenteados. Sua

roupa era pobre e desleixada. Do pescoço pendia um colar e a cabeça, desgrenhada, adornava-se por uma faixa de moedas de prata e ouro. A mulher recepcionou Marietta com alegria adocicada e anunciou que a mãe da jovem, ao morrer, confiou-lhe sua filha e que esta iria viver com ela ali, ajudando-a nos trabalhos de casa.

"Quando Marietta transferiu para o velho baú seus humildes bens, a "dama" explicou-lhe suas novas responsabilidades, referindo-se a seus trapos como "toalete" e ao pequeno quarto sujo como "sala de recepção", onde ela, uma curandeira famosa, recebia pacientes numerosos. Depois, todos se sentaram à mesa para almoçar. Por mais que fosse simples a casa onde antes vivia Marietta, lá, no entanto, tudo era limpo, e a mais humilde das refeições era gostosa. Já onde Marietta estava, o almoço era algo indefinido que a senhora Charlotta despejou da panela e chamou de caldo de peixe. Não apeteceu a Marietta; apesar disso, a "senhora" e o "senhor" devoraram-no com apetite. Este último ainda pegou uma garrafa de vinho e começou a tomá-lo.

— Vai se embebedar de novo? Esqueceu, por acaso, que esse vinho é para paladares finos e, além do mais, teremos visitas à noite? — observou em tom severo Charlotta.

"Ele, porém, objetou contrariado:

— Passei o dia inteiro cuidando de seus assuntos e não pretendo morrer de fome e sede. Já chega que eu, o cavaleiro Gaston de Tremon, humilhe-me representando um criado.

"Charlotta soltou uma gargalhada, segurando as ancas. — Acalme-se, nobre cavaleiro, e não se esqueça que eu sou a marquesa Salvator Tartinelli; meus antepassados nem permitiriam que você entrasse no vestíbulo. Você, seu patife, teria morrido de fome, se eu não trabalhasse tanto para alimentá-lo. Está na hora de você mostrar o serviço.

"O nobre cavaleiro" passou a comer em silêncio e depois se deitou num velho colchão, estendido no chão.

Charlotta contou a Marietta que sua ilustre família se havia arruinado; não obstante à alta estirpe, ela ajudava os sofredores, fazendo poções mágicas. Apontando para Marietta algumas prateleiras atravancadas de potes, vidros, saquinhos e feixes de ervas secas, explicou que eles continham a salvação do gênero humano, a que consagrara a vida, distribuindo os preparados aos necessitados a preço ridículo. Além do mais, segundo suas palavras, ela tinha o dom de clarividência e, sendo assim, o passado e o presente não lhe eram mistério.

"À noite, o "cavaleiro", que dormia roncando, foi despertado com um chute de Charlotta, que lhe ordenou levar o cavalo para um tal de senhor Giovanni.

— Ande rápido, idiota! Ele sempre lhe dá alguns trocados — acrescentou.

"Gaston balbuciou algo a respeito da avareza de Charlotta e de seus clientes; pegou a capa e montando no pátio um cavalo saiu segurando pelas rédeas um corcel maravilhoso, de sela cara. Após sua partida, Charlotta enfeitou-se: ela vestiu uma blusa vermelha e adornou a cabeça com uma espécie de turbante azul; em seguida, pôs na mesa uma garrafa de vinho e uma torta salgada de ave selvagem. Indicando a Marietta um colchão de palha perto do fogão, mandou-a dormir, já que não precisava mais dela. Marietta, curiosa em saber quem poderia visitar aquela casa imunda, fingiu estar dormindo; aliás, Charlotta não lhe dava qualquer atenção, roncando alto na poltrona.

"Passado algum tempo, Marietta ouviu o tropel de cavalos aproximando-se e silenciando perto da casa. Logo, o quarto era adentrado por Gaston, seguido de um homem de máscara e capa. Após apertar amistosamente a mão de Charlotta, o desconhecido tirou a máscara e Marietta pôde distinguir o rosto, que mais tarde reconheceu em meu medalhão; naquela hora, porém, ele chegava sem batina, trajando vestes ricas de veludo negro e, provavelmente, usando uma peruca, ostentando cabe-

leira escura e comprida, como era moda naquela época entre a fidalguia.

“Assim que o senhor Giovanni se acomodou na cadeira, Charlotta dispensou Gaston. Aconselhada aos sussurros pelo visitante, ela foi buscar um braseiro com carvão, acendeu-o e despejou nele um punhado de grãos e um pó branco. Do braseiro flamejou um fogo vivo que, ao se extinguir rapidamente, deixou uma espécie de pequenas cobrinhas multicolores que rodopiavam, deslizavam e se entrelaçavam no carvão, como vivas.

“Charlotta se inclinou sobre o braseiro e disse contrafeita:

— Sua paixão fatídica ainda há de lhe trazer muitas desgraças. É melhor o senhor arrancar da alma a imagem que o perturba.

“O senhor, ou o padre Silva — pois era ele, e assim vou chamá-lo pelo verdadeiro nome — balançou a cabeça e disse:

— Meu amor haverá de ser correspondido. Diga-me: quando lograrei o sucesso em meus projetos e poderei finalmente saciar a minha paixão?

— Para poder ver tudo mais claramente, preciso de um objeto que pertenceu a essa dama.

“Relutante, o reverendo tirou por trás do peitilho um lenço orlado de rendas e estendeu-o a ela. Charlotta desatou a rir.

— Giovanni, Giovanni! Se alguém o tivesse visto com *esse* lenço! -Ao vê-lo, porém, esquadrinhando com olhar contrariado e temeroso em volta, ela acresceu: — Fique tranqüilo: ninguém está nos ouvindo.

“Depois, agitando o lenço sobre o carvão e examinando-o atentamente, Charlotta finalmente disse:

— Seus projetos darão certo, não sem antes algumas vítimas. Ela acabará se apaixonando pelo senhor, com minha ajuda, é claro.

— Está bem! Prepare um filtro de amor; pagarei o que for pedido. A senhora não se arrependerá em me ajudar.

"Seguiu-se então uma sessão de leitura da sorte em cartas; depois chegou Gaston, todos jantaram, após o que os homens iniciaram um carteado. O reverendo perdeu uma boa soma e, visivelmente cansado, levantou-se para ir embora. Gaston já ia enfiando o dinheiro ganho no bolso, quando do canto, onde dormitava Charlotta, ouviu-se sua voz adocicada:

— Meu caro, não ande com tanto dinheiro, pois pode ser assaltado; deixe que eu o guarde por segurança.

"Enraivecido, Gaston entregou-lhe o dinheiro e saiu em companhia do reverendo.

"Eu ri muito com o relato de Marietta. Era engraçado que padre Silva, um sacerdote e carrasco impiedoso das fraquezas humanas, freqüentasse travestido locais suspeitos. Ali, jogava cartas, pedia para que fizessem adivinhações e comprava filtros de amor. O respeito, a infinita confiança que eu nutria por ele desde criança — tudo ruiu imediatamente. Ele já não era para mim um ser superior e juiz imparcial, mas sim uma criatura mortal com todos os seus defeitos e fraquezas... Oh, destino! Rindo, eu nem sequer suspeitava que, naquele antro, planejava-se meu fim... Bem, continuarei meu relato...

"Assim, o piedoso padre Silva, ou o senhor Giovanni, continuou freqüentando a casa de Charlotta, jogava baralho e, pelo carvão, espelho ou outras formas de adivinhação, ficava inteirado do que fazia a sua dama amada. Ele lhe trazia as cartas e os objetos dela, submetidos pela feiticeira à defumação e demais formas de encantamento. No decorrer desse tempo, Marietta tomou um verdadeiro nojo do novo senhorio, impossibilitada, porém, de largá-lo em vista da vigilância constante de Charlotta, que não queria abrir mão da laboriosa empregada.

"Os relatos dos vizinhos sobre o senhorio deixaram Marietta apavorada. Assim, segundo eles, Charlotta era uma feiticeira famosa por ter envenenado muita gente, que fazia trabalhos para a clientela desejosa de ficar livre de seus rivais ou desafetos.

Gaston era assassino de aluguel e agiota notório; se algo, porém, não dava certo ou tomava um rumo desastroso, as brigas entre os dois eram homéricas. A casa também era visitada por damas e cavaleiros normalmente de máscara, que compravam poções mágicas e amuletos para receber herança ou adquirir outras vantagens.

“Por vezes o senhor Giovanni não aparecia durante meses. Assim, depois de uma longa ausência, ele levou para a casa de Charlotta uma criança, a quem chamava de Antônio...

''Agora, quando escrevo estas linhas, a minha alma indigna-se. Afinal Walter não mentira e o padre Silva realmente estava envolvido naquela trama. Como ele foi hipócrita comigo! Apregoando obediência e resignação diante da vontade divina, ele levara a criatura inocente para aquele horrendo barraco, privando-a da mãe, do pai e da posição social. Oh, que patifaria! Se eu pudesse compreender ao menos as razões que o impeliram a praticar aqueles crimes!...

“Não tenho muito a dizer agora, mas o que falta é o mais difícil e medonho em toda essa história.

“O meu pobre pequerrucho acabou ficando na casa da bruxa. Esta o tratava mal, porém absteve-se de fazer algo pior com ele, provavelmente pela interdição do “piedoso padre”. Marietta soube casualmente que Charlotta foi amante de Giovanni e que continuaram amigos.

“Marietta afeiçoou-se muito à criança, no que era correspondida. Assim, foi um choque para ela quando o padre anunciou que levaria a criança embora. De fato, após lhe comprarem algumas roupas e assinados montes de papel, ele viajou com Charly. Esqueci de mencionar que Gaston ficou viajando por três meses e voltou com uma grande quantia de dinheiro, que Charlotta confiscou quando ele estava bêbado. Embriagado, ele deixou escapar na frente de Marietta que esteve na Escócia, participando do assassinato de um nobre. Ele era justamente o

cúmplice que matou Edmond e Tom Stenton; Walter estava certo ao dizer que o padre Silva não só sabia do plano, como teve participação direta ao enviar aquele assassino torpe...

"Certa noite, após alguns meses da partida da criança, o senhor Giovanni apareceu e teve uma discussão acalorada com Charlotta. Ele trouxera um estojo dourado com tampa salpicada de gemas azuis e exigiu que a feiticeira fizesse um encantamento do objeto nele contido; esta se recusou, alegando ter nojo de tocar na "porcaria", com risco de atrair sofrimentos, sem dizer que o seu trabalho duro era mal remunerado. Após demoradas altercações vulgares, ele lhe pagou a soma exigida e deixou-lhe um papelote, com algo escrito. Charlotta atirou o papel no fogo; tirou da caixa duas hóstias e embebeu-as com uma gota de líquido transparente — Marietta sabia que aquilo era veneno. Em seguida, estendendo o estojo ao padre, Charlotta disse rindo:

— Está pronto! Fique tranqüilo, Giovanni, depois disso ela não amará mais ninguém.

"Alguns dias depois, Marietta fugiu daquela casa criminosa e casou-se com Lasari, a quem amava.

"Agora eu sei a quem se destinava aquele veneno. Eis, diante de mim, a caixa dourada com tampa de turquesa; ela ainda contém uma hóstia letal. Não há mais dúvida: estou condenada à morte; Charlotta conhece bem seu ofício. Mas, ó Deus misericordioso, por que ele me matou? Não será pelo dinheiro que eu prometi à Igreja? Sua Ordem é tão rica que, por mais substanciosa que fosse a minha doação, ela não o teria seduzido!...

"Tomei nojo pelo padre Mendonza. Já faz alguns dias que ele está doente e eu nem pergunto por ele; estou feliz por não ver sua cara maliciosa, nem ouvir suas prédicas falsas.

"Finalmente houve a explicação — inesperada e revoltante. Que cena, meu Deus! Ela me abalou tanto que eu achava que eu ia morrer; mas, não, eu ainda estou viva e quero transmitir os futuros acontecimentos. Estou acostumada a confiar a este

caderno os pensamentos, as impressões e os fatos da minha vida breve, mas criminosa e infeliz.

“Depois das minhas últimas anotações, passaram cerca de duas semanas difíceis; à minha debilidade geral somaram-se pontadas no coração. Certa manhã eu estava deitada no sofá, neste mesmo quarto, quando irrompeu Marietta, pálida, e disse que viu pela janela o reverendo Silva saindo do coche.

— Depressa — ordenei —, esconda-se e não saia até que ele vá embora. Se ele a vir aqui, você poderá pagar com a vida.

“Ela sumiu feito sombra. Um sentimento de maldosa alegria assaltou-me a alma. Eu poderia finalmente atirar-lhe na cara todo o meu desdém, desmascarar seu relacionamento com Charlotta, sua participação no assassinato de Edmond e seqüestro de Charly. Após alguns minutos a porta se abriu e o padre entrou em passadas apressadas, como sempre calmo e discreto. Fiquei subitamente tomada de fraqueza diante do homem que me fizera tanto mal e que me olhou perscrutadamente. Ele se curvou, tomou-me a mão e perguntou, meio afetuoso, meio amargurado:

— O que há com a senhora, *lady* Antônia? O padre Mendonza me disse que a senhora estava doente. Por que se trancou aqui e não quer consultar os médicos?

“Ele ainda se atrevia a perguntar-me o que havia comigo?! Eu estremeci de indignação, desespero e nojo. Esforçando-me para me dominar, levantei e afastei bruscamente sua mão.

— Chega de mentiras e chacotas cínicas, disfarçadas em palavras beatas para encobrir a torpeza de sua alma. Ou o senhor achava que seus malefícios jamais seriam descobertos? O senhor é o mentor e o cúmplice dos assassinatos, amigo da criminosa Charlotta e o seqüestrador do meu filho — gritei, ensandecida.

O padre Silva começou a tremer, empalideceu e recuou. Sem dar atenção a isso, continuei em mesmo tom:

— O senhor não deve estar gostando que eu lhe arranque esse disfarce de um servidor de altar severo, honesto e beato, que exprobra as fraquezas alheias? Quem iria imaginar que o senhor, um eclesiástico, freqüenta nas noites escuras o covil de sua ex-amante, encomenda-lhe preparados para se livrar dos que o atrapalham e joga baralho com um assassino profissional. Tenho ainda a segunda hóstia envenenada, daquelas duas que o senhor me deu e estou propensa a entregá-la à justiça humana... Confesse, homem perjuro, com que intenção você fez com que Walter e eu cometêssemos o crime? Por que nos arruinou e, finalmente, envenenou-me?...

"Eu não consegui continuar, pois estava me sufocando; faltava-me o ar e uma forte dor comprimia-me o coração. Pálido feito espectro e sacudindo-se em tremor nervoso, ouvia-me o reverendo padre, sem interromper; súbito, enrubescido intensamente, olhar fulgente e lábios trêmulos, ele deu um passo em minha direção.

— A senhora quer saber os motivos das acusações que me dirige, que só o diabo poderia ter-lhe revelado? Está bem, eu vou revelar a verdade. Faço-o porque a senhora já está com um pé na cova. Ouça então a minha confissão!

— Não tive na vida nem alegria, nem amor. Órfão dos pais, fui entregue ao seminário e me agarrei à única coisa que me era possível: alcançar um alto posto na Ordem. A esta ambição árdua e obstinada eu me consagrei de corpo e alma. Não percebi como passou a minha juventude e, quando alcancei o objetivo almejado, tornei-me velho de corpo, ainda que jovem de alma. Compreendi então que eu havia simplesmente desperdiçado a minha vida. Eu ansiava amar e ser amado, mas esse sentimento, tão humano e legítimo para o resto de homens, era para mim criminoso. Foi justamente nessa época de minha depressão que a vi resplandecendo em sua juventude... o que foi a minha ruína. Apaixonei-me pela senhora, e esta paixão não correspondi-

da, recolhida atrás da máscara da impassibilidade de sacerdote e confessor, foi-me martirizando a alma. Seria impossível descrever o meu desespero quando a vi casada e, depois, nos braços de um amante. Edmond e Walter foram sacrificados por causa do sentimento inerente a todos os homens — o ciúme, que me dilacerava o coração. O meu plano era o seguinte:

— A criança deveria desaparecer; morto Edmond, a senhora ficaria sozinha, já que Walter, envolvido no assassinato, não oferecia qualquer ameaça e poderia ser controlado ou aniquilado a qualquer momento. Mas, o que o homem propõe, Deus indispõe; assim, saiu tudo às avessas. Eu não imaginei que a senhora se tornaria amante de Walter, nem que ele, feito duque de Mervin, conseguisse juntar provas contra mim e o padre Mendonza, ameaçando queixar-se ao Santo Padre e pedir que nós abençoássemos aquela união. Preferiria morrer a aceitar aquilo. Era necessário abalar o rival insubmisso e destituí-lo da posição que o tornava esnobe e audacioso. Correu tudo como eu planejei: a criança foi devolvida, a senhora pôs a culpa em Walter, os documentos que nos comprometiam estavam desaparecidos e ele acabou se matando. É verdade, o meu plano de fazer com que a senhora ficasse totalmente só, recolhendo-se ao mosteiro pelos remorsos, não deu certo, mas eu tinha esperanças... Eu queria obter de Charlotta um filtro de amor para impregnar com ele as hóstias consagradas e, com isso, fazer a senhora apaixonar-se por mim, e não matá-la. Charlotta me enganou e pagará caro por isso...

— Pode rir de mim, a senhora tem esse direito, pois para mim está tudo acabado: fui punido por Nêmesis, mas estou feliz. Se não posso ter a senhora, prefiro vê-la morta; que o túmulo a possua!...

“Ele interrompeu a fala, respirando a custo. Seu rosto transfigurado e os olhos que fulgiam de paixão selvagem deixaram-me tão aterrorizada, que eu não conseguia raciocinar direi-

to; o medo e o nojo me sufocavam. Eu devo tê-lo empurrado com força, quando ele se inclinou sobre mim; depois, feito através de uma névoa, vi-o precipitando-se à porta, desaparecendo em seguida, mas eu já estava desfalecendo.

"Três dias já se passaram desde aquele incidente e eu estou como que num pesadelo. Marietta me disse que Silva (não consigo mais chamá-lo de "padre", pois isso seria um sacrilégio) havia ido embora da cidade. Graças a Deus: não o verei mais! Oh, como eu odeio aquele homem torpe que sacrificou a minha vida por paixão sórdida, empurrou-me para o crime e tornou-me infeliz...

"Estou me sentindo muito mal. Desde ontem têm-me aumentado as crises cardíacas — sinal de que logo aquele mecanismo de relógio, inserido nos seres humanos, entrará em colapso para pôr fim às alegrias e amarguras, às esperanças e remorsos... A morte se aproxima e eu sinto isso; amedronta-me tanto o sorvedouro insondável! Esta noite vi Edmond no sonho. O sangue esvazia-se de seu ferimento e em seu olhar lia-se ódio; ele gritava sacudindo-me:

— Até o nosso breve encontro, *lady* Antônia!

"Deus misericordioso, poupe-me do encontro com a minha vítima e dê-me paz no túmulo!"

O manuscrito acabava com essas palavras. Tomada por tremor nervoso, Mery afastou o caderno, recostou-se no espaldar da poltrona e enxugou a testa úmida. Sentiu uma sensação estranha: as cenas lidas por ela assomavam-se diante dela com vivacidade incrível e, naquele minuto, praticamente se esqueceu de que era Mery, sentindo-se Antônia.

O contato de dedos gelados, tomando-lhe a mão e apertando-a doloridamente, tirou Mery de seus devaneios. Ela retesou-se e um arrepio percorreu-lhe a espinha, quando viu ao lado o sinistro desconhecido de Komnor Castle; em seus olhos, ardendo fosforicamente, lia-se ódio impiedoso e zomba cruel.

— Vejo, duquesa, que a leitura do romance a deixou perturbada; sinto muito mas devo inteirá-la de alguns pormenores adicionais. Quando você examinava à luz de lamparina o rosto do marido vítima de seu amante, enganou-se ao julgá-lo morto; o coitado ainda estava vivo. Ao ser atirado no precipício, eu bati a cabeça contra uma saliência da rocha e quebrei o braço. O ferimento formou um coágulo que estancou a hemorragia. A chuva torrencial trouxe-me à consciência e me vi numa espécie de depressão cercada por paredões lisos, sem conseguir me dar conta do que havia acontecido e de onde estava. A chuva parou e a luz esbranquiçada da aurora filtrava-se naquele buraco horrendo; a dor no ferimento e no braço quebrado tornava-se insuportável. Ao recobrar totalmente a consciência, compreendi que era o meu fim. Gritei pedindo socorro, mas tudo debalde. A chuva recomeçou e eu me protegi na depressão, que se verificou espaçosa — era uma espécie de caverna, à qual me arrastei com muito esforço, quando então perdi os sentidos novamente. Era noite quando voltei a mim. Ouvi o uivo do vento e o chicoteio da chuva pelos rochedos, mas tudo me era indiferente. Um louco desespero apoderou-se de mim: era terrível morrer de fome feito um cão, no resplendor da juventude, a apenas cem passos de seu castelo. Reconheci Walter como meu assassino e, em desespero, injuriei Deus, amaldiçoei o torpe homicida e você, Antônia, ainda que a amasse loucamente, fingindo não saber que você preferia aquele canalha — instrumento de Mendonza... Minha agonia durou dois dias e não existe nada que se compare a meus sofrimentos. Então decidi acabar comigo. No bolso encontrei um pequeno estilete que sempre carregava comigo e que — seria ou não aquilo um escárnio sobre um morto — fora deixado por assassinos. Cravei o estilete no ferimento da cabeça. Que forma original de ser morto e depois se matar por desígnios da mulher amada, não é verdade? Mas, o tanto que eu a amava, agora eu a odeio, pois, por sua culpa sou um renegado. As mal-

dições que lancei em minha ira tresloucada geraram um carrasco que me atormenta, aprisionando-me a este fatídico castelo e àqueles com quem fiquei unido pelo ódio que ferve em minha alma. Mas soou a hora da vingança. Veja, sua pérfida, o que você fez comigo com seu crime.

Mery estava zonza; os olhos cheios de ódio do terrível espectro parecia perpassarem-na. Neste minuto ela esqueceu até as fórmulas e tudo que poderia protegê-la dos monstros do mundo do além. Impotente, sentia-se arrastada com rapidez estonteante; parecia-lhe que não andava, mas voava através do parque e, depois, sobre uma trilha; em seguida, ela foi como que suspensa por uma rajada de vento e rodopiou feito uma folha seca. Uma sacudida forte devolveu a Mery a consciência da realidade e ela esquadrinhou o olhar em volta.

Estava numa pequena plataforma cercada de rochedos altos que formavam uma espécie de poço; num dos paredões via-se uma depressão em forma de caverna, iluminada neste minuto por luz avermelhada. Sem meios para resistir à força que a atraía, Mery adentrou a gruta e viu no fundo um esqueleto jazendo na areia, coberto de musgo; seu acompanhante estava parado ao lado. Perto dele, sustentando-se numa poderosa cauda de serpente, postava-se um monstro asqueroso com torso e cabeça humana; em sua cara diabolicamente perversa e cruel pareciam estar gravadas todas as paixões e ele era realmente medonho; patas garrudas revolviam a areia, enquanto as asas negras e dentadas fustigavam o ar com barulho sinistro.

— Olhe para este monstro, gerado por sacrilégio e maldições! Ele é o nosso carrasco, que sempre virá para se interpor no caminho de sua felicidade. Este guardião não só lhe envenenou a vida, como fez fenecer sua alma. Você pertence ao inferno, de onde saiu este monstro sem alma, gerado pelos fluidos venenosos da alma humana revoltosa. É o ódio que faz viver este vingador, conquanto os malefícios, as lágrimas e o sofrimento

das vítimas são o seu alimento. Ele e o Satanás — nosso amo — atraíram-na para cá e agora você me pertence pelas leis do inferno. Você será minha consorte e larva, tal como eu. Há-há-há! Viveremos aqui, onde eu suportei a minha agonia. Está vendo as manchas pretas sobre as pedras? É o meu sangue. E eis — ele se inclinou e pegou no chão um anel — a nossa aliança. Colocarei em seu dedo e sugarei em gotas o seu sangue.

Mery não conseguia se mexer, como que paralisada, e aterrorizada olhava para o terrível espectro que externamente passou por uma brusca mudança. Ele já não aparentava uma pessoa viva e transformara-se numa massa nevoenta, negra, alongada e salpicada por ziguezagues ígneos que, serpenteando feito répteis e estalando, aproximava-se de Mery, pregando nela os olhos incandescidos. Ela tombou no chão e ficou imóvel, achando que caíra em poder do monstro do inferno e que algo de terrível iria ocorrer. Como através de uma névoa, ela viu Cocotó com seu exército; eles tentavam defendê-la do vampiro, mas eram fracos frente àquele gigante do mal.

Subitamente, uma luz azul celeste atingiu Edmond no peito e atirou-o para o lado; entre ele e Mery reverberou o reflexo de uma grande vela de cera, ladeado por clarão amplo, encimado por cruz fulgente. Como que agarradas por furacão, a larva e a materialização viva da maldição foram atiradas para fora da gruta. Mery tombou inânime, sendo encoberta como que por uma mortalha de fluido negro. A visão da vela começou a derreter; a luz azul celeste permaneceu ainda por alguns minutos e, depois, subindo em espiral, desapareceu.

Logo após o desaparecimento de Mery do castelo, Uriel havia retornado da viagem. Mal começou a sacudir a poeira das vestes, contorceu-se de dor na perna; nisso, ele viu Cocotó que o mordera. Furioso, agarrou Cocotó pelo rabo, agitou-o no ar e atirou para longe. Mas o comunicado rabugento do capeta arrefeceu a ira do satanista; imediatamente juntou o pessoal do cas-

telo e todos acorreram ao local do assassinato de Edmond. Uriel desceu pessoalmente no precipício, achou na gruta o corpo inconsciente de Mery e ordenou que fosse transportado para o castelo. Feito isso, ele e o médico corcunda trataram dela. Ao se recobrar do longo desmaio, Mery dormiu um sono profundo até a manhã seguinte.

Ao se levantar da cama, recebeu a visita de Uriel, que lhe trouxera uma bebida tonificante e anunciou-lhe que ficasse pronta para partir de Komnor Castle.

— É perigoso a senhora ficar aqui. Agora é meio-dia; às seis horas partiremos, esteja pronta.

— Para onde irei? Seja lá para onde for, estou muito feliz em sair deste maldito castelo.

— Vá para onde quiser, querida irmã, mas acho que deveria optar por Petersburgo. Ali poderá restabelecer seus antigos contatos, promover a propaganda e atrair mais membros para a nossa irmandade. Não se esqueça de que cada nova alma conquistada para o inferno a fará galgar em sua escada hierárquica.

— Gostaria de me instalar em Petersburgo com minha mãe, na casa de Van der Holm. Presumo que tenho direito.

— Excelente, mas sua mãe deverá viver separada. Devo avisar ainda: tenha cuidado! Estou convicto de que há pessoas que desejam arrancá-la de nossa irmandade e acredito que entrarão em choque conosco; o confronto será terrível e perigoso, pois não vamos deixá-la sair. Tenha cautela e evite aproximar-se de pessoas hostis ou pronunciar as fórmulas contrárias à nossa fé. Seu único senhor é Satanás; é a ele que a senhora deverá obedecer e venerar; não se esqueça disso! Seja diligente e leal, assim terá a nossa proteção contra tudo e todos.

Mery aprontou-se rapidamente para a viagem. Ao ver sobre a mesa o escrínio com o caderno da *lady* Antônia, estremeceu, mas não resistiu contra a curiosidade de examinar os meda-

lhões. Num deles havia o retrato de uma criança incrivelmente bonita; no segundo — um homem jovem, loiro, provavelmente citado na carta de Walter. Por um instante, ela quis ficar com o escrínio e o manuscrito, porém se dominou e trancou-os numa gaveta secreta. Não levaria nada de Komnor Castle; bastavam-lhe as recordações do terrível espectro que quase a matou.

Após algumas horas, quando o carro de Uriel deixava o castelo pela comprida alameda, uma rajada de vento glacial levantou subitamente uma coluna de poeira. Aterrorizada, viu Edmond passando por eles, montado no murzelo, tal como ela o viu durante a caçada. Mery agarrou convulsivamente a mão de Uriel.

— O mais importante é não ter medo, irmã Ralda. Além disso, ele não empreenderá nada contra a senhora em minha presença. O lugar para onde a senhora vai será longe para ele, atado como está a Komnor Castle, e tão logo ele não sairá daqui.

Leia o primeiro romance desta trilogia, "O Terrífico Fantasma" e o final da história no livro "Do Reino das Sombras"

Leia Rochester!

O fantástico mundo da literatura mediúnica!
Psicografia da médium russa Wera Krijanowskaia!

Se você gostou desta obra, compre o livro. Eu gostei e já comprei o meu!